

ALLY CARTER

*New York Times* BEST-SELLING AUTHOR



*So uncommon*

CRIMINALS

A HEIST SOCIETY NOVEL

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Uncommon CRIMINALS

Heist Society 02

Ally Carter

## **Sinopse**

*Katarina Bishop teve um monte de rótulos em sua curta vida. Amiga. Sobrinha. Filha. Ladra. Mas nos últimos dois meses, ela simplesmente foi conhecida como a menina que roubou o maior*

*museu do mundo. É por isso que Kat não ficou surpreendida quando pediram para ela roubar a infame Esmeralda de Cleópatra para que ela pudesse ser devolvida aos seus legítimos proprietários. Havia apenas três problemas. Primeiro, a joia é de propriedade da casa de leilões mais segura do mundo. Em segundo lugar, desde a queda do império egípcio e o suicídio de Cleópatra, ninguém que detém a esmeralda a mantém por muito tempo, e no mundo de Kat, a história se repete quase sempre. Mas é o terceiro problema que deixa a equipe de Kat mais nervosa e isso porque simplesmente... a esmeralda é amaldiçoada.*

*Kat pode estar com dificuldades, mas ela não vai desistir sem lutar. Afinal de contas ela tinha seu melhor amigo — o lindo Hale — e o resto de sua equipe destemida com ela enquanto eles perseguem o Cleópatra ao redor do mundo, percebendo que os mesmos truques e trapaças que sua família tem usado há séculos são inúteis neste momento.*

*O que significa que, neste momento, Katarina Bishop está fazendo suas próprias regras.*

# Capítulo 1

*Traduzido por Polly*

Moscou pode ser um lugar frio e duro no inverno. Mas a grande casa velha em Tverskoy Boulevard sempre parecia imune a esses fatos particulares, da maneira que parecia imune a muitas coisas ao longo dos anos.

Quando filas de pessoas esperando comida encheram as ruas durante o reinado dos czars\*, a grande casa tinha caviar. Quando o resto da Rússia tremia nos ventos siberianos, a casa tinha fogo e luz a gás em todos os quartos. E quando a Segunda Guerra Mundial tinha acabado e lugares como Leningrad e Berlim não eram nada além de escombros e paredes em ruínas, os moradores da grande casa em Tverskoy Boulevard só tinham que pegar um martelo e bater em um único prego — para pendurar uma pintura que caiu no topo das escadas — para marcar o fim de uma longa guerra.

*(\*N.T.: Czar (tsar em russo): Significa "imperador". Foi o título utilizado pelos soberanos russos, no período de duração do Império Russo, entre 1547 e 1917.)*

A tela era pequena, talvez apenas vinte por vinte e cinco centímetros. As pinceladas eram leves, mas meticulosas. E o tema, o campo perto de Provença, uma vez foi um dos favoritos de um artista chamado Cézanne.

Ninguém na casa falou de como a pintura veio para lá. Nem um único membro da equipe sequer perguntou do homem da casa, um oficial Soviético de alta patente, conversou sobre a tela, ou a guerra ou qualquer coisa que ele possa ter realizado em batalha ou como ganhou um prêmio tão extravagante. A casa em Tverskoy Boulevard não era de histórias, todo mundo sabia. E, além disso, a guerra tinha acabado. Os nazistas tinham perdido. E para os vencedores ficaram os espólios.

Ou, como nesse caso, as pinturas.

Eventualmente, o papel de parede desbotou, e logo poucas pessoas realmente se lembravam do homem que trouxe a pintura para casa na Alemanha Oriental recém libertada. Nenhum dos vizinhos se atreveu a sussurrar as letras *K-G-B*. Dos velhos socialistas e novos socialites que irromperam pelas portas abertas para as festas, nenhum se atreveu a mencionar a máfia russa.

E a pintura continuou pendurada, a música continuou a tocar, e a própria festa pareceu durar — ecoando para a rua, desaparecendo no ar gélido da noite.



A festa na primeira sexta-feira do mês de fevereiro era uma angariação de fundos — embora para que causa ou fundação, ninguém realmente sabia. Não importava. As mesmas pessoas foram convidadas. O mesmo chef estava preparando a mesma comida. Os homens estavam fumando os mesmos charutos e bebendo a mesma vodca. E, é claro, a mesma pintura ainda estava no topo da escada, olhando para os festeiros abaixo.

Mas um dos festeiros não era, na verdade, o mesmo.

Quando ela deu ao homem na porta um nome da lista, seu russo tinha um leve sotaque. Quando ela entregou seu casaco para uma criada, ninguém parecia perceber que era clara demais para alguém que tinha passado muito tempo no inverno de Moscou. Ela era muito pequena; seu cabelo preto emoldurava um rosto que era em todos os sentidos muito jovem. As mulheres assistiram ela passar, olhando para a competição. Os homens quase não notaram ela afinal enquanto ela mordiscava, tomava um gole e esperava até mais tarde e as pessoas tornaram-se embriagadas. Quando o momento finalmente chegou, nem uma alma viu quando a menina com a pele suave e pálida subiu as escadas e deslizou a pequena pintura do prego que a segurava. Ela caminhou até a janela.

E pulou.

E nem a casa em Tverskoy Boulevard e nem um dos seus ocupantes viram a menina ou a pintura novamente.

## Capítulo 2

*Traduzido por Polly*

Ninguém visita Moscou em fevereiro só por diversão.

Talvez seja por isso que a agente da alfândega olhou tão curiosamente para a adolescente mais pequena do que a média, que ficou na fila por detrás de pessoas de negócios e expatriados que estavam chegando em Nova York naquele dia, optando por fugir do inverno russo.

— De quanto tempo era a sua visita? — a agente perguntou.

— Três dias — foi a resposta da moça.

— Você tem algo a declarar? — A agente da alfândega baixou a cabeça, estudou a menina por cima de seus óculos de meia-lua. — Você está levando algo para casa com você, querida?

A menina pareceu considerar isso, então balançou a cabeça. — Não.

Quando a mulher perguntou: — Você está viajando sozinha? — ela parecia menos como uma funcionária do governo fazendo a sua diligência e mais como uma mãe preocupada que uma menina tão jovem poderia estar viajando pelo mundo sozinha.

Mas a menina parecia perfeitamente à vontade quando ela sorriu e disse: — Sim.

— E você estava viajando a negócios ou por prazer? — a mulher perguntou, olhando para o azul pálido que formava os brilhantes olhos azuis da moça.

— Prazer — a jovem disse. Ela alcançou o seu passaporte. — Eu tive que ir a uma festa.



Mesmo que ela tivesse acabado de desembarcar em Nova York, quando Katarina Bishop caminhou pelo aeroporto naquela tarde de sábado, sua mente não ajudava, apenas derivava para todos os lugares que ela ainda tinha que ir.

Havia um Klimt no Cairo, rumores de um Rembrandt muito legal escondido em uma caverna nos Alpes Suíços, e uma estátua de Bartolini vista pela última vez em algum lugar nos arredores de Buenos Aires. Ao todo, havia pelo menos uma meia dúzia de trabalhos que poderia vir a seguir, e os pensamentos de Kat vagaram por eles como um labirinto. E a parte que mais pesava sobre ela eram os trabalhos sobre os quais ela não sabia — os tesouros roubados que ninguém ainda tinha encontrado. Os Nazistas tinham precisado de um exército, ela disse a si mesma, para roubar todos eles. Mas ela era apenas uma menina — uma ladra. Ela se sentiu exausta, lembrando que poderia levar uma vida inteira para roubar todos eles de volta.

Quando ela pisou na longa escada rolante e começou sua descida, Kat estava completamente inconsciente do rapaz alto com ombros largos atrás dela até que ela sentiu o peso da sua bolsa subir suavemente de seu ombro. Ela se virou e olhou para cima, mas não sorriu.

— É melhor você não estar tentando roubar isso — ela disse.

O menino deu de ombros e alcançou a pequena mala de rodinhas aos pés dela. — Eu não ousaria.

— Porque eu sou excelente em gritar.

— Eu não duvido.

— E uma lutadora. Minha prima me deu uma lixa de unha... a coisa é como um canivete.

O garoto concordou lentamente. — Eu vou manter isso em mente.

Quando chegaram ao fim da escada rolante, Kat deu um passo para o chão liso e percebeu o quão insana — e incrivelmente desleixada — ela era por não ter visto o garoto que qualquer mulher no terminal estava olhando abertamente. Não era porque ele era bonito (embora ele fosse); não era porque ele era rico (embora isso também era inegável); era simplesmente algo sobre



W. W. Hale Quinto — uma confiança que Kat sabia que não podia ser comprada (e quase certamente nunca poderia ser roubada).

Então ela deixou ele levar suas bolsas. Ela não protestou quando ele caminhou tão perto que o seu ombro roçou no braço de seu pesado casaco de lã. E, no entanto, além disso, eles não se tocaram. Ele nem sequer olhou para ela quando ele disse: — Eu teria enviado um jato.

— Olha— ela olhou para ele, — eu estou tentando ganhar milhas.

— Oh, bem, quando você coloca dessa forma... — Uma fração de segundo depois, Kat viu seu passaporte aparecer nas mãos de Hale como que por magia. — Então, como estava Moscou, Srta... McMurray. — Ele olhou para ela. — Você não se parece com uma Sue.

— Moscou estava fria — Kat respondeu.

Ele virou a página do passaporte e examinou os carimbos. — E o Rio?

— Quente.

— E...

— Eu soube que o meu pai e o tio Eddie chamaram você para o Uruguai. — Ela parou subitamente.

— Paraguai — ele corrigiu. — E foi mais uma intimação do que um convite. Eu infelizmente rejeitei. Além disso, eu realmente queria fazer um trabalho Smash e Grab\* em uma mansão com metade da antiga KGB. — Ele deu um longo suspiro. — Pena que eu nunca recebi esse convite.

*(\*\*N.T.: Smash e Grab: Uma forma de pequenos furtos, onde o ladrão tem uma quantidade limitada de tempo antes de ele fugir do local, e assim maximiza esta oportunidade quebrando o vidro de uma loja ou de vitrine e pega tantos despojos quanto possível em um único golpe.)*

Kat olhou para ele. — Foi mais como *pegar* e fugir.

— Que pena. — Hale sorriu, mas Kat sentiu muito calor no gesto. — Sabe, me disseram que eu posso realmente usar um smoking.

Kat sabia. Ela realmente esteve lá quando a sua prima Gabrielle tinha dito isso para ele. Mas smokings, Kat sabia, não era realmente a questão.

— Foi um trabalho fácil, Hale. — Kat lembrou do vento frio em seu cabelo enquanto ela estava na janela aberta. Ela pensou sobre o prego vazio que provavelmente passaria despercebido até de manhã, e ela teve que rir. — Totalmente fácil. Você teria ficado entediado.

— Sim — ele disse. — Porque *fácil* e *chato* são duas palavras que eu frequentemente associo com a KGB.

— Eu estava bem, Hale. — Ela alcançou ele. — Estou falando sério. Era um trabalho de uma pessoa só. Se eu precisasse de ajuda eu teria chamado, mas...

— Eu acho que você simplesmente não precisa de ajuda.

— A família está no Uruguai.

— Paraguai — ele corrigiu.

— A família está no *Paraguai* — Kat disse mais alto, mas então ela se sentiu ficar quieta. — Eu pensei que você estava com a família.

Ele deu um passo em direção a ela, estendeu a mão, e deslizou o passaporte no bolso do casaco dela, logo acima de seu coração. — Eu odiaria ver você perder isso.

Quando ele começou a ir para o lado de fora, Kat observou as grandes portas deslizarem abertas. Ela se preparou contra o vento gelado, mas Hale parecia imune ao frio quando ele se virou e chamou atrás dele: — Então... um Cézanne, hein?

Ela levantou dois dedos separados. — Apenas um... Weatherby? — ela adivinhou, mas Hale apenas riu quando um longo carro preto parou no meio-fio. — Wendell? — Kat adivinhou novamente, correndo para alcançá-lo. Ela deslizou entre o menino e o carro, e ali de pé, com o seu rosto a centímetros do dela, a verdade sobre o que os Ws do seu nome eram parecia não importar afinal. As razões que ela tinha trabalhado durante todo o inverno sopraram para longe com a brisa.

Hale está *aqui*.

Mas então ele se aproximou — dela e de uma linha que não podia ser descruzada — e Kat sentiu seu coração acelerar.

— Com licença — uma voz profunda disse. — Senhorita, com licença.

Levou um momento para Kat realmente ouvir as palavras, dar um passo longe o suficiente para permitir que o homem alcançasse a porta. Ele tinha cabelos grisalhos, olhos cinzentos, e um sobretudo de lã cinza, e o efeito, Kat pensou, era que ele era parte mordomo, parte motorista, e uma parte literalmente de um homem de aço.

— Você sentiu minha falta, não é, Marcus? — ela perguntou quando ele pegou suas malas e carregou com uma facilidade graciosa para o porta-malas aberto.

— De fato — ele disse em um espesso sotaque britânico, cuja origem Kat tinha há muito tempo parado de tentar identificar. Então, com a ponta de seu chapéu, ele terminou: — Bem-vinda ao lar, senhorita.

— Sim, Kat — Hale disse lentamente. — Bem-vinda ao lar.

O carro, sem dúvida, estava quente. As estradas para o triplex do tio Eddie ou a casa de campo de Hale estavam todas livres de neve e gelo, e eles dois poderiam estar estabelecidos em algum lugar seco e seguro dentro de uma hora.

Mas a mão de Marcus permaneceu no trinco da porta por um segundo muito longo. Quinze anos como sobrinha do tio Eddie e filha de Bobby Bishop tinha deixado seus sentidos um pouco forte demais. E o vento estava soprando justo na direção certa, perfeitamente calibrado para levar a palavra pelo ar quando uma voz gritou: — Katarina!



Em toda a vida de Kat, apenas três pessoas habitualmente chamavam ela pelo primeiro nome completo. Uma tinha uma voz que era profunda e rouca, e ele atualmente estava dando ordens no Paraguai. Ou Uruguai. Uma tinha uma voz que era suave e gentil e

ele estava em Varsóvia, examinando o Cézanne há muito tempo perdido, elaborando planos para levá-lo para casa. Mas era a última voz que Kat temia quando ela girou para longe do carro, porque a última voz, vamos encarar isso, pertencia ao homem que provavelmente queria matá-la.

Kat olhou para a longa fila de táxis pegando passageiros, viajantes abraçando e dizendo olá. Ela esperou. Ela assistiu. Mas nenhuma dessas três pessoas apareceram.

— Katarina?

Havia uma mulher caminhando em sua direção. Ela tinha cabelos brancos e olhos bondosos e usava um casaco de tweed longo e um cachecol de tricô feito a mão enrolado em torno de seu pescoço. O jovem ao seu lado manteve seu braço em volta dos ombros da mulher, e os dois se moveram lentamente — como se Kat fosse feita de fumaça e pudesse flutuar na brisa.

— Você é a Katarina Bishop? — a mulher perguntou, com os olhos arregalados. — Você é a garota que roubou o Henley?

## **Capítulo 3**

*Traduzido por Polly*

Se uma pessoa queria ser técnica sobre o assunto, Katarina Bishop não roubou o Henley — nem qualquer membro do seu grupo. Ela era simplesmente uma pessoa em um grupo de adolescentes que entraram no museu mais seguro do mundo poucos meses antes e removeu de suas paredes quatro pinturas que não eram propriedade do Henley. As pinturas não apareciam em nenhuma declaração de seguros. Elas nunca foram listadas em qualquer catálogo. O Henley nunca tinha pago um centavo por qualquer uma dessas obras, por isso mesmo que Kat levou uma (um Rembrandt) para fora do museu, ela não estava quebrando uma única lei. (Uma técnica verificada pelo tio Marco — um membro da família que já passou dezoito meses representando um juiz federal em algum lugar em Minnesota.) Por isso, foi com absolutamente nenhuma hesitação que Kat olhou para a mulher e disse: — Desculpa. Você foi mal informada.

— *Você é Katarina Bishop?* — o companheiro da mulher perguntou, e embora Kat nunca tenha encontrado ele antes, era uma pergunta e um tom que ela tinha escutado muito desde dezembro passado.

A garota que planejou o trabalho no Henley deveria ser mais alta, a pergunta parecia dizer. Ela deveria ser mais velha, mais sábia, mais forte, mais rápida, e em geral *mais* do que a menina pequena que estava diante deles.

— *A Katarina Bishop...* — O homem pausou, procurando palavras, em seguida, sussurrou, — *a ladra?*

Essa, como se viu, não era uma pergunta fácil de responder. Afinal de contas, roubar — mesmo para causas nobres e dignas — era ilegal. Além disso, se seus sotaques eram de se jogar, eles são estrangeiros *ingleses*, e a Inglaterra é a casa do Henley, dos curadores do Henley, e, talvez o mais importante, da companhia de seguros do Henley.

Mas a principal razão que Kat não podia — ou não o fez — responder era que ela já não se considerava uma ladra. Kat era

uma artista de retorno, uma especialista em recuperação de bens. Uma criminosa altamente incomum. Afinal, a estátua que ela roubou no Rio pertencia por direito a uma mulher cujos os avós morreram em Auschwitz. A pintura de Moscou logo estaria voando em seu caminho em direção a um homem de noventa anos de idade que vivia em Tel Aviv.

Então não, Katarina Bishop não era uma ladra, e foi por isso que ela disse: — Eu receio que vocês acharam a pessoa errada — e voltou para Hale e a longa limusine preta.

— Nós precisamos da sua ajuda. — A mulher se aproximou dela.

— Sinto muito — Kat disse.

— Nós fomos levados a acreditar que você era bastante talentosa.

— O talento é superestimado — foi a resposta de Kat.

Ela se aproximou do carro, mas a mulher alcançou o seu braço.

— Nós podemos pagar!

Com isso, Kat teve que parar.

— Eu receio que você pegou *realmente* a pessoa errada.

Com um olhar de Kat, Hale alcançou para a porta da limusine.

Kat estava a meio caminho para dentro quando a mulher chamou:

— Ele disse que você... ajuda as pessoas. — Sua voz falhou, e o jovem apertou sua mão ao redor dos ombros dela.

— Vovó, vamos embora. Nós não deveríamos ter acreditado nele.

— Quem? — A palavra foi mais aguda do que ela pretendia, mas Kat não podia evitar. Ela escalou para fora do carro. — Quem lhe disse o meu nome? Alguém disse que você poderia me encontrar, quem foi?

— Um homem... — a mulher murmurou, procurando desajeitadamente as palavras. — Ele foi muito convincente. Ele disse...

— Qual era o nome dele? — Hale se aproximou do jovem, que tinha certa de oito anos e cinco centímetros a mais que ele.

— Ele veio ao nosso apartamento... — o homem começou, mas o sussurro da mulher era tudo o que Kat podia ouvir.

— Romani. — Ela respirou fundo. — Ele disse que seu nome era Visily Romani.

## Capítulo 4

*Traduzido por Polly*

Talvez você nunca tenha ouvido o nome Visily Romani. Até que dois cartões separados que carregavam esse nome apareceram no Henley quatro meses antes, poucas pessoas já ouviram. Kat nunca tinha ouvido essas palavras até esse momento, mas Kat ainda era uma pessoa muito jovem em um mundo muito velho. Desde então, Kat dizia a si mesma que ela tinha ficado muito, muito mais velha.

Pelo menos foi assim que ela se sentiu uma hora mais tarde quando ela sentou ao lado de Hale em um pequeno restaurante tranquilo, não muito longe do triplex do tio Eddie no Brooklyn ao lado da ponte. A idosa e seu acompanhante estavam sentados do outro lado da cabine. Sem palavras e desgastados, ambos pareciam como se tivessem viajado um longo, longo caminho para chegar aqui.

O lugar estava quase vazio, e ainda assim o jovem não parava de olhar por cima do ombro para a garçonete limpando mesas e a menina da faculdade que estava sentada perto da janela usando fones de ouvido e estudando um livro sobre direito constitucional. Ele observou o lugar com os seus olhos castanhos afiados por detrás de seus óculos de tartaruga.

Quando ele perguntou: — Tem certeza de que não devemos ir a algum lugar mais privado? — ele na verdade soou com medo.

— Isso é privado o suficiente — Hale respondeu.

— Mas... — o cara começou, mas então Kat colocou seus cotovelos sobre a mesa.

— Quem são vocês e por que vocês estão me procurando?

— Meu nome é Constance Miller, senhorita Bishop — a mulher de cabelos brancos disse. — Ou, posso chamar você pelo seu nome de batismo? Eu sinto como se eu conhecesse você... você e o Sr. Hale. — Ela sorriu para Hale. — Um jovem casal tão adorável. — Kat se mexeu no seu assento, mas a velha continuou. — Eu me tornei uma espécie de fã. — Ela soou quase tonta, como se toda a sua vida fosse constituída de vendas de bolos e romances de Agatha Christie, e agora ela se encontrava dentro do último.

— Eu quero dizer — a mulher continuou, — há algo que eu gostaria que você roubasse.

— Vovó, *por favor*.

— Oh, Marshall — a mulher disse, acariciando as mãos de seu neto, — *eles são profissionais*.

Hale arqueou as sobrancelhas e sorriu para Kat. Kat chutou ele e fez um gesto para a mulher ir em frente.

— Mas, vovó, eles são... — Ele olhou através da mesa e baixou a voz. — Crianças.

— Você tem vinte e cinco anos — ela disse a ele.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

Ela encolheu os ombros. — Para mim, todos vocês são crianças.

Kat não queria gostar dessa mulher. Carinho faz as pessoas ficarem relaxadas, assumirem riscos. Fazerem favores. Então, Kat não se permitiu sorrir. Ela apenas focou na única coisa que ela realmente tinha que saber.

— Como a senhora conheceu Visily Romani?

— Ele veio me ver em Londres há duas semanas. Ele estava familiarizado com a nossa situação e disse que você...

— Como ele era? — Kat se encontrou inclinando sobre a mesa, se pressionando para mais perto da única pessoa que ela já conhecera que tinha olhado Romani nos olhos. — O que ele disse? Ele lhe deu alguma coisa ou...

— Você já foi para o Egito, Katarina? — a idosa perguntou, mas não esperou por uma resposta. — Eu nasci lá. — Então ela sorriu. —



Oh, era um belo lugar para ser uma criança. As cidades são vivas, desertas, tão grandes e vastas, como o oceano, entende. Dormimos sob grandes redes brancas e brincamos no sol. Meu pai, ele era um homem brilhante. Forte, corajoso e valente — a mulher disse com um balanço de um punho. — Ele era um arqueólogo, ele e minha mãe, e naquele dia... bem... naquele dia, o Egito era o único lugar para estar.

— Isso é muito legal, minha senhora, mas eu acredito que a senhora disse algo sobre... — Hale começou, mas a mulher continuou.

— Alguns olhavam para a areia e o sol e diziam que era uma terra árida, incivilizada. Mas meu pai e minha mãe, eles sabiam que não é a superfície de um lugar que importa. A civilização não é feita de areia — é de sangue. Meus pais procuraram por anos. Guerras assolaram, e eles procuraram. Crianças nasceram, e eles procuraram. No passado, isso chamava eles. — Seu olhar se desviou para o espaço. — Como eu acho que agora isso me chama.

Kat concordou e pensou nos tesouros roubados mais de meio século antes, pinturas que ela nunca tinha visto que ela ansiava por tocar e segurar.

— Vovó — Marshall disse suavemente, colocando uma mão no ombro da mulher, — talvez devêssemos pegar um pouco de chá.

— Eu não quero chá! Eu quero justiça! — Seu punho frágil bateu na mesa. — Eu quero que esse homem perca a pedra assim como os meu pais perderam tudo o que tinham!

— Pedra? — Hale disse, sentando ereto. — Que pedra?

Mas o cara nem sequer reconheceu a pergunta. — Qual é, vovó, se os melhores advogados na Inglaterra não podem nos ajudar, o que essas duas crianças...

— Crianças que roubaram o Henley — Hale adicionou. Kat chutou ele por debaixo da mesa novamente.

— ...deveriam fazer sobre isso? — Marshall terminou.

— Meus pais encontraram, Katarina. — De repente, as mãos da mulher estavam se estendendo para segurar os finos dedos de Kat com os seus. — Eles encontraram... a uma centena de quilômetros

de Alexandria, apenas uma pedra arremessada no mar. Eles encontraram uma das câmaras do tesouro do último faraó do Egito.

— O último faraó... — Kat começou.

A mulher suspirou e sussurrou: — Eu suponho que você pode conhecê-la melhor como Cleópatra.

Quando os dedos de Kat começaram a formigar, ela não sabia se eram as palavras da mulher ou o seu aperto que entorpeceu ela.

— Oh, era uma visão gloriosa. Cleópatra sabia que o seu império estava com os dias contados, e ela tinha tomado muito cuidado para esconder seus melhores tesouros dos Romanos. A câmara era a maior que os meus pais já viram. Urnas, estátuas e ouro... tanto ouro. Lembro de brincar de esconde-esconde com a escavadeira em montanhas tão altas de ouro, que poderiam muito bem ter sido feitas de areia.

Ela abriu a bolsa que estava em seu colo e tirou uma desbotada fotografia em preto e branco do forro interno. Suas mãos pareciam especialmente frágeis quanto ela a segurou, olhando para uma memória.

— Isso foi o mais feliz que eu já fui — a mulher disse, segurando a foto para Kat e Hale como uma oferenda. Kat se inclinou sobre a mesa de jantar barata e estudou a imagem de uma menina em um vestido branco entre os tesouros de uma rainha.

— O que aconteceu? — Hale disse novamente.

— Kelly... aconteceu — o neto falou, e o som daquele nome foi o suficiente para tirar o sorriso do rosto da mulher.

— Eu nunca gostei dele, e você deve sempre confiar nos instintos das crianças — ela disse, então riu suavemente. — Mas eu acho que vocês já sabem disso.

Kat concordou e disse. — Continue.

— Bem, meus pais encontraram a câmara, e durante os três dias para o processo de documentação, minha mãe entrou em trabalho de parto prematuro do meu irmão. Foi terrível. Quase perdemos os dois. Mas meus pais tinham encontrado a descoberta de suas carreiras, então eles estavam felizes. Meu pai tinha um jovem assistente que ele deixou para supervisionar o trabalho enquanto minha mãe se recuperava. Meus pais ficaram fora duas

semanas. *Duas semanas.* — As últimas palavras que ela disse não eram mais altas do que um sussurro. — Vocês sabem o quanto sua vida pode mudar em duas semanas?

Kat sentiu a perna de Hale pressionando contra a dela embaixo da mesa, mas nenhum dos dois disse uma palavra. Nenhum dos dois tinha o que fazer.

— Ele levou tudo, senhorita Bishop. Nas duas semanas que minha mãe ficou perto da morte, o assistente dos meus pais levou tudo o que eles trabalharam durante toda a vida.

— Ele reivindicou a descoberta? — Kat adivinhou.

— Pior — a mulher disse. — Ele embalou tudo e começou a vender. Nenhuma peça foi registrada. Nada foi registrado ou examinado. Os artefatos foram amontoados em navios e transportados através do Mediterrâneo. A História foi vendida pelo maior lance em um momento em que o mundo pagava muito bem pelos tesouros dos reis. Ou rainhas, como no caso.

Em seguida, a mulher pegou um lenço, mas ela não começou a chorar. Ela apenas estudou Kat e Hale e disse a eles: — Meus pais ficaram desacreditados e sem dinheiro, a chacota do mundo arqueológico. A descoberta de suas carreiras se foi, tomada pela pessoa que eles mais confiavam.

— Mas certamente eles disseram para as pessoas? — Hale nem sequer tentou esconder o ceticismo em sua voz. — Certamente alguém sabia no que eles estavam trabalhando e o que eles tinham encontrado.

— Oh, mas era um lugar selvagem, Sr. Hale. Aqueles eram tempos perigosos. Saqueadores estavam por toda parte; ladrões de túmulos, caçadores de tesouros. Arqueólogos de verdade eram extremamente cuidadosos com o seu trabalho. O segredo era primordial.

— Mas depois... — Kat começou.

A mulher bufou. — Depois? Depois, eles ficaram quebrados e abandonados. Depois, eles não tinham nada, apenas seu orgulho e seus filhos. Eu, senhorita Bishop... meu irmão e eu fomos as únicas coisas que foram carregados para fora daquela areia, e logo eu também vou virar pó. — Ela respirou fundo, e suas delicadas mãos

seguraram o lenço apertado. — É tarde demais para os meus pais terem o que era deles. Mas não é tarde demais para o Egito ter o que é do Egito.

Ela colocou as mãos sobre a mesa e se inclinou para frente, com uma nova urgência em seus olhos. Era o olhar de uma mulher com um propósito — um plano.

— Há um museu no Cairo, que terá a pedra se eu puder entregar a eles. Eles deveriam ter tido a meio século atrás, mas melhor tarde do que nunca. — Então ela parou. Ela parecia estar estudando Kat novamente quando ela disse: — Deve ser um sentimento maravilhoso pegar algo bonito e devolver a seu legítimo lar. Você não concorda, Katarina?

— O que... — Kat balançou sua cabeça. — O que Visily Romani disse sobre mim?

— Que você rouba coisas. — Mais uma vez, a mulher deu uma risada suave. Kat tentou ver alguma coisa da menina do retrato em seus olhos, mas muito tempo, sol e areia estavam entre elas.

Hale sentou um pouco mais ereto. — O nome do assistente dos seus pais era Kelly?

A mulher sorriu. — Sim.

— Oliver Kelly? — Hale perguntou.

A mulher riu de novo e procurou os olhos de Kat. — Sim, Katarina, o fundador da maior casa de leilões do mundo foi um covarde, um saqueador... *um ladrão*.

Lá fora, uma chuva fria estava caindo. Kat podia ouvir as gotas caindo contra as janelas da lanchonete, e ela pensou em Varsóvia e no olhar nos olhos de Abiram Steins quando ele falou sobre a guerra, o nazismo e as pinturas.

— Olhe para essa imagem, Katarina. — A mulher deslizou a foto instantânea para o outro lado da mesa.

— É adorável...

— *Olhe mais de perto*.

Kelly. Egito. Cleópatra. As palavras encheram o lugar como o aroma de café e o som da chuva. Kat olhou mais uma vez e viu uma menina em um longo vestido branco, uma sala ornamentada,

duas mãos bronzeadas e a maior joia que Katarina Bishop já tinha visto.

— Isso é...

— Sim.

— Então isso é...

O neto engoliu. — Sim.

— E você quer que nós...

— Seu amigo, o Sr. Romani, nos garantiu que você está perfeitamente qualificada. Se é uma questão de financiamento, receio que nossos esforços legais nos deixaram mais pobres do que nós éramos antes, mas temos alguns bens que poderíamos liquidar. Isso... — a mulher agarrou um medalhão antigo que pendia de uma corrente no seu pescoço. — Eu conheço um negociante que me daria dois mil e setecentos reais.

— Não é pelo dinheiro — Kat disse, sacudindo a cabeça. — É só que... você quer que a gente rastreie e roube a Esmeralda de Cleópatra?

— A Esmeralda de Cleópatra? — Hale acrescentou com ênfase.

— Oh, sim. — Pela primeira vez, o neto sorriu. — A que é amaldiçoada.

## Capítulo 5

*Traduzido por Polly*

Não importava que estava chovendo quando Kat e Hale deixaram o restaurante — eles acenaram para Marcus no longo carro preto distante. Parecia bom, de alguma forma, andar no vento frio com suas golas levantadas, tremendo contra a neblina sombria. Seus pensamentos, afinal, estavam no Egito e na areia.

E nas maldições.

— Eles são muito legais. — Hale manteve as mãos nos bolsos, mas levantou o rosto para o céu, água respingando em sua pele.

— Sim — foi a resposta de Kat.

— Legal é... refrescante.

Kat riu e se virou automaticamente para uma rua estreita. — Sim.

— E arriscado.

— Uh-hum.

— E eles parecem ser o tipo de pessoas que realmente poderiam precisar de ajuda.

— De alguém bom — Kat ofereceu.

— De alguém estúpido. — Hale parou tão de repente que Kat passou por ele. Ela teve que virar para vê-lo dizer: — Mas nós não somos estúpidos, não é, Kat?

— Não. É claro...

— Então, sob nenhuma circunstância vamos pegar este trabalho?

— Claro que não — Kat disse justo quando a chuva se voltou para as folhas, forte e fria. Hale agarrou a mão dela e a puxou para um familiar alpendre, sob o baixo beiral do telhado acima. Ela estremeceu, a porta de madeira em suas costas, enquanto Hale se aproximou, protegendo ela, procurando os olhos dela.

As janelas da casa estavam escuras, e a rua estava vazia. Não havia carros, nem babás empurrando carrinhos e nem pedestres

caminhando para casa. Pareceu como se Kat e Hale fossem as duas únicas pessoas em Nova York. Eles poderiam roubar qualquer coisa que quisessem.

*Mas eu não roubo mais,* Kat disse para si mesma. *Não roubo mais nada.*

— Não tem ninguém em casa — ela disse a ele.

Água se agarrou aos cantos de sua boca. — Nós poderíamos arrombar uma fechadura. Jimmy abriu uma janela.

— Sabe, aposto que há uma chave escondida por aqui em algum lugar — ela tentou provocar, mas Hale se moveu para mais perto. Ela não podia ver a rua. Ela não podia sentir a chuva. Seu passaporte estava em seu bolso, e quando ele se pressionou contra ela, ela quase podia sentir os carimbos queimando, dizendo ao mundo que ela estava longe de casa há muito tempo.

As mãos de Hale estavam em seu pescoço — quentes, grandes e reconfortantes. Era estranho, novo e diferente.

Kat temia que ela não tivesse ficado longe tempo suficiente.

— Kat — Hale sussurrou. Sua respiração era quente contra sua pele. — Quando você aceitar esse trabalho, nem sequer pense em roubar a esmeralda sem mim.

Kat tentou se afastar, mas a porta estava lá, pressionando contra suas costas. — Eu não vou...

Mas então ela não pôde terminar porque não tinha *nada* contra suas costas. Kat encontrou-se caindo, estendendo a mão para Hale, mas suas mãos agarraram apenas o ar até que ela estava deitada de costas na entrada.

— Olá, Kitty Kat. — Kat olhou para um par familiar de pernas longas e uma saia curta. Sua prima Gabrielle cruzou os braços e olhou para baixo. — Bem-vinda ao lar.



Kat não tinha percebido como ela estava fria até que ela se viu deitada no chão da velha casa. Não havia fogo na lareira, nem luzes na sala de estar ou nas escadas. Por um segundo, pareceu quase

como um trabalho, como se ela não devesse estar lá. E talvez, ela percebeu, ela não devesse estar.

— Nós pensamos que não tinha ninguém em casa — Kat disse. Gabrielle riu. — Eu percebi.

Mesmo na escuridão, Kat podia ver um brilho nos olhos de sua prima. Um brilho do que, no entanto, ela não se atreveu a perguntar. Ela apenas observou Gabrielle se virar e passear pelo longo corredor, movendo-se através das sombras, leve como um fantasma.

Quando Kat se levantou e a seguiu, com Hale em suas costas, ela escutou o assoalho ranger, os gemidos da velha casa na tempestade. Parecia muito grande. Muito escura. Muito vazia.

— Uau. Ele realmente se foi — Hale disse, consternado.

— Sim. — Gabrielle chegou à porta da cozinha e soltou uma rápida risada curta. — Eu acho que o tio Bobby não estava muito feliz com isso, também, ninguém pensou que Eddie realmente iria para o Paraguai. Mas você provavelmente já ouviu tudo sobre isso. — Ela estudou sua prima através da luz fraca. — Você falou com seu pai, não é?

— Claro que eu falei — Kat disse, alcançando o interruptor de luz.

Quando as luzes piscaram à vida, Kat teve que apertar os olhos contra a claridade. Ela meio que esperava que seu tio aparecesse misteriosamente, com uma colher na mão, reclamando que ela estava atrasada e que a sopa estava fria.

— Como está no Paraguai? — Hale perguntou, alheio ao fantasma que Kat estava sentindo, se espremendo e passando por ela para dentro da cozinha, como se ele tivesse morado ali toda a sua vida.

— Tudo bem, eu acho — Gabrielle disse, com um encolher de ombros. — Ou tão bem como um trabalho tão grande pode ser. Todos estão a bordo. — Ela sentou, jogou os pés sobre a mesa, e olhou para sua prima. — Bem... *quase* todos. — Ela puxou uma faca de sua bota e uma maçã de uma tigela e começou a descascar em uma longa espiral estável. — Então, vocês vão me dizer qual é o grande segredo? — Ela olhou de Kat para Hale e então voltou



novamente. — Porque parecia que vocês estavam ficando bastante aconchegados lá fora, falando de alguma coisa. Ou talvez vocês não estivessem falando...

Kat sentiu começar a corar, mas antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Hale abriu a geladeira e anunciou: — Kat vai roubar a Esmeralda de Cleópatra.

— Que engraçado — Gabrielle disse. Levou um momento para a mão com a faca fazer uma pausa no meio do ar. — É engraçado, não é?

O olhar de Kat estava queimando em Hale. — Eu nunca disse que eu iria fazer isso — ela disse para ele. — Eu nunca disse...

— É claro que você vai fazer isso. — A porta da geladeira bateu, e Hale virou. — Quero dizer, é o que você faz agora, não é? Viaja pelo mundo, corrigindo erros. Um grupo de recuperação de uma-mulher.

Kat queria responder, mas os pés de Gabrielle já estavam fora da mesa, e ela estava se inclinando mais perto de Kat, com a faca na mão.

— Diga-me que ele está brincando, Kat... Diga-me você não está pensando seriamente em roubar a Esmeralda de Cleópatra.

— Não — Kat disse. — Quer dizer... bem... nós acabamos de conhecer uma mulher que diz que a esmeralda foi realmente descoberta por seus pais...

— Constance Miller — Gabrielle preencheu.

— Você a conhece? — Kat disse.

— Eu sei tudo que há para saber sobre a esmeralda mais valiosa do mundo, Kat. *Eu sou uma ladra.*

— Eu também — Kat atirou de volta, mas sua prima apenas continuou.

— Estou falando sério. A Esmeralda de Cleópatra é noventa e sete quilates de loucura!

— Eu sei.

Atrás dela, Kat ouviu Hale abrindo portas de armário. — Onde está o micro-ondas?

— Tio Eddie não tem um micro-ondas! — as primas retrucaram em unísono, mas nenhuma delas sorriu. Nenhuma das meninas

brincaram. Elas continuaram olhando através da mesa de madeira cheia de marcas que tinha visto a ascensão e queda de quase todos os principais ladrões que a família já teve.

Parecia como um lugar adequado como qualquer outro para Gabrielle dizer: — Você não quer fazer isso, Kat. Você não quer esquecer que a Esmeralda de Cleópatra é a joia mais fortemente guardada do planeta. Nem sequer viu a luz do dia em trinta anos.

— Eu sei — Kat disse para ela.

— Qualquer pessoa com algum senso saberia que Constance Miller é uma velha reclusa que está quase sem dinheiro. — Gabrielle olhou para a prima mais baixa e mais pálida de cima a baixo. — E ela deve estar especialmente desesperada se ela veio até você.

— Obrigada — Kat disse.

— E, acima de tudo — Gabrielle continuou, — nós *verdadeiros* ladrões sabemos que a Esmeralda de Cleópatra foi amaldiçoada desde que Cleópatra pegou a maior esmeralda do mundo e, em toda a sua sabedoria, decidiu dividir ao meio e dar metade para Marco Antônio. Então ele saiu para lutar contra os Romanos...

— E morreu — Hale entrou na conversa atrás delas.

— Cleópatra manteve a outra metade — Gabrielle continuou.

— E morreu — Hale disse novamente.

— E até que as duas pedras estejam juntas novamente, elas não vão trazer nada além de morte e destruição a quem quer que possua uma delas — Gabrielle terminou. Ela se levantou e deu um passo para mais perto de sua prima. — Então, qualquer bom ladrão sabe que ela é amaldiçoada, Kat.

— Não há tais coisas como maldições — Kat tentou responder, mas a garota mais alta já estava cruzando os braços e olhando para baixo de uma forma que fez Kat se sentir especialmente pequena.

— Então como você explica o que aconteceu quando o tio Nester foi atrás dela em 79?

— Lasers queimam coisas, Gabrielle. Não é culpa da Esmeralda que o tio Nester foi desleixado com os dedos.

— E quanto aos Irmãos Garner em 1981?

— Ei, quem pensa que um cabo de rapel sem ser de nível militar pode suportar dois homens adultos e um pequeno burro merece cair de um penhasco.

— E aquela equipe japonesa em 2000?

— Você deve sempre ter um desfibrilador de reserva se você vai tentar o Bela Adormecida. Todo mundo sabe disso. Além disso, o tio Eddie não se importava quando ele foi atrás dela em 67 — Kat tentou.

O olhar de Gabrielle virou gelo. — Ele se importa agora.

— O que aconteceu em 67? — Hale perguntou, mas nenhuma menina pareceu ouvir ou se importar.

Gabrielle se aproximou, silenciosa e mortal como uma cobra. — A coisa mais importante que eu sei, Kitty Kat, é que o Tio Eddie, possivelmente o maior ladrão vivo do mundo, diz que a Esmeralda de Cleópatra *não* deve ser roubada. Eu sei que seja o que for que aconteceu em 67 foi suficiente para assustar o *tio Eddie*, então eu acredito nele quando diz que os trabalhos de Cleópatra acabam mal. Kat, eles sempre acabam mal. — Ela se deixou cair em sua cadeira e cruzou as longas pernas. — Eu não sei que história triste Constance Miller lhe contou, ou como uma mulher que supostamente não deixava sua casa a anos conseguiu encontrar você, ou porquê...

— Visily Romani — Kat se ouviu sussurrar, e ela viu os olhos de Gabrielle ficarem arregalados. — Eles sabiam o nome Romani. Eles disseram que Visily Romani enviou eles.

Era fácil esquecer que havia algumas coisas com mais história do que a mesa de cozinha do tio Eddie, mas ao som do nome antigo, as mãos de Gabrielle foram para a mesa cheia de marcas, e duas palavras encheram a mente de Kat: *Chelovek Pseudonima*.

*Homem de Nome Falso*, o tio Eddie traduziu para ela uma vez, e assim Kat se sentou lá pensando sobre os nomes antigos, os nomes sagrados. Nomes usados por centenas de anos, mas apenas pelos melhores ladrões, e apenas para as causas mais dignas. Kat tremeu, sabendo que essas causas agora incluíam a Esmeralda de Cleópatra.

— Ele ainda está lá fora — Kat disse. — Este homem que se chama de Romani, seja ele quem for, ainda está lá fora, e ele me enviou essas pessoas, porque eu posso ajudá-las. Ele acha que eu posso fazer isso. Eu posso...

— Não você, Kat. Nós. — Hale caiu em um lugar à cabeceira da mesa. Ele não olhou para ela. — Se *você* fizer isso, então *nós* fazemos isso.

— É claro. Sim. *Nós*. Mas não é como se importasse de qualquer maneira — Kat disse a eles com um balanço de cabeça. — A Cleópatra supostamente está presa em algum lugar na Suíça. E mesmo se pudéssemos encontrar... O que foi? O que você está olhando?

Gabrielle olhou para Hale, que balançou a cabeça, deixando Gabrielle embaralhar através da pilha de correspondência que estavam fechadas no fim da mesa.

— Você se foi, Kitty Kat. — Gabrielle deslizou o jornal sobre a mesa, a manchete retumbante que todos podiam ver que a Kelly Corporation estava finalmente trazendo a mais valorizada posse para casa.

Casa.

Nova York.

Kat sentiu o coração bater mais rápido quando ela olhou primeiro para Gabrielle e, em seguida, para Hale.

— Então... o quê? — Hale perguntou lentamente. — Eu acho que agora nós roubamos uma esmeralda?



Havia um quarto no topo das escadas que tinha cortinas brancas de ilhós e duas camas de solteiro com colchas combinando. Havia uma pequena cômoda, e uma cesta de vime, e uma estante de livros cheia de poeira e livros desgastados de Nancy Drews. Esse quarto nunca tinha pertencido ao resto da casa, Kat sempre pensou. Entrar lá era como entrar em outro mundo — com um telefone giratório rosa e uma caixa de música. Uma pequena alcova

em um mundo de homens, um lugar feito inteiramente para as meninas.

Alguém em algum momento tinha bordado o nome *Nadia* sobre um travesseiro, e Kat segurou nos braços enquanto ela estava deitada, olhando para o teto, mas não dormindo. Ela se sentia muito pequena, deitada na cama de sua mãe, ainda tentando caber dentro dos passos dela.

— Então, *Hale*...

Kat se virou e viu a silhueta de Gabrielle na porta, assistindo ela caminhar até a outra cama e deitar no topo do travesseiro com um gracioso bordado que tinha o nome *Irina*.

— O que tem ele?

— O que está acontecendo entre vocês dois?

— Nada — Kat disse, um pouco rápido demais.

— Sim, e por que isso exatamente? Eu pensei que vocês dois estavam tendo um relacionamento. Mas agora você esteve fora metade do tempo e ele está... *zangado*.

— Não, ele não está.

— Sim, ele está. — Gabrielle deu uma curta risada. — Ele não gosta de você indo embora, fazendo esses trabalhos sozinha. — Kat respirou fundo para protestar, mas não antes de sua prima baixar a voz e acrescentar: — *E ele não é o único*.

Kat honestamente não sabia o que dizer, então ela se virou para o lado e fechou os olhos. Ela nem sabia que Gabrielle cruzou o quarto até que ela sentiu o peso da sua prima estatelar no colchão ao lado dela. — Então por que você está fazendo isso?

— Eu... — Kat gaguejou, procurando as palavras no escuro. — Eram trabalhos fáceis, Gabrielle.

— Talvez no início, mas o Rio não foi fácil.

— Como é que você sabe sobre o Rio?

— Todo mundo sabe sobre o Rio. Todo mundo teria ajudado.

A garganta de Kat estava de repente muito seca. — Eu não precisei de ajuda.

— E quanto a Moscou? — sua prima continuou. — Talvez você não precisava de ajuda, mas toda vez que você começar a ir contra a KGB, você provavelmente deve ter alguém... apenas por

precaução. Então a questão é... por que você não tinha? — Gabrielle apoiou os cotovelos sobre os joelhos e bateu no queixo, pensando.

— Gabrielle, eu estou...

— Bêbada! — Gabrielle exclamou, se levantando com a compreensão.

— Eu nunca bebi em minha vida — Kat atirou de volta, mas sua prima apenas riu.

— Oh, você é uma ladra-bêbada, Kitty Kat. E você tem sido desde o Henley.

Kat tentou se empurrar para cima e para fora da cama, mas Gabrielle estava postada em cima das cobertas, imobilizando ela.

— Diga-me que não sentiu um embalo quando carregamos aquelas pinturas para fora da porta da frente do museu... Diga-me que não estava embriagada quando você deslizou um Cézanne sob os narizes da metade da KGB... Não me admira que você não esteja levando Hale com você. — Ela balançou sua cabeça. — Às vezes os meninos são muito mais fáceis de lidar quando eles estão do outro lado do mundo.

— Hale e eu não somos... — Mas Kat parou, completamente insegura sobre como essa frase deveria terminar. — Você não sabe do que você está falando, Gabrielle — ela começou novamente, mas sua prima balançou a cabeça.

— Sim, eu sei — Gabrielle disse, insultada. — Nosso mundo é construído em adrenalina e fugas. Diferentes cidades, diferentes nomes. É uma vida muito mais simples de conduzir quando não há ninguém por perto para lhe dizer quando você está sendo estúpida. Acredite em mim, querida prima — Gabrielle levantou e se esticou, — eu sei melhor do que ninguém.

Kat sempre quis saber o que realmente se passava dentro da cabeça totalmente bonita de Gabrielle. Mais do que os olhos viam, ela estava certa.

— Olha, Gabrielle. Esses são os meus trabalhos, minha obrigação. Não há nada nisso para ninguém, nenhum pagamento, por isso não há sentido em pedir a qualquer outra pessoa para assumir o risco. Eu não estou em algum tipo de bebedeira aqui.

— Claro — Gabrielle disse, concordando lentamente. — E há seis meses atrás, você foi para a Escola Colgan e jurou que nunca ia roubar de novo. — Ela atravessou o quarto em dois passos longos. — Você está embriagada, Kitty Kat. E o mínimo que você pode fazer é admitir isso.

Kat se virou e olhou para o teto novamente. Pareceu levar uma eternidade para ela dizer: — Hale... o quão zangado ele está?

Gabrielle se arrastou para a cama e olhou para sua prima através do espaço no escuro. — Para uma ladra gênia, você realmente é uma garota estúpida, não é?

— Sim. — Kat fechou seus olhos. — Eu sou.

# 4 DIAS ANTES DA ESMERALDA CHEGAR

BROOKLYN, NOVA YORK  
ESTADOS UNIDOS



# Capítulo 6

*Traduzido por Patryck Pontes*

— Meu nome é Ezra Jones.

Kat tomou seu tempo estudando o rosto que olhava para ela do outro lado da sala de estar empoeirada que ela nunca conseguia se lembrar se alguém realmente já se sentou nela. O homem tinha sobrancelhas grossas brancas e olhos castanhos escuros, e o sorriso que espiava através do cavanhaque aparado perfeitamente era desonesto na melhor das hipóteses.

— Eu vou precisar ver sua identidade— ela disse a ele.

— É claro — ele disse com uma risada. Ele se aproximou e entregou-lhe um cartão que dizia *Chamberlain & King Seguros e Investimentos, Londres, Inglaterra*. Quando ele acrescentou: — Aqui está, minha querida — e mostrou um passaporte britânico, com uma foto diferente, Kat pensou. O sotaque, no entanto, era local.

— Então, como eu estou? — o homem perguntou.

— Velho — Gabrielle disse, inclinando-se mais perto enquanto aplicava maquiagem teatral nos cantos de sua boca. — Mas não velho o suficiente. E manchado.

— Mas você parece bom para mim — Kat disse a ele.

Só então Hale sorriu. — Eu vou lembrar que você disse isso.

— Claro que sim, Ezra. Apenas me diga uma coisa: o verdadeiro Sr. Jones é...

— Extático. — Ele olhou novamente para a carteira do homem.

— Parece que alguém das Indústrias Hale o conheceu no aeroporto

esta manhã e ofereceu-lhe seu emprego dos sonhos nas Ilhas Cayman. Na verdade, ele ligou de Londres do jato das Indústrias Hale e deixou seu antigo emprego apenas meia hora atrás.

— É uma pena que sua empresa não vai receber a mensagem — Gabrielle acrescentou.

— É sim — Hale disse com um aceno solene.

— E que ele perdeu sua carteira... — Kat prosseguiu.

Hale levantou uma sobancelha falsa. — Uma tragédia, de fato. — Quando ele deslizou a pequena carteira de couro no bolso interno do paletó, as duas meninas ficaram observando. Kat tinha puxado de lado as cortinas pesadas, e a luz entrava na sala, saltando sobre móveis empoeirados e desbotados, uma lareira fria e um Rembrandt perfeitamente forjado que tinha estado pendurado acima da lareira por mais tempo do que Kat tinha de vida.

— Kat, o que vamos fazer sobre os ombros dele? — Gabrielle tentou puxar seus braços para baixo, mas nada sobre ele parecia se mover. — E esse abdômen... — ela disse, batendo-lhe no estômago.

— Ei, eu nunca tive nenhuma queixa nessa área antes — Hale disse presunçosamente.

— Exatamente — Gabrielle gritou. — Será que iria matá-lo comer um bolinho de vez em quando?

Kat estava mordendo as unhas, andando ao redor de Hale, olhando-o lentamente de cima a baixo.

— Suas mãos estão ruins — Gabrielle apontou.

— Postura errada — disse Kat.

— Ele ainda está... gostoso — Gabrielle disse, como se fosse o maior insulto do mundo.

— Eu me sinto tão objetivado. Tão... barato — Hale disse a elas, mas as meninas continuaram.

— Isso poderia funcionar de uma distância, mas estando próximo e sob alto escrutínio... — Kat deixou o pensamento sumir.

— Você não podia ter encontrado alguém mais jovem? — Gabrielle disse.

— Foi um milagre que eu o encontrei. — Hale apontou para os documentos sobre a mesa.

— Nós precisamos de um jovem rapaz para você personificar ou de um cara velho para fazer a personificação! — Gabrielle jogou as mãos para o ar. — Precisamos...

— Não — Kat disse antes que as palavras pudessem até mesmo sair. — O tio Eddie não faz parte disso.

Gabrielle cruzou os braços. — Mas ele é o *melhor* cara velho.

— Talvez devêssemos chamá-lo, Kat— Hale disse. — Quero dizer, onde vamos encontrar um cara velho adequado em vinte e quatro horas?

— Com licença, senhorita?

Kat se virou para a voz suave e teve de sacudir a cabeça. Por um segundo, ela podia jurar que ela estava vendo em dobro. Ela olhou entre a foto de Ezra Jones que estava sobre a mesa e a forma como Marcus estava na porta. Eles tinham os mesmos olhos, a mesma cor e a mesma aparência de pessoas que tinham estado orbitando em torno de uma grande riqueza e poder — sempre no perímetro, sempre perto o suficiente para servir — por uma vida inteira.

Marcus respirou fundo. — O jantar está pronto.

# 3 DIAS ANTES DA ESMERALDA CHEGAR

NOVA YORK, NOVA YORK  
ESTADOS UNIDOS

# Capítulo 7

*Traduzido por Patryck Pontes*

A Esmeralda de Cleópatra não era amaldiçoada — todos na Corporação Oliver Kelly de Leilões e Antiguidades disseram isso.

Afinal de contas, uma esmeralda — não importa quão grande seja — não é capaz de fazer com que o navio que transportava Oliver Kelly mergulhasse em águas rasas ao largo da costa da Nova Escócia. E uma vez que a pedra foi fixada em platina e dada a uma herdeira ferroviária de Buenos Aires, não havia nenhuma maneira de qualquer colar, não importa o quão pesado fosse, poder forçar uma mulher a perder a cabeça em um incidente de motor a vapor muito trágico.

Claro, era impossível negar que o próximo proprietário faliu. O pequeno país que adicionou a pedra às suas joias da coroa foi invadido. E o museu que exibiu a Cleópatra por um tempo curto foi queimado quase inteiramente até o chão.

Mas não era amaldiçoado.

Todo mundo na Corporação Kelly dizia isso.

— Não é amaldiçoado, Sr. Jones.

— Claro que não. — Hale deu uma risada gutural profunda e deu uma batidinha em Marcus na parte traseira. Marcus, de acordo com o seu acordo, não disse nada. — Mas, Sr. Kelly, como segurador de registro da Cleópatra, o Sr. Jones é da opinião de que seria melhor deixar a pedra exatamente onde ela está.

— Desculpe. — Kelly o cortou. — Quem é você, exatamente?

— Bem, como eu disse no telefone, Sr. Kelly, eu sou Colin Knightsbury. Eu sou assistente pessoal do Sr. Jones.

Kelly pareceu considerar isso antes de se virar e dizer: — Tudo bem.

Hale não era baixo, lerdo, ou não atlético, e ainda parecia de alguma forma um desafio seguir o ritmo, enquanto seguiam Oliver Kelly Terceiro pelos corredores polidos e reluzentes. Esse não parecia o tipo de lugar que tinha suas raízes em lugares obscuros e negócios no mercado negro, mas se havia uma coisa que cada W.W. Hale aprendeu desde cedo, é que você nunca *realmente* quer saber de onde o dinheiro vem.

— E como eu disse no telefone, nós da Chamberlain e King acreditamos que mover a Cleópatra nesta programação pode ser muito perigoso. Se você pudesse atrasar...

Kelly deu uma parada abrupta e virou para os dois. — Eu tenho certeza que você *gostaria* que eu atrasasse, mas já que é minha pedra, eu acho que vou fazer com ela o que quiser.

— Antes da sua morte — Hale começou, — seu pai foi inflexível em relação à pedra não ser exibida em público e...

— Meu pai herdou esta empresa — Kelly retrucou, apontando para as pessoas e coisas que enchiam o salão. — E você sabe o que ele fez com ela? — ele perguntou, mas não esperou por uma resposta. — Nada, Sr. Jones. Ele manteve o que meu avô havia

construído, isso é tudo. Eu não espero que você entenda o que é estar em um negócio de família, mas o trabalho das gerações futuras não é para *manter*. A única decisão importante que meu pai fez foi comprar a Cleópatra 30 anos atrás, e então ele trancou onde só Deus sabe...

— Suíça— Hale disse.

— O quê?

— De acordo com nossos registros, a pedra está em uma caixa de alta segurança em um banco suíço.

— Eu sei disso — Kelly estalou, e apertou o botão de chamada do elevador. — O ponto é que ninguém nunca viu. Eu nunca sequer vi. É o maior trunfo que esta empresa tem, e tudo o que foi feito em 30 anos foi coletar a poeira e esperar que algum cara mítico aparecesse para que alguma maldição ridícula pudesse ser quebrada.

— Claro, claro— Hale disse.

Kelly olhou para ele como se dissesse, *eu estava conversando com o seu chefe*.

Foi quando Hale deslizou mais perto. — Você vai ter que perdoar o Sr. Jones, Sr. Kelly— ele confidenciou baixinho enquanto Marcus estava três passos atrás deles, estoico, silencioso como um túmulo. — Ele pode ver a mais pequena rachadura na defesa de uma empresa, a menor falha. Estou aqui para me certificar de que o Sr. Jones não está distraído. O homem é um gênio, entende. E quando o Sr. Jones diz que poderia ser melhor esperar...

Houve um *ding*, e as portas do elevador estavam abrindo.

— *Meu avô* era um gênio — Kelly retrucou. — Um visionário.

Hale entrou no elevador, secretamente desejando que o homem tivesse a coragem de completar "*um ladrão*".

— Essa pedra é parte da assinatura da Corporação Kelly — continuou Kelly, — e ela não vai ficar em um buraco escondido. Não na minha gestão.

As portas se fecharam, e Hale não podia deixar de estudar o reflexo de Oliver Kelly Terceiro — o terno feito à mão e a gravata Windsor. Abotoaduras antigas e sapatos de pelica italianos, todos os quais tinham um propósito: para se certificar de que ninguém

nunca o confundisse com um qualquer. Todos na idade de vinte e nove anos. Hale não poderia tê-lo odiado tanto se não fosse como olhar em um espelho de parque de diversões — para o que ele poderia ter se tornado se não tivesse estado em casa dois anos antes, na noite em que Kat veio roubar seu Monet.

— Sim, senhor Kelly— Hale disse lentamente, ainda tendo a imagem. — Eu entendo completamente.

— Ótimo. — Quando as portas do elevador se abriram, Kelly virou-se e estendeu a mão para Marcus. — Obrigado por ter vindo, Sr. Jones. Eu aprecio o seu tempo. Mas como você pode ver, a nossa papelada está em ordem, e nossa segurança — ele gesticulou para o salão de exposições no andar principal do edifício, as suas vitrines e câmeras brilhantes e os guardas, — é a melhor que se pode ter, então eu receio que vocês fizeram uma viagem por nada.

— De fato. — Hale chegou a tomar a mão que lhe foi oferecida, segurou-a um pouco mais do que Kelly estava esperando talvez, apertou-a um pouco mais apertado. — O que você acha, Sr. Jones?

Marcus deixou seu olhar varrer toda a sala. Sua voz era estoica e fria quando ele disse: — Acho que a última vez que eu ouvi isso eu estava no Henley.

Hale observou Oliver Kelly Terceiro estremecer ao ouvir as palavras. A cor desbotou de seu rosto, e sua boca foi desenhada em uma linha fina e dura. — O Henley?

— Ah, sim — Hale disse. — Eles nos garantiram que ninguém poderia roubar o *Anjo Retornando ao Paraíso* de suas paredes, e nós acreditamos neles. Mas estávamos todos errados sobre esse fato, não estávamos, Sr. Kelly?

A honestidade era uma coisa rara no mundo dos negócios de Oliver Kelly. Pessoas negociavam. Concessionárias mentiam. Ele não tinha certeza do que fazer quando confrontado com alguém tão disposto a admitir um erro, então ele não fez nada, ele apenas ficou lá, esperando.

— E, claro, eles pensaram que sua papelada estava em ordem também, e agora... — Hale parou, então arriscou um olhar para Oliver Kelly Terceiro. — Bem, eu receio que eu não tenho liberdade para comentar, mas vamos apenas dizer que eles ainda estão à



espera de um cheque. E com uma peça como a Esmeralda de Cleópatra, com a sua significância cultural e monetária...

— Não é amaldiçoado — Kelly disse automaticamente.

— Claro que não. Mas se você não se importa — Hale colocou as mãos atrás das costas, e sorriu de forma terna, — o Sr. Jones gostaria de começar com o porão.



— E as câmeras neste andar? — Hale perguntou vinte minutos mais tarde.

— O mesmo que o andar de antes — o diretor de segurança disse do seu lugar no lado direito do Sr. Kelly.

Kelly observou quando Hale tomou muitas anotações. Ele estalou centenas de fotos.

— E estas janelas? — Hale perguntou. — Elas são monitoradas por...?

— Detectores de quebra de vidro em intervalos de quinze metros.

— À prova de balas?

— Claro. — O diretor de segurança soou quase ofendido.

— Excelente. — Hale tirou outra foto, em seguida, consultou a prancheta mais uma vez. — Então, eu acredito que tudo o que resta é a abóbada. O número do modelo novamente é...

— Eu sinto muito, Sr. Jones — Kelly disse, — mas eu me lembro de ter fornecido essa informação no nosso relatório trimestral.

— Sim — Hale entrou em cena para responder. — E no último trimestre, a Esmeralda de Cleópatra estava programada para ficar a salvo do outro lado do mundo, por isso nos perdoe se entrarmos nesse assunto novamente. — Ele se virou para o diretor de segurança. — O modelo deste sensor da porta...

— Helix 857J — o homem disse sem emoção.

— Asseguro a vocês, senhores — o Sr. Kelly interrompeu novamente. — Nós da Corporação Kelly sabemos exatamente o

quão valiosa é a nossa esmeralda, e tomamos todas as precauções para prote...

— Sua esmeralda? — Hale inclinou a cabeça. — Será que todo mundo concorda com isso?

O homem corou. — Bem, claro. Quem mais poderia...

Hale voltou-se para Kelly, olhou diretamente nos olhos dele, e disse: — Conte-me sobre Constance Miller.

— O tema da Sra. Miller é uma questão para o nosso departamento legal, não de segurança. Posso assegurar a vocês que a suposta história da Cleópatra não tem qualquer influência sobre a sua segurança.

— Sim. — Hale sorriu. — Ouvimos dizer isso do Henley também.

— Escute aqui, Sr...

— Knightsbury — Hale forneceu, mas Kelly continuou.

— Constance Miller é uma reclusa. Ela é velha.

— Ela tem amigos? — Hale perguntou.

— Amigos que poderiam ajudá-la a *roubar* uma *esmeralda*? — Kelly riu como se fosse a coisa mais engraçada que ouvira em muito tempo. — Eu acho que não.

— Família?

— Sim. Um neto, eu acho.

— Ela tem uma reivindicação, senhor?

Kelly zombou. — Não é uma legítima. As melhores cortes em dois países disseram isso a uma dúzia de anos.

— Doze anos é um longo tempo para querer algo, Sr. Kelly.

— Sim, mas...

— Um tempo muito longo para ouvir um *não*.

Mas *não* era uma palavra que Oliver Kelly Terceiro nunca tinha ouvido falar. Ouvi-lo por uma dúzia de anos parecia mais do que o jovem pudesse entender.

Kelly baixou a voz e finalizou: — Talvez eu devesse pedir a meu secretário para juntar os arquivos.

— Sim. — Hale sorriu. — Talvez você devesse.



— Com licença senhorita. Posso lhe ajudar?

Kat não virou para a questão. A meio metro de distância havia uma vitrine cheia de rubis e diamantes, um pingente com rumores de ter pertencido à Catarina a Grande e um par de brincos de destaque em um filme estrelado por Audrey Hepburn. Mas essas coisas não importavam realmente para Kat. Kat estava muito mais preocupada com a vitrine que estava vazia.

— O que fica aqui? — ela perguntou ao vendedor.

— Oh, temo que esse espaço esteja reservado para um especial... Não faça isso — o homem disse quando Kat apoiou uma mão sobre a vitrine (e tocou a base hidráulica e o estrado de titânio com a outra).

— Mas o que é? — Kat mastigou seu chiclete. — Eu poderia querer comprá-lo, sabe. Eu tenho um aniversário chegando, e meu pai disse que eu poderia escolher qualquer coisa que eu quisesse. Talvez eu queira o que ficará aqui dentro.

Ela bateu no vidro (e supôs que era à prova de perfuração e pelo menos três centímetros de espessura).

— Eu receio que não está à venda.

Kat revirou os olhos (e registou as posições das câmeras de vigilância na parede norte). — Então o que ele está fazendo em uma loja, se não é para ser vendido?

— Somos uma casa de leilões, mocinha, e esta é uma peça de exposição que será exibida até... por favor, não faça isso — o homem disse, agarrando a mão de Kat assim que ela alcançou abaixo da borda da vitrine, dedilhando a trava sensível a pressão do pedestal.

— Desculpa — Kat disse quando ela esbarrou em um homem que estava andando entre as vitrines (e sentiu o coldre de ombro revelador de um guarda à paisana).

— Senhorita — o vendedor continuou, — talvez você esteja mais interessada em nossa coleção de...

— Então vocês apenas vão exibi-lo? — Kat esquadrinhou o andar brilhante do salão (e notou os sensores de movimento de ponta na base do pedestal).

— Sim, nós vamos...

— Isso não parece muito justo — Kat bufou. Ela deu uma última olhada ao redor do salão, com os guardas e as câmeras, as saídas e a vitrine, e, em seguida, virou-se para sair.

— Senhorita — o vendedor chamou, — eu tenho certeza que existem muitas outras coisas que irão combinar com sua faixa de preço. — Ele passou o braço em volta do andar do salão.

— Tudo bem. — No canto da sala, um relógio antigo começou a bater. — Eu acho que eu tenho tudo o que preciso



— Você está atrasada.

Kat sentiu sua prima acompanhar seus passos ao lado dela, mas não se virou para olhar. Ela era provavelmente a única pessoa na rua naquele dia não olhando para a menina magra no casaco curto e botas pretas altas, mas isso não importava realmente.

Gabrielle apontou para o catálogo do Kelly nas mãos de Kat. — Então, podemos fazê-lo?

Kat respirou fundo e empurrou o livro fino em seu bolso. — Neste momento, estou mais preocupada sobre se *devemos* ou não fazê-lo. — Ela olhou para sua prima. — Você tem a chave?

Gabrielle revirou os olhos e deu um pequeno cartão magnético de um hotel perto da Times Square. — Claro que eu tenho a chave.

Elas poderiam ter escolhido a fechadura, descido de rapel pelo telhado, talvez roubado um par de uniformes de empregada e um carrinho de arrumação como um extra, mas Kat e Gabrielle foram espertas o suficiente para saber que a menor distância entre dois pontos era sempre uma linha reta. Ou um bolso escolhido, conforme esse caso podia ser.

Então, elas fizeram o seu caminho para o lobby do hotel e o elevador sem qualquer alarde ou risco desnecessário. Eram apenas

duas meninas por conta própria na cidade grande, caminhando até a sala pequena e modesta no lado do beco do sétimo andar.

— Então, como foi o seu dia, Gabrielle? — Kat perguntou.

— Você tem alguma ideia de como é difícil ir atrás de uma mulher de 80 anos de idade? É difícil. Muito difícil. Realmente... *lento*. — Então Gabrielle ergueu um punho e bateu. — Serviço de limpeza? — ela chamou enquanto Kat ficava fora de vista. — Serviço de limpeza! — ela tentou novamente. Depois de um longo momento silencioso, ela usou a chave e, juntas, as primas entraram.

De todos os quartos de hotel que Kat tinha visto em sua curta vida, ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha estado em um assim. Ele consistia de nada mais do que duas camas de casal, uma pequena banheira limpa, uma escrivaninha, e um armário com cabides permanentemente instalados na haste.

— Bem, eles viajam como se eles estivessem quase sem dinheiro — Gabrielle disse, movendo-se através da sala de forma rápida e suave que Kat duvidava que seus pés sequer faziam uma impressão no tapete.

— Quanto tempo nós temos? — Kat perguntou.

— Eles acabaram de ir falar com seu advogado, então vamos dizer quarenta minutos.

— Vamos dizer trinta — Kat rebateu, e Gabrielle se encolheu ao sinal universal de *Faremos à sua maneira*.

Isso realmente não importava. Elas poderiam ter feito o que precisavam fazer em dez. Havia apenas o quarto e o banheiro, afinal de contas. O armário continha duas malas que provavelmente tinham sido muito caras 50 anos antes, mas agora estavam desbotadas e surradas; três pares de sapatos e roupas sortidas que estavam muito usadas, mas ordenadamente remendadas, tudo com etiqueta de Londres.

— Achei o cofre — Gabrielle chamou a partir do gabinete que continha o minibar. Dentro havia uma pequena caixa que era padrão para redes de hotéis ao redor do mundo, por isso só levou um minuto para Kat abri-lo. Um momento depois, ela estava tirando dois passaportes no nome de Marshall e Constance Miller.

Duzentos dólares em registros de viagem. Um medalhão de família. E um arquivo surrado e desbotado sobre uma esmeralda muito famosa e um caso em tribunal quase-tão-notório.

Kat observou sua prima folhear página depois após página — imagens pretas e brancas de uma família no deserto; fotocópias de livros antigos escritos à mão elegante de uma mulher. E inúmeras cartas de Oliver Kelly Terceiro, insistindo para Constance Miller “seguir em frente,” “desistir,” e, finalmente “obter um hobby de verdade”.

— Oh — Gabrielle disse lentamente — Eu realmente não gosto desse cara.

Mas foi a última página que as fez parar, porque era a última página onde alguém tinha cravado um cartão de visita branco com letras pretas simples que soletravam o nome *Visily Romani*.

## Capítulo 8

*Traduzido por Polly*

Uma hora mais tarde, Kat estava sozinha no meio do Parque Madison Square, observando os gordos flocos brancos que flutuavam entre o céu cinzento e o edifício Kelly — uma voz irritante na parte de trás de sua mente dizendo a ela que algo estava prestes a dar terrivelmente errado.

Talvez fosse o local: prédios de alta segurança são difíceis. Arranha-céus de alta segurança são um suicídio. Talvez fosse porque as câmeras do Kelly Corporation são de ponta, e os seus consultores de segurança estão acostumados a ter pagamentos de lugares como a CIA.

Não era por causa das maldições. Não era por causa de Hale. Certamente não era por que Visily Romani — não importa o quão nobre sejam seus motivos — estava desenvolvendo um hábito irritante de puxar Kat para trabalhos que ladrões muito mais velhos e experientes (e alguns poderiam até dizer são) jamais ousariam tentar.

Não — Kat balançou a cabeça contra o pensamento, piscou para afastar a neve que pousou em seus cílios escuros — não era isso.

— Se eu não soubesse melhor das coisas — uma forte voz disse por trás dela, — eu diria que você está checando os arredores.

Hale estava lá. Kat se virou para ver Gabrielle socar o seu braço e dizer: — Eu disse que nós encontraríamos ela aqui.

Mas não havia nada brincalhão no modo que Hale estava olhando para ela quando ele disse: — Eu provavelmente deveria avisá-la que Oliver Kelly não está embromando.

E foi então que Kat soube que não havia uma única parte desse trabalho que a preocupava — era tudo junto. Do edifício, ao alvo, ao modo que Hale cruzou os braços estudou ela através da neve caindo. Mas acima de tudo, havia...

— Romani. — Kat olhou para o céu cinzento. — Eles tinham o cartão de Romani. — Ela ficou esperando por uma resposta de algum tipo, mas não recebeu nada. — Então é legítimo. Então eu acho que eu tenho que fazer isso. — Ela estudou Hale através da neve caindo. — Então... diga alguma coisa.

— Esse lugar é uma fortaleza, Kat.

— Romani não teria enviado Constance Miller para mim se ele não achasse que eu poderia...

— *Nós* — Hale retrucou.

— É claro. Se ele não achasse que *nós* poderíamos fazer isso.

— Eu não gosto disso, Kat — Hale disse isso, e apenas isso rapidamente, e Kat sabia que ele estava certo.

— Eu também não gosto, mas eu acho... eu acho que eu tenho que tentar. Você não tem que vir comigo, se você...

— Não. — Hale balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Se você está dentro, eu estou dentro.

Juntos, os dois se voltaram para Gabrielle, que sentou em um banco do parque e cruzou as pernas. — Então, o que nós sabemos? — Ela olhou para o edifício longe como se estivesse tentando movê-lo através do poder absoluto de sua mente. Poderia ter funcionado, também, se Hale não tivesse entrado na frente dela.

— A pedra chega quinta-feira da Suíça através de um fretamento privado. Irá imediatamente para o décimo andar, onde será polida, verificada e avaliada.

— Quanto tempo? — Kat perguntou.

Hale deu de ombros. — Se eles não se distraírem, eu diria que três horas. Talvez menos.

Gabrielle olhou para Kat. — Os Irmãos Wobbley não fizeram uma vez o Humpty Dumpty\*\*\* em três horas?

*(\*\*\*N.T.: Humpty Dumpty: Gíria para "esses" ladrões, que significa entrar em um lugar por cordas, levar o objeto e sair. (Obs.: Informação tirada de tweets de Ally Carter)*

— *Talvez menos* — Hale disse novamente, ainda mais alto.

— E a maldição — Gabrielle opinou. — O quê? — ela perguntou, quando Kat lançou-lhe um olhar. — Eu só estou dizendo que não devemos nunca subestimar as maldições.

— E quanto a transição? — Kat perguntou, ignorando ela.

Hale balançou a cabeça. — Eles têm três diferentes empresas de carros blindados, com três rotas diferentes, e naquela manhã eles vão lançar uma moeda para ver qual delas recebe o trabalho. Além disso, uma vez que estiver em transporte, haverá... você sabe... um caminhão blindado. E guardas. Com armas.

— Os Bagshaw explodiram um caminhão blindado uma vez — Gabrielle ofereceu.

— *E guardas.* — A voz de Hale aumentou ainda mais. — Como é o primeiro andar? — ele perguntou, mas Kat já estava balançando



a cabeça.

— É tão bom quanto você achou que seria... talvez melhor. Quatro guardas. Dois uniformizados na porta da frente, um na entrada do pessoal, e um à paisana que provavelmente se alterna, dependendo do dia.

— Câmeras? — Hale perguntou.

— Várias.

— Pontos cegos? — Gabrielle disse.

— Nada. — Do outro lado da rua, as luzes estavam se apagando, e Kat viu os funcionários deslizando da porta do lado do edifício, desaparecendo entre os passageiros, os trabalhadores e os clientes do centro de Manhattan.

— A noite não é bom — Kat disse à sua pergunta não feita. — Mesmo se pudéssemos passar pelos guardas e a segurança, a vitrine da esmeralda afunda em um cofre de titânio reforçado debaixo do chão na hora de fechar.

— Porão de acesso? — Hale perguntou, animando-se.

— Não. — Kat balançou a cabeça. — Com esse tipo de vitrine, não haverá nenhum acesso de qualquer tipo.

— Como você sabe?

— Tóquio — Kat e Gabrielle disseram ao mesmo tempo.

Gabrielle deu de ombros quando Hale olhou para ela. — Se você não acredita em nós, tio Felix tem as cicatrizes do maçarico para provar isso.

O olhar de Kat estava perdido à distância, sua voz baixa, quando ela falou, foi quase para si mesma, dizendo: — A pedra é pequena, e pequena significa fácil de esconder. — Hale e Gabrielle ficaram quietos, deixando ela falar, sua mente trabalhando, as engrenagens girando. — Mas ninguém a viu em anos, e se ninguém a viu, então todo mundo vai estar olhando, e pessoas olhando tendem a... ver. Mas olhar também significa focar, e pessoas focadas ficam com medo, e pessoas com medo se distraem...

— Então, nós estamos de volta ao Humpty Dumpty — Gabrielle tentou, mas Hale já estava balançando a cabeça.

— Não — ele disse. — Estou dizendo a você, mesmo se conseguirmos entrar lá, não há nenhuma maneira de nós *sairmos*

antes que alguém perceba que a esmeralda está desaparecida. E confiem em mim, nós não queremos ser apanhados lá dentro. — Ele se encolheu. — Ex-SEALs da Marinha. Dos grandes.

Quando Kat falou, foi mais uma pergunta hipotética do que um desafio: — E se eles não perceberem?

— Não, Kat. Não. — Apesar da neve, suor se formava na testa de Hale. — Eu estou dizendo a você, se tivéssemos um mês e uma grande equipe... talvez. Mas Kelly não está brincando com essa coisa. Nós não temos o tempo ou os recursos para...

— O que você está pensando? — Gabrielle perguntou, cortando ele.

— Kat! — Hale retrucou, provavelmente mais alto do que ele pretendia, porque quando ele falou de novo, as palavras eram mais brandas. Mais tristes. — Kat, tio Eddie não poderia roubá-la.

Lá estava — o único fato que era mais assustador do que os guardas, mais preocupante do que as câmeras. Era a única coisa que, não importa o que, Kat sabia que nunca poderia planejar uma maneira de contornar. O que eles estavam falando sobre fazer era proibido; ia contra sua família e suas regras, e assim Kat não se atreveu a olhar para esse trabalho através dos olhos do tio Eddie. Em vez disso, ela olhou para ele como Visily Romani.

— A sala de autenticação — Kat disse, quase para si mesma. — Nós podemos fazer um *Alice no País das Maravilhas* na sala de autenticação.

Eles ficaram perfeitamente imóveis no ar molhado, o plano tomando forma em torno deles como peças de quebra-cabeça formadas da neve caindo. Os três estavam tremendo de frio e com o conhecimento de que talvez — apenas talvez — poderia dar certo. E talvez, Kat sabia, não daria.

Gabrielle olhou nos olhos de sua prima. — Faça o que fizer, Kat, apenas *não* diga que vamos precisar de um falsificador.

— Não, Gabrielle. Nós precisamos de alguém que possa falsificar a Esmeralda de Cleópatra em setenta e duas horas. — Kat começou a andar. Seu cabelo curto soprou em seu rosto quando ela virou a cabeça e gritou contra o vento: — Nós vamos precisar *do* falsificador.

# 2 DIAS ANTES DA ESMERALDA CHEGAR

EM ALGUM LUGAR  
NA ÁUSTRIA

# Capítulo 9

*Traduzido por Polly*

— Eu o conheço? — Hale perguntou. Juntas, as primas disseram: — Não. — Kat e Gabrielle se sentaram juntas no banco de trás da enorme SUV que Hale tinha pago e Marcus dirigia. Eles balançavam quando os grandes pneus guinavam dentro e fora dos buracos profundos na estrada áspera. Não, Kat percebeu. Pensando bem, *estrada* estava longe de ser a palavra adequada.

*Trilha.*

*Pista.*

*Armadilha mortal?*

A densa copa das árvores se separou, e por um breve segundo, nada, apenas a neve e o céu estava entre eles e o penhasco com a sua longa queda. Gabrielle — umas das melhores na corda bamba a honrar o negócio da família — se inclinou para perto do vidro e olhou para o abismo branco.

Hale, por outro lado, parecia que poderia vomitar dentro de todo o couro macio da SUV. — Então, temos certeza que esse cara vai estar lá?

Kat olhou para a neve imaculada que estava diante deles, cinquenta centímetros profunda e completamente intocados pelo homem. — Ele está em casa — ela disse, com a certeza de que ninguém tinha subido — ou descido — aquela montanha a um longo tempo.

Marcus dirigiu constantemente mais rápido. Os pneus rodaram, e a SUV derrapou; mas ainda assim eles continuaram o seu

progresso para frente, escalando.

— E como é que nós sabemos que ele vai ser capaz de nos ajudar? — Hale perguntou, sua voz uma oitava acima do que Kat já escutou ele falar.

— Oh, ele *pode* nos ajudar. — Talvez tenha sido a mudança na voz de Gabrielle — a inflexão brusca — ou talvez Hale estava apenas desesperado para olhar para qualquer lugar menos ao longo do penhasco afiado que Marcus estava dirigindo, porque ele virou e olhou para o banco de trás.

— O que isso significa? — Hale perguntou.

— Isso significa... bem... — Kat começou, então tropeçou, buscando. — Veja, para alguns padrões ele pode ser um pouco...

— Estranho. — Gabrielle encolheu os ombros contra o olhar raivoso de sua prima. — O homem são cinco quilos de maluquice dentro de um saco de dois quilos.

— Ele é *excêntrico* — Kat tentou.

— Bizarro.

— Ele tem algo do temperamento de um artista.

— Eu digo um parafuso solto.

— Ele é um pouco... imprevisível.

Mas, desta vez, não houve provocações quando Gabrielle corrigiu: — Não, Kat. A palavra é *exilado*.

Kat sentiu a verdade derramar sobre eles, silenciosa e fria como a neve. Então ela balançou sua cabeça. — Então, ele e o tio Eddie não se dão bem. Isso não tem nada a ver com o trabalho dele. O trabalho dele é bom.

— Eu sei, mas se o tio Eddie não quer que ninguém use ele...

— Bem, tio Eddie também diz que ninguém deve roubar a Esmeralda de Cleópatra. Não se preocupe, Gabrielle. Nem mesmo o tio Eddie pode nos matar duas vezes — Kat disse, virando de volta para o vidro gelado.

— Oh, se alguém pode... — Hale virou e olhou para o penhasco íngreme novamente.

— Além disso — Kat disse quando a SUV desacelerou, — nós chegamos.

Marcos guiou o carro da estrada sinuosa para uma clareira onde os pinheiros densos deram lugar a uma pista ainda menor, uma baixa cerca de pedra e uma pequena cabana com fumaça em espiral subindo para o céu. Sincelos de gelo pendiam do teto, e a coisa toda poderia facilmente ter sido feita de pão de gengibre.

— Sim — Hale disse, olhando pela janela. — Ele tem que ser um gênio do crime, certo.



Fora da SUV, a neve estava até os joelhos de Kat, e ela teve que segurar o braço de Hale para se firmar enquanto eles caminhavam através dos profundos montes para a pequena varanda sombreada.

— Hale — Kat disse lentamente, — mais uma coisa que você pode querer saber sobre Charlie...

Gabrielle estava à frente deles, suas longas pernas contornando sobre os montes como o vento.

— Sim? — Hale disse.

— Ele é o irmão de Eddie...

— Ok.

— E...

Olhando acima de Hale, Kat tinha que pensar que o céu estava tão claro, tão azul, tão perto. Hale estava perto. Ele sentia *com ela*, e ela realmente não sabia se isso a assustava ou não — o que ela devia dizer ou não. Por um momento, não parecia haver algo a dizer afinal.

Mas com a mesma rapidez, aquele momento tinha acabado, porque a porta estava se abrindo, uma voz rouca estava dizendo: — Quem está aí? — e os três estavam girando, olhando para o rosto familiar do tio Eddie.

— Kat? — Ela ouviu a preocupação na voz de Hale e sabia que ele já estava formulando histórias de cobertura e inventando mentiras.

— Está tudo bem, Hale. Ele é...

— Olá, tio Charlie. — Gabrielle empurrou seus óculos de sol para o topo de sua cabeça, e o vento soprou seu cabelo longo. Ela era bonita — Kat podia ver isso. E ainda um dos melhores artistas do mundo mal parecia perceber. Ele estava muito ocupado olhando além dela, apertando os olhos contra o brilho do sol que ricocheteou na neve — um branco cegante.

— Nadia. — Sua voz falhou e seus lábios tremeram, mas seu olhar permaneceu preso em Kat. As melhores mãos nos negócios tremiam quando elas apontaram na direção dela.

— Não, Charlie. Essa é a filha de Nadia, Kat. Lembra? — Gabrielle sussurrou. — Nadia se foi, Charlie.

— É claro que ela é — o homem retrucou, e endireitou-se e se afastou da porta. — Venham para dentro.

Kat e Hale ficaram sozinhos no sol, observando o velho desaparecer na sombra da casa, e foi quando Hale murmurou: — Tio Eddie tem um irmão gêmeo... Há *dois* tios Eddies.

— Não. — Kat balançou sua cabeça. — Não há.



Paredes falsas e identidades falsas, quadros com pinturas forjadas, colares com pedras preciosas de imitação. Kat estava bem consciente de que a maioria das coisas em seu mundo era um pouco irreal, mas nunca pareceu tão óbvio, até que ela se encontrou na soleira da porta da pequena cabana no topo do mundo. Ela pensou na casa do Sr. Stein, em Varsóvia, salas inteiras dedicadas à busca de tesouros que desapareceram, foram escondidos, perdidos — talvez para nunca mais serem vistos novamente. Mas a casa do tio Charlie... a casa de Charlie era o oposto em quase todos os sentidos.

Três Mona Lisas pendurados ao lado da entrada. O manto sobre a lareira continha pelo menos uma dúzia de ovos *Fabergé*. Havia uma cesta de títulos de créditos junto ao fogo com o resto dos gravetos, um conjunto de toalhas no banheiro que, se não tivessem sido feitas de pano de felpudo, teriam sido, coletivamente, uma réplica exata da *Última Ceia* de Leonardo.

Era o tipo mais estranho de museu que qualquer um deles já tinha visto, então eles se viraram lentamente, tomando toda a visão de dentro.

— Perdoem a bagunça — Charlie disse, colocando de lado uma pilha de telas para limpar um lugar em uma cadeira *wingback* desbotada. — Não tive companhia a alguns dias.

Ou anos, Kat pensou, lembrando da longa viagem na neve. Ela ficou em silêncio, assistindo Hale varrer os olhos sobre a sala, esperando por seu eventual: — Hum... Charlie?

O velho pulou um pouco ao ouvir o som do seu próprio nome, mas ainda conseguiu murmurar: — O quê?

— Isso é um verdadeiro Michelangelo? — Hale apontou para uma escultura que estava fixada no canto, coberta com chapéus, cachecóis e poeira.

— Claro que é. — Charlie deu um tapinha na escultura na parte de trás. — Nadia me ajudou a roubá-lo.

Gabrielle e Hale pareciam quase com medo de olhar para Kat então, como se a menção do nome de sua mãe pudesse ser demais para ela. Apenas Charlie parecia imune ao silêncio.

— Agora *isso* é um dos meus. — Ele apontou para o Rembrandt na parede, empoeirado, velho e perfeitamente idêntico ao que estava pendurado acima da lareira do tio Eddie toda a vida de Kat. O original não importava. Não para Kat. Não quando havia duas falsificações perfeitas penduradas a alguns milhares de quilômetros de distância, como um portal que ligava dois mundos totalmente diferentes. Quando Kat olhou para a pintura de Charlie, ela tentou ver como poderia ser diferente do seu gêmeo, mas as diferenças não eram uma questão de telas ou tinta. As diferenças, Kat sabia, eram na vida das pinturas.

— Você parece com a sua mãe.

Kat estremeceu, a voz de seu tio puxando ela de volta para a sala e o momento. Ela sentiu seus olhos começarem a lagrimar e sabia que ela não era a única vendo em dobro.

— Sim. — Kat enxugou os olhos e esperava que ninguém notasse. — Eu acho que eu pareço.



Quando Kat se moveu em direção a ele, ela pensou que ele poderia se virar e correr, ao invés disso ele pegou o braço dela e segurou ela lá. Suas mãos estavam cobertas com verniz e manchas — as mãos de um artista. Sem queimaduras e sem cicatrizes. E, no entanto, ele só apertou mais forte, mais apertado do que um torno. Havia algo real sobre o mestre falsificador quando ele olhou nos olhos dela e disse: — Ele sabe que você está aqui?

Kat balançou a cabeça. — Não.

Quando ele soltou o braço de Kat e caiu em uma cadeira, Gabrielle pegou um banquinho e puxou-o para mais perto. — Tio Charlie — ela começou, — nós temos um trabalho... um grande.

— Vocês têm um trabalho? — ele perguntou, então riu, rápido e duro. — Onde está sua mãe? — ele repreendeu.

— Ela está ocupada — Gabrielle disse a ele. — E nós fazemos um monte de trabalho por conta própria.

— Eu acho que o senhor ouviu falar sobre o Henley? — Hale disse, mas seu sorriso suave quebrou quando confrontado com o olhar de raiva de Charlie.

— Sorte de principiante — o velho contrariou.

— Nós podemos fazer isso, tio Charlie. — Pela primeira vez em sua vida, Gabrielle soou como alguém que realmente precisava da aprovação de outra pessoa. — Nós temos um plano.

— Vocês são crianças — o velho sibilou.

— Como Nadia era uma criança? — Gabrielle disse. — E minha mãe. E...

— Não toque nisso — Charlie retrucou, e Hale se movimentou para longe do vaso Ming que suportava uma variedade de sombrinhas velhas.

— Nós viemos de um longo caminho para vê-lo, Charlie — Gabrielle disse.

O velho voltou os olhos para ela. — A viagem é sempre mais fácil no caminho para baixo.

— Nós não teríamos vindo se não houvesse nada neste mundo que você não poderia fazer — Gabrielle disse, não flertando; nem mentindo. Era de algum modo uma trapaça quando ela disse para ele: — Nós não estaríamos aqui se não precisássemos do melhor.

— Eu sou o melhor. — Era a voz de alguém que sabe que isso é verdade. E, no entanto, Kat não pôde deixar de notar que ele balançou levemente na cintura. As mãos do artista tremeram. — Estou aposentado — ele disse, olhando para longe. — E o seu tio não quer vocês aqui.

— Você é nosso tio também — Gabrielle protestou assim que Kat se aproximou do banquinho e capturou os olhos do seu tio.

— Alguém está usando um dos Pseudônimos, tio Charlie — ela disse, e assistiu ele ficar tão pálido como a neve. — O senhor ouviu sobre isso?

— Não sou eu — ele retrucou.

— Eu sei. — Kat alcançou sua mão, mas ele recuou e se afastou. — Eu sei — ela disse novamente, mais suave dessa vez. — Mas eu preciso da sua ajuda, entende.

— *Nós* — Hale inseriu.

— Precisamos fazer um trabalho para Visily Romani. — Kat respirou fundo. — Precisamos da Esmeralda de Cleópatra.

E num piscar de olhos estavam lá — a determinação de aço e a força de vontade que Kat tinha visto tantas vezes no rosto do tio Eddie. — Não! — o homem retrucou, levantando-se da cadeira e puxando através da sala com tanta força que Kat quase perdeu o equilíbrio.

Ela lutou para ficar de pé, mas o homem não parou, não virou quando Kat prosseguiu.

— A Corporação Kelly está movendo a esmeralda para sua sede corporativa em Nova York daqui a dois dias, e nós temos que roubá-la, tio Charlie. Visily Romani precisa de nós para roubá-la.

— Ninguém *tem* que roubar a Esmeralda de Cleópatra. Eddie sabe disso. Nós sabemos disso. Nós sabemos... Nós aprendemos essa lição da maneira mais difícil. — Ele virou para Gabrielle. — Vocês deveriam ir.

— Charlie, por favor. — Apesar do seu pequeno tamanho do que o maior dele, Kat cruzou a sala em três passos largos.

— Não posso fazer isso... Não posso... Eu precisaria de...

— Eu consigo para o senhor seja o que for que o senhor precise — Hale disse.

— Isso não pode ser feito! — O velho gritou tão alto que Kat meio que temia uma avalanche. — Eu não posso fazer isso. Eu não posso fazer isso. Eu não posso...

— Nós não precisamos que o senhor nos faça uma Esmeralda de Cleópatra falsa, tio Charlie. — A voz de Kat era baixa, gentil e firme. Quando ela tocou em seu braço, ele não se afastou. — Nós só precisamos que o senhor nos dê a que o senhor já tem.

# UM DIA ANTES DA ESMERALDA CHEGAR

BROOKLYN, NOVA YORK  
ESTADOS UNIDOS

## **Capítulo 10**

*Traduzido por Polly*

Em algum lugar entre o aeroporto e o triplex, os outros devem ter adormecido. Kat observou Gabrielle enrolada em uma bola minúscula como um gatinho enquanto Hale estava esparramado através do banco de trás da limusine, com suas pernas e braços longos, e uma cabeça que, na ocasião, derivava no ombro de Kat de uma maneira que ela não poderia pensar muito sobre.

Kat sabia que ela deveria estar descansando, mas seus olhos permaneceram abertos, observando a escuridão desaparecer. Pensando. Planejando. Preocupando-se com todas as maneiras que isso poderia acabar mal. O interruptor pode pifar ou o equipamento pode emperrar. O acesso ao telhado pode ficar comprometido e as plantas poderiam estar desatualizadas. Havia sempre um milhão de maneiras de um trabalho acabar dando errado, e apenas uma maneira para isso dar certo.

Sempre havia muitas chances.

Quando o carro parou, a rua estava quieta nesse espaço que não era bem noite e não era bem manhã, e a menina que não era bem uma ladra pensou por um minuto sobre ficar lá, dizer para Marcus desligar o motor e deixar todo mundo dormir. Mas então Hale se moveu ao lado dela.

— Nós estamos em casa? — Kat sentiu sua respiração contra seu pescoço, quente e macia. Era como se, meio acordado, ele tinha esquecido de estar com raiva sobre Moscou, o Rio e tudo mais. Ela sentiu falta do menino que estava enrolado contra ela. — Você dormiu?

— Claro.

— Mentirosa — Gabrielle disse, se endireitando e alongando. — Você está pensando sobre o telhado, não é?

— Entre outras coisas — Kat teve que admitir.

— O interruptor? — Hale perguntou.

— As câmeras? — Gabrielle adivinhou, mas Kat ficou sentada perfeitamente imóvel, não tendo certeza se ela estava ouvindo o giro das rodas em sua cabeça ou o carro em marcha lenta. Pareceu levar toda a força que ela podia convocar para alcançar a porta e sair para a luz escura.

— O *timing*. — Ela sentiu a pedra verde no bolso, suave e frágil.  
— O *timing*... é tudo.

Passando do carro, Kat esperava ver a rua vazia e a casa vaga, para encontrar paz e tranquilidade, mas encontrou o som de uma voz rouca dizendo: — Eu não poderia ter dito melhor.



Kat nunca soube quantos rostos e nomes seu tio havia usado em sua longa vida. O próprio Eddie provavelmente não tinha ideia. Havia apenas um Eddie que importava, no entanto, era o homem que se virou e deixou o alpendre, andando pela casa escura. Esse era o homem que os três adolescentes seguiram para a quente cozinha.

— Você vai sentar — ele disse a Kat. — Você vai comer.

Era a primeira vez em muito tempo que Kat podia se lembrar de uma decisão ter sido tomada por ela, e ela não se conteve — ela fez exatamente o que lhe foi dito. E ela gostou.

Ele riscou um fósforo e acendeu a chama no fogão velho, em seguida, puxou uma dúzia de ovos da geladeira. Era parte um hábito, parte ritual, e as mãos que praticaram mil golpes se moveram com firmeza, até mesmo com propósito.

— Você esteve na Europa.

Não era uma pergunta, e Kat sabia que era melhor não negar. Hale e Gabrielle trocaram um olhar preocupado pelas costas de seu tio, mas Kat apenas ficou sentada, sentindo o peso da pedra de Charlie em seu bolso, pressionando contra seu quadril.

— E como vai o seu Sr. Stein?

O primeiro pensamento que veio à mente de Kat foi de alívio: *Ele não sabe*. O segundo, ela teve que admitir, era irritação. — Ele

não é *meu* Sr. Stein.

— Eu vejo manchetes sobre estátuas no Brasil... — tio Eddie continuou como se ela não tivesse falado nada. — Eu ouvi rumores de que um Cézanne desapareceu em Moscou...

Hale levantou dois dedos. — Apenas um pequeno.

— E eu pensei que talvez a operação na América do Sul pudesse sobreviver alguns dias sem mim. Eu pensei que talvez eu seja necessário em casa.

Eddie encontrou sua frigideira, mas não se virou, não falou, até que o silêncio era demais para Kat, e ela deixou escapar: — Eles foram trabalhos fáceis.

Tio Eddie olhou para Hale, que deu de ombros e disse: — Eu não saberia. — Ele se encostou na parede e cruzou os braços. — Não fui convidado.

Kat sentiu uma coisa estranha no ar, então, quando o tio Eddie olhou para Hale. — Ela foi sozinha? — seu tio perguntou.

— Ela é escorregadia desse jeito — Hale disse, e de repente Kat odiava eles por qualquer aliança que tinham formado em sua ausência.

— *Ela* está bem aqui! — Kat retrucou. — A última vez que verifiquei, *ela* conseguiu tudo o que ela tentou até agora.

— Talento, Katarina, é uma coisa perigosa. — Tio Eddie voltou para o seu fogão, colocou o bacon dentro da frigideira, e quando ele falou novamente, foi em russo, baixo e sob sua respiração.

— O que significa isso? — Hale perguntou.

— “O homem que ama o fio precisa da rede” — Gabrielle traduziu, em seguida, leu a expressão em branco de Hale. — Isso significa...

— Deixem-nos a sós — Eddie disse para Hale e Gabrielle.

— Mas... — Gabrielle apontou para a frigideira, o bacon e os ovos.

— Agora — Eddie retrucou, e um segundo depois Kat estava sozinha na mesa da cozinha.

Não havia dúvida de que a cozinha estava diferente. Tio Eddie poderia estar de volta ao seu fogão, mas sua ausência estava em todos os lugares — no calendário que não foi trocado, na mala ao

lado da porta. Mas a única coisa que realmente importava para Kat era o jornal que estava em cima de todos os outros, a mesma manchete ainda gritando na cozinha, chamando para que todos pudessem ver que a Cleópatra estava se movendo.

— Nós somos muito parecidos, Katarina.

Deveria ter sido um elogio, o maior elogio. Kat poderia pensar em pelo menos uma dúzia de pessoas que trabalhavam por essas mesmas palavras toda a sua vida, mas não Kat. Kat sabia que havia muito mais na história.

— Eu fui uma vez um jovem e brilhante ladrão... que não era tão brilhante como eu pensava. — Ele respirou fundo. — É uma vergonha ver a história se repetir.

— Como é? — Kat se levantou a sua altura máxima e, em seguida, se arrependeu. Parecia tarde demais.

— Parece como se você não aprova o negócio da família, Katarina. — Ele deu de ombros. — Ou a mim. Mas essas chances que você pega... essas coisas que você faz... esta é uma vida perigosa para viver... sozinha.

Kat não podia evitar; ela pensou sobre o Rio e Moscou e o olhar nos olhos de Gabrielle quando ela advertiu que uma pessoa pode ficar bêbada com essa vida — nessa altura — e quando isso acontece, Kat sabia, há um longo, longo caminho até a queda.

Mas Kat era inteligente e cuidadosa, e não havia dúvida em sua mente quando ela deu um passo em direção a ele, jogou os braços bem abertos, e disse: — Olhe onde eu estou, tio Eddie. Estou de volta. Estou aqui. E eu não estou sozinha.

— Sim. — Havia algo triste na palavra. — Você está aqui. Quando lhe convém.

— O senhor não gosta de *como* eu estou roubando? Ou o senhor não gosta do *por quê*?

— Me escute, Katarina...

— Que tipo de ladra você quer que eu seja, tio Eddie? O que *devo* roubar... seja o que for que está no Uruguai?

— Paraguai — seu tio corrigiu.

O jornal estava sobre a mesa, olhando para Kat — chamando-a como um desafio. — Oh, ei. — Ela o pegou. — Eu vejo que a



Esmeralda de Cleópatra está vindo à cidade. Talvez eu vá atrás disso.

Kat não tinha ideia de por que ela disse isso, mas as palavras já tinham saído — tarde demais para pegar elas de volta. Talvez ela queria que seu tio a proibisse. Talvez ela esperasse que ele risse — como se a ideia fosse muito absurda. Mas ao invés disso ele pegou o jornal e jogou entre as cascas de ovo e as borras de café com o resto do lixo.

— Nós não brincamos com uma coisa dessas.

— Eu sei — Kat disse, mas o tio Eddie já estava se virando.

— A Esmeralda de Cleópatra não é uma brincadeira!

— Eu sei — ela disse, tentando fazê-lo entender, mas era tarde demais.

— Você é uma menina inteligente, Katarina, muito esperta para correr riscos estúpidos. Melhores ladrões que você foram atrás dessa pedra maldita, e eles pagaram. — Ele parou, e Kat podia jurar que viu sua mão tremer. Seus lábios eram uma linha dura e fina quando ele sussurrou: — Grandes ladrões pagaram caro.

A voz de Kat estava diferente quando ela disse: — Eu sei.

— Nós não roubamos a Cleópatra, Katarina. É... — Eddie parou, lutando por palavras.

— Amaldiçoada — Kat ofereceu.

Eddie virou para ela. Ele balançou a cabeça. — *Proibida.*

No fogão, o óleo estava estourando, e fumaça subia da frigideira, enchendo a cozinha. Foi a primeira vez na vida de Kat que ela já viu seu tio queimar o bacon, então ela ficou quieta, pensando em todas as coisas que ela não poderia dizer.

— Se você não quer ser como o resto de nós, Katarina, então você deve voltar para a escola. Você deve deixar este mundo — realmente deixar todos nós para trás. Não deixe que este velho fique no seu caminho.

Kat não ia chorar. Sua voz não ia falhar. — Eu voltei, tio Eddie. No ano passado, após o Henley, eu poderia ter ido para qualquer escola do mundo, eu poderia ter feito qualquer coisa, mas eu voltei.

— Você fugiu, Katarina.

— *E agora eu estou de volta.*

Deveria ter sido uma coisa fácil de provar, um fato para se verificar. Ela queria que ele dissesse, *Bom trabalho* — Ihe dissesse que ele estava orgulhoso de tê-la à mesa da cozinha — mas em vez disso ele voltou para o bacon e o fogão.

— Você ainda está fugindo.



A cozinha estava muito quente — a grande casa de repente era muito pequena. As palavras de seu tio ainda estavam muito altas, zumbido nos ouvidos dela, e Kat sabia que não podia ficar lá. Lá fora, o ar da manhã estaria gelado e fresco, então ela nem parou por seu casaco; ela não procurou por sua bolsa. Ela apenas se moveu para o longo corredor até a porta sem outro pensamento, preocupação ou medo. Lá fora. Ela seria capaz de pensar lá fora.

— Ele está certo, você sabe.

Kat parou ao ouvir o som da voz. Sua mão estava na maçaneta da porta, a liberdade apenas a centímetros de distância, mas era como se ela tivesse se esquecido de como destrancar uma porta quando ela se virou e viu Hale sozinho sentado no topo das escadas.

— Eu pensei, após o Henley, que você estaria de volta com a gente. — Ele olhou para suas mãos. — Comigo. Mas agora...

— Eu não preciso de outro sermão, Hale. — As mãos de Kat estavam tremendo. Seus lábios tremiam. Era como se seu próprio corpo estivesse contra ela. — Eu não preciso de alguém me dizendo o que fazer.

— Oh, ninguém Ihe diz o que fazer, Kat. *Você é* a garota que roubou o Henley.

— Sim — Kat disse para ele. — E eu...

— Mas você não fez isso sozinha. — Ele se levantou e começou lentamente a descer as escadas.

— Eu sei disso.

— Você sabe? — Hale riu. — Você realmente sabe? Porque parece para mim que você esqueceu um monte de coisas.

Era a véspera do maior trabalho de sua vida, e Kat não tinha tempo para dúvidas ou espaço para pensar. Gabrielle estava certa, Kat percebeu: os meninos são menos problemas quando eles estão do outro lado do mundo.

— Eu sinto muito, Hale. Me desculpe por eu não levar você a Moscou. Ou ao Rio. Me desculpe por eu não ter tempo para segurar sua mão e afagar seu ego. Mas eu não vou. E se você não gosta disso, aqui está a porta.

— Você está certa. Talvez eu devesse ir embora. — Ele deu um passo em direção a ela, recuando-a lentamente para as sombras do canto. — Mas talvez você deva ir também... simplesmente ir embora. Esqueça a Cleópatra e desapareça.

Parecia para Kat como se, de repente, o mundo estivesse se movendo muito rápido. Sua mente disparou, e Hale chegou mais perto.

— Nós não temos que fazer isso — ele disse para ela. — Basta dizer a palavra e eu posso ter um jato aqui em uma hora. Nós podemos ir a qualquer lugar. — Suas mãos quentes se envolveram em torno de seus dedos, de modo que eles derreteram como gelo. — Nós podemos fazer qualquer coisa. Nós não temos que fazer *isso*.

A pedra de Charlie estava pesada no bolso de Kat, pressionando em sua pele. Ela pensou em Romani e o Sr. Stein, na areia, no sol e em ladrões como Oliver Kelly Primeiro — os piores tipos de criminosos, aqueles que roubam fortunas e respeitabilidade, em algum lugar ao longo do caminho.

— Basta dizer a palavra, Kat. Dizer qualquer palavra.

Kat respirou fundo e se afastou. Ela não se permitiu olhar para trás quando ela abriu a porta e disse a palavra “Romani.”

O DIA QUE A  
ESMERALDA CHEGA

NOVA YORK, NOVA YORK  
ESTADOS UNIDOS

## Capítulo 11

Traduzido por Polly

É lógico que, ao longo dos anos, as pessoas no escritório de Nova York da Corporação Oliver Kelly de Leilões e Antiguidades tornaram-se mais ou menos imunes a coisas bonitas.

A sala dos fundos guardava um cetro que tinha sido parte das joias da coroa da Áustria. Todos os dias às quatro horas, o diretor de antiguidades bebia o chá em um conjunto de louças que havia pertencido a própria rainha Vitória. Então presumir que a incrível beleza era incrivelmente rara seria incorreto, de fato. Mas naquela sexta-feira de manhã, ninguém saberia.

As mulheres usavam seus saltos mais altos, os homens as suas gravatas mais caras.

Quando Oliver Kelly Terceiro caminhou pelos salões brilhantes e polidos, todo o edifício pulsava como se a própria Cleópatra estivesse prestes a fazer uma visita.

— Bem, o homem do momento.

Kelly virou ao ouvir a voz. — Oh. Olá, Sr...

— Knightsbury — Hale disse, agarrando a mão de Kelly. — É bom ver o senhor de novo. Grande dia. Grande dia.

— De fato — Kelly disse com um olhar impaciente para o relógio. — Eu presumo que o Sr. Jones esteja aqui para... supervisionar a transferência?

— Oh, não, senhor — Hale disse. — O Sr. Jones ficou tão impressionado com a sua segurança que ele me enviou, juntamente com uma de nossas associadas júnior. Esta é a Srta. Melanie McDonald. Srta. McDonald acaba de entrar para a equipe. Desde que a política da empresa determina que dois funcionários devem testemunhar...

— Olá. — Foi quando se tornou absolutamente evidente que, apesar de Oliver Kelly Terceiro estar acostumado a grande beleza, jogos de chá e cetros não eram páreo para Gabrielle. — É tão bom conhecer você, Srta. McDonald — ele disse.

— Me chame de Melanie. — Gabrielle estendeu uma mão delicada. — É muito bom conhecer o senhor também.

Havia pelo menos uma dúzia de pessoas aglomeradas nos corredores. Gemologistas e egiptólogos em jalecos brancos e jaquetas de tweed; advogados e homens muito grandes com grandes armas presas em coldres de ombro sob os blazers dos ternos abaixo da média.

Hale olhou para a multidão, mas não Kelly. Kelly simplesmente olhava para Gabrielle.

— Bem, nós devemos ir?

De todos os lugares imaculados dentro da Corporação Kelly naquele dia, Hale não podia evitar de achar que aquela sala que eles viram em seguida deixaria a maioria dos hospitais com inveja.

A mesa de aço inoxidável estava debaixo de luzes brilhantes. Variadas ferramentas estavam colocadas através de toalhas de algodão. Havia microscópios e lasers, óculos de proteção e luvas. Cada pessoa na sala já muito lotada ficou em silêncio mortal quando as portas se abriram e quatro guardas uniformizados entraram em torno de um homem com uma gravata borboleta vermelha e os óculos mais grossos que Hale já viu. A caixa de madeira que ele carregava era pequena, e ainda quando ele colocou no centro da mesa de aço, ele suspirou como se carregasse o peso do próprio mundo.

— Você conheceu minha prima Pandora? — Gabrielle sussurrou para Hale. Ela apontou para o centro da sala. — *Essa* é a caixa dela.

As pessoas devem ter notado, mas ninguém ouviu nada além do guincho das dobradiças enferrujadas. E nenhuma alma — nem os avaliadores ou os guardas — nem mesmo o próprio Oliver Kelly Terceiro podiam fazer alguma coisa além de assistir enquanto o diretor de antiguidades, em sua encrespada gravata borboleta e luvas brancas de algodão, enfiava a mão na caixa...

E encontrou a pedra verde mais valiosa que o mundo já conheceu.

Hale tinha visto fotos, é claro. Ele era um jovem bem-viajado, uma criança educada nesse meio. Um ladrão. Todos aqueles que eram pelo menos uma dessas três coisas tinham visto em fotos. Mas imagens não capturam a essência que vem com noventa e sete quilates de puro e impecável verde, a cor da Irlanda na primavera.

Com maldição ou sem maldição, o homem estava certo em segurar a pedra suavemente quando ele moveu-a para a mesa. Os especialistas giravam em torno da esmeralda como os planetas que circundam o sol, verificando, medindo, e pesando — trabalhando em silêncio. Era quase como uma dança, Hale pensou. Como um estudo.

Além das perguntas silenciosas e as respostas dos especialistas, ninguém falou até noventa minutos mais tarde, quando uma mulher baixa — a gemologista líder no mundo, vinda da Índia para a ocasião — se afastou da pedra e enxugou a testa, e Oliver Kelly disse: — E então?

A sala inteira esperou, observando quando a mulher limpou os óculos e disse: — Parabéns, Sr. Kelly, essa é a nova casa da Esmeralda de Cleópatra.

Ela segurou a pedra em direção a seu proprietário e fez um gesto para a almofada coberta de veludo em que deveria ficar. — O senhor gostaria de fazer as honras?

Se alguém esperava que Kelly se apressasse para pegá-la, eles ficaram decepcionados. Em vez disso, ele ficou olhando para a grande peça verde, como se estivesse estado secretamente esperando que fosse uma falsificação.

Uma falsa Esmeralda de Cleópatra, afinal, nunca fez mal a ninguém.

— Sr. Kelly? — a mulher perguntou novamente.

— Oh, é linda — Gabrielle falou ao lado de Kelly. — Eu não posso imaginar segurar uma coisa dessas.

Kelly riu. — Bem, agora é sua chance... — Ele fez sinal para ela ir em frente e pegar a esmeralda — para pegar a história, literalmente, na palma da sua mão.

Não foi uma atuação, Hale sabia, quando Gabrielle estendeu a mão com cuidado para a pedra e olhou como se ela estivesse esperando por esse momento toda a sua vida.

Quase quebrou seu coração ter que dizer: — Novamente, Sr. Kelly, eu devo lembrá-lo que a Esmeralda de Cleópatra é um alvo de alto perfil.

— Eu sei — Kelly retrucou.

— E nós da Chamberlain e King odiaríamos ver o senhor correr riscos desnecessários com uma pedra tão... única... de significado cultural. Sua propensão para... digamos... coincidir com eventos infelizes e...

— Não é amaldiçoada! — o homem insistiu uma última vez com inteiramente bastante força. Ele girou o braço direito, gesticulando, completamente inconsciente de Gabrielle, que estava andando, com as mãos estendidas, com a Esmeralda de Cleópatra delicadamente descansando em suas palmas.

Quando o braço de Kelly colidiu contra o dela, ela tropeçou no chão polido e observou a esmeralda cair de suas mãos. A vergonha e o terror encheu seu rosto enquanto ela se lançava atrás da pedra, deslizando, chamando: — Eu vou buscá-la! Eu vou...

Mas sua mão golpeou a pedra novamente, enviando derrapando em direção a um pequeno orifício que ninguém na história da Corporação Kelly provavelmente sequer viu. Mas aí já era tarde demais, e Oliver Kelly Terceiro, o diretor de antiguidades, e o departamento de autenticação — para não mencionar os maiores especialistas do mundo — não tiveram escolha a não ser assistir a mais preciosa esmeralda na história desaparecer.

Apenas Hale e Gabrielle pareciam ser capazes de se mover. Juntos, eles correram para o pequeno orifício que se abriu em um eixo maior, que corria para o telhado.

Hale se inclinou para baixo. — Eu acho que eu posso alcançá-la — ele disse, arregaçando a manga, mas Gabrielle já estava no chão ao lado dele, seu longo braço fino se estendendo facilmente no pequeno espaço e lutando na escuridão pelo que pareceu uma eternidade.

As luzes ainda brilhavam na sala imaculada, mas era como se uma sombra cobrisse todos eles enquanto eles pensavam que a esmeralda podia ser facilmente riscada ou lascada.

Enquanto eles pensavam sobre maldições.



Mas então a garota se moveu, sorriu, e puxou a mão da grade — uma estonteante pedra verde agarrada firmemente em seu aperto. Estava coberta de poeira e teias de aranha, mas estava sem rachaduras e ilesa.

E, é claro, era completamente falsa.



Havia um monte de coisas que as pessoas da Corporação Kelly nunca saberiam sobre a Esmeralda de Cleópatra. Como ela tinha realmente chegado à Oliver Kelly a tantos anos atrás. Muito provavelmente, poucos podiam compreender a humilhação e a dor que tinha trazido para os ladrões do mundo desde então.

E no dia do grande retorno público da Cleópatra, ninguém jamais iria saber sobre sua saída muito particular através de um respiradouro de ar sujo, através de um cabo muito fino e uma menina de cabelos escuros que manteve a pedra agarrada firmemente em sua pequena mão, enquanto ela subia de forma constante em direção ao telhado e da luz.

# Capítulo 12

*Traduzido por Polly*

Há várias lições que cada ladrão aprende desde cedo. Ou morre.

Nunca vire as costas para um cão de guarda irritado (não importa o quão bom ele parecia em sua viagem de escoteiro). Não saia de casa sem um conjunto de pilhas reserva (independentemente da garantia que você tem do cara da loja). E nunca, nunca se apegue a nada mais valioso do que você.

Katarina Bishop era uma excelente ladra, e ela tinha aprendido bem essas lições, mas viajando através de Midtown Manhattan na parte de trás de uma longa limusine preta, ela não conseguia parar de pensar que as pessoas que fizeram essa última regra nunca tinham tocado na Esmeralda de Cleópatra.

— Você quer segurá-la? — ela perguntou, balançando o envelope em frente de Hale com dois dedos.

— Não.

— Você quer tocá-la, beijá-la e usá-la em torno de seu pescoço?

— Não seja tola — ele disse a ela. — Todo mundo sabe que verde não é a minha cor.

Gabrielle estava certa, Kat percebeu. Há uma urgência — uma emoção — que vem após um trabalho difícil, e Kat não podia evitar. Ela segurou a pedra verde com suas mãos, e agora ela estava bêbada de adrenalina, no topo da vida.

— Vocês — ela foi mais para perto, — foram fabulosos. — Ela colocou a cabeça no peito de Hale e olhou para longe. — Eu vejo um grande potencial em você... Wyatt? — Ele deveria ter rido; ele deveria ter brincado, e quando ele não o fez, ela deu um salto. — É isso? O seu nome é Wyatt?

Ele agarrou seus braços e segurou-a ali, olhando em seus olhos quando ele disse: — Não.

Então Kat riu e jogou a cabeça para trás. — Nós conseguimos, Hale.

De repente, ela não podia ficar parada. Ela queria enfiar a cabeça para fora pelo teto solar e gritar, baixar o divisor de centro e dizer a Marcus para dirigir, dirigir e dirigir — ela não se importava para onde. Eles poderiam ir a qualquer

lugar — fazer qualquer coisa — e pela primeira vez em muito tempo, Katarina Bishop parou de pensar. E talvez fosse por isso que ela se viu subindo de joelhos.

— Nós. Conseguimos! — ela gritou, e quando o carro sacudiu em uma parada, Kat não se importou que ela estava caindo, pousando no colo de Hale. Ela não pensou duas vezes sobre a maneira como os seus braços caíram em torno do pescoço dele. Quando seus lábios encontraram os dele, ela não se puxou para trás, ela simplesmente se pressionou contra ele, se afundando no beijo e no momento até que...

A adrenalina acabou. Kat se empurrou para trás, dois pensamentos batendo em sua mente, gritando, *Eu beijei Hale*.

Mas foi o segundo pensamento que a fez ficar em pânico: *Hale não me beijou de volta*.

— Desculpe. Eu... — Ela sentou em linha reta, e quando ela se moveu, ela chutou algo no chão, olhou para baixo e viu que uma bolsa estava a seus pés.

— O que é isso?

— Paraguai.

Ela sentiu seu coração afundar. Foi mais difícil do que deveria ter sido dizer: — É menor do que eu pensei que seria.

Ela esperou Hale rir e dizer-lhe que não era uma boa piada. Ela queria que ele fizesse qualquer coisa, menos alcançar a bolsa e puxar facilmente para o assento ao lado dele.

— Eddie diz que eles precisam de toda a ajuda que possam ter. Eu vou para lá agora que acabamos. — Ele parou. Ele não olhou para ela quando ele perguntou: — *Nós* acabamos?

Kat sabia que havia mais na pergunta — que havia algo mais que ela deveria dizer. Mas Kat sempre foi boa em contar mentiras. A verdade, ela percebeu, era uma coisa muito mais difícil de dizer.

— Você estava certa, Kat. — Havia um peso na voz de Hale. Uma gravidade. — Eu deveria ir.

*Não vá.*

— Eu sei que você ainda tem que entregar o pacote, mas... não é como se você precisasse de mim.

*Mas talvez eu queira você.*

Sua mão estava descansando na maçaneta da porta. Ele respirou fundo e se moveu.

— Hale...

— Você podia vir — ele disse, girando em direção a ela.

A adrenalina que ela sentira antes se transformou em pânico, e Kat estava congelada, sem nenhuma ideia do que fazer ou dizer.

— Seu pai já está lá. Gabrielle diz que Irina está chegando. Quer dizer, eu sei que não é um trabalho como a Cleópatra, mas você poderia vir. Você poderia

vir se você quiser.

— Eu quero, mas eu não... roubo... mais, Hale.

Sua voz era parte sussurro, parte suspiro, quando ele virou para a janela e disse: — Você poderia ter me enganado.

Antes que Kat pudesse protestar, Hale estava alcançando um botão na porta da limusine e dizendo: — Marcus. — O carro diminuiu a velocidade e a divisória central deslizou para baixo. — Leve-a onde ela quiser ir.

— Hale, espere! — Ela estendeu a mão para ele, mas o carro parou, e ele já estava abrindo a porta, saindo para a calçada movimentada.

— Tenha cuidado lá fora. — Ele puxou a mochila grande para o seu ombro como se não pesasse nada. — Eu falo sério, Kat. Tome cuidado.

Sua mão estava na dele, delicadamente descansando. — Hale...

— Adeus, Kat. — Sua voz estava quase perdida contra o som de carros buzinando e sirenes ao longe. E justo assim, rapidamente, ele se foi. Saiu para a rua, com a gola do casaco virada para cima, desaparecendo no tráfego e na multidão.



Não se parecia com um encontro clandestino, não com a idosa e o jovem no banco do parque e a adolescente andando na direção deles, parecendo como se ela tivesse acabado de perder seu melhor amigo.

— É verdade? — a mulher perguntou.

A primeira vez que Kat tinha visto ela, ela tinha adivinhado sua idade em algum lugar perto dos oitenta anos, mas naquele dia Constance Miller parecia pelo menos dez anos mais jovem. Talvez vinte. Seu rosto estava cheio de alguma coisa. Kat suspirou, assistiu a sua respiração se formar no ar frio, e sabia que esse algo era esperança.

— Você conseguiu? — Constance Miller perguntou. — É por isso que você ligou?

— Não, Vovó. Um roubo como esse estaria na televisão. — O homem alcançou desajeitadamente a mão da velha.

— A TV é superestimada — Kat disse, puxando o envelope do bolso e jogando no colo do homem.

Ele olhou para baixo, como se fosse uma pequena bomba e pudesse explodir. Apenas a mulher se atreveu a pegar — cuidadosamente, timidamente.

— É realmente...

— Você pode olhar — Kat disse, olhando para os dois policiais militares que estavam a seis metros de distância, tomando café. — Mas eu não tocaria.

— Oh, eu acredito em você — a mulher disse, agarrando o pacote e segurando com força contra o peito. — Está aqui. Eu sei disso. Eu posso sentir isso — ela disse, e Kat sabia que ela não estava falando sobre o peso ou a

forma da pesada pedra no envelope. Ela não sentia com os dedos — ela podia sentir isso em sua alma. Kat conhecia essa sensação. Ela havia encontrado uma vez em um ônibus escolar em Londres com quatro pinturas inestimáveis. Ela tinha visto isso nos olhos do Sr. Stein cada vez que ela retornava com uma das peças do Holocausto que faltavam para que ele pudesse tomar a etapa final da sua viagem para casa.

— Oh, obrigada, Katarina. Obrigada. Se não fosse por você e o Sr. Hale... — a mulher parou e olhou ao redor. — Onde está o seu amigo?

Kat não podia evitar; ela olhou também.

— Receio que ele tinha outra obrigação.

— Oh — Constance Miller disse. — Agradeça a ele por mim, por favor. Eu simplesmente não posso te dizer o quanto... — Mas as palavras ficaram presas.

— Vovó, a senhora está bem? — A mão do jovem estava no ombro da mulher quando ela balançou e chorou, agarrando o pacote precioso ao seu coração.

— Eu estou bem — a mulher engasgou. — Eu estou ótima.

O trabalho estava terminado. Seu trabalho foi feito. Então Kat se virou e começou a atravessar o parque.

— Katarina — a mulher chamou uma última vez, e Kat parou e voltou-se para a joia inestimável que ela tinha acabado de roubar e abrir mão sem um segundo pensamento. — Obrigada, Katarina. Obrigada — a mulher disse, e Kat não pôde deixar de notar que as lágrimas tinham desaparecido. Havia um tipo diferente de sorriso. — Nós nunca poderíamos ter feito isso sem você.



Kat muitas vezes ouviu dizer que pedir a um bom ladrão para parar de pensar seria como pedir a um tubarão para parar de nadar, então ela não podia evitar, enquanto se afastava do parque naquele dia, através do crepúsculo chegando nas ruas da cidade.

Mas isso não significava que ela não tentou.

Ela não queria lembrar da sensação da pedra em sua mão ou o ar passando por ela, zumbindo em direção à luz na extremidade. Ela não tinha absolutamente nenhum desejo de pensar sobre Hale, seu pai e o Paraguai. Ou o Uruguai. Mas mais do que tudo, Kat, uma garota que era boa em quase tudo que ela tentou, não queria cogitar a noção de que ela poderia ser uma beijadora verdadeiramente abominável.

Não. Kat balançou a cabeça. Ela não ia pensar nisso.

Não quando havia um Klimt no Cairo e um Manet em algum lugar na Espanha. Não quando o Sr. Stein tinha deixado uma mensagem a respeito de um Matisse há muito tempo perdido que podia vir à tona a qualquer dia em algum lugar na Riviera Mexicana.

Ela não iria pensar sobre o quanto é mais frio sem o braço de Hale caindo periodicamente através de seu ombro, quando seus ombros largos não estavam lá para bloquear o vento. Ela era a última pessoa que se preocuparia com o Paraguai — ou o Uruguai — e qualquer coisa que sua família tenha decidido roubar.

Não, Kat tinha mais do que suficientes trabalhos para fazer por conta própria, ela disse a si mesma, andando um pouco mais rápido, sentindo um pouco de certeza. Ela estava começando a considerar em ligar para o Sr. Stein e armar o seu próximo plano quando ela passou por um bar e ouviu lá dentro o tilintar de copos e da televisão aos berros.

— A Esmeralda de Cleópatra é uma das joias mais famosas do mundo — a âncora estava dizendo. — Famosa por seu tamanho, sua lenda trágica, e... mais recentemente... o drama que se seguiu nos tribunais do mundo. A mulher privada por trás de uma das mais públicas batalhas de tribunais dos últimos anos se junta a nós essa noite, para sua primeira entrevista. Constance Miller, obrigada por estar aqui.

E foi então que Kat parou. O mundo ao seu redor pareceu congelar quando ela continuou, escutando a história de como o pai e a mãe de Constance Miller e *não* Oliver Kelly Primeiro que tinham encontrado a pedra entre as areias do Egito. Ela tinha ouvido a história antes, é claro. Uma vez como lenda, e uma vez de uma mulher na parte de trás de um restaurante em um dia de chuva. E agora ela ouviu de novo, a partir de uma mulher com um casaco de tweed e um sotaque britânico.

De uma mulher que Kat *nunca* tinha visto antes.

Não era realmente um terremoto, Kat estava certa. E ainda assim parecia como se os edifícios estivessem tremendo. Ela ficou imóvel no fluxo da calçada. Pessoas passavam sobre ela como a maré, e ainda assim ela não se moveu.

— Com licença! — alguém disse, deslizando contra ela, mas Kat não registrou as palavras. Ela não sentia nada. Sua mente ainda estava ouvindo a mesma história a partir de dois rostos, sabendo que pelo menos uma delas era uma mentira. Uma enganação.

Seu telefone tocou, mas o som vinha do outro lado do mundo. Kat sentiu como se estivesse se movendo em câmera lenta quando ela colocou a mão no bolso e encontrou o cartão branco simples com as letras pretas lisas que diziam o nome *Visily Romani*.

Com um toque, Kat sabia que era diferente do cartão que ela e Gabrielle viram no quarto do hotel Millers. O papel era mais suave, a letra mais grossa. E não havia nenhuma dúvida na mente de Kat que esse cartão era real. Apesar de seu treinamento — seu sangue — Katarina Bishop não podia deixar de tremer enquanto ela virava o cartão para ler as palavras escritas à mão: *Pegue de volta*.

# Capítulo 13

*Traduzido por Polly*

Em pé na entrada do triplex no Brooklyn, Kat observou a luz da rua flutuando pelo longo corredor estreito que levava da varanda da frente para a cozinha velha. Ela sabia o que iria encontrar lá dentro: a velha escadaria e o escritório, a sala de estar e um banheiro. Kat viu tudo com os seus olhos de ladra. Ela sabia quais tábuas gemiam e que dobradiças da porta rangiam, e ainda assim ela continuou ali por um longo tempo, olhando para a casa de seu tio-avô, como se fosse o único lugar na terra que ela não tivesse o direito de pisar. Era como se uma grade de laser estivesse lá dentro. Um campo minado. Mas também respostas.

E o que Kat realmente precisava era de respostas.

— Tio Eddie! — ela gritou para a casa escura. O cartão estava em seu bolso e seu coração estava na garganta, batendo forte. Ela engoliu em seco e tentou novamente. — Tio Eddie!

Ela rastejou passando pela sala de estar, onde ninguém nunca sentava, e pelo corredor, mas a cozinha estava vazia e o fogão estava desligado e Kat sabia sem procurar mais longe que seu tio não estava lá. Ela se sentia sozinha na grande casa, tentando decidir o que fazer. Se o tio Eddie estivesse aqui, ele poderia ter dito a ela para sentar ou correr, comer ou chorar. Ela queria que alguém pensasse por ela porque ela não confiava mais em sua própria mente. Então, ela permaneceu no corredor, seus pensamentos em um ciclo constante, pensando...

*Eu fui enganada.*

*Eu fui enganada.*

*Eu fui...*

— Kat?

Kat pulou. As luzes se acenderam, e Kat girou para ver o menino atrás dela.

— Caramba, Simon, você quase me assustou pra...

Ela parou e estudou ele — ele estava em um pijama azul e seus pés estavam descalços. Seu cabelo preto arrepiava-se em ângulos estranhos, e ele não se parecia com um gênio da computação nesse momento. Não, ele parecia um caminhão vermelho de bombeiros.

— Você pegou um pouco de sol, Simon?

Simon concordou. — Nunca estabeleça um posto de observação em uma torre de água.

— Ok — Kat disse suavemente. Ela queria estender sua mão e acariciar suas costas, mas ela não sabia o quão longe a queimadura ia, e — mais do que isso — ela não conseguia esquecer que ela era a pessoa que precisava de conforto.

— Onde está o tio Eddie? — Kat ouvi sua voz falhar. Ela soava e parecia como uma garotinha quando ela lhe disse: — Eu preciso do tio Eddie.

— Ele se foi — Simon disse. — Saiu duas horas atrás. Tio Felix estava tentando enxotar uma marmota *com* uma flor Black-eyed Susan e... bem...

— Linhas de gás? — Kat adivinhou.

Simon assentiu. — Linhas de gás. Eddie foi para o Paraguai assim que ele soube. — Ele olhou para cima e para baixo do corredor vazio. — Onde está Hale?

Havia um vazio no estômago de Kat, uma sensação de tontura na parte de trás de sua mente. O tio Eddie foi embora. Hale foi embora. Constance Miller — tanto faz quem realmente ela é — estava desaparecida de um jeito diferente, e de repente, Kat não podia suportar. Ela tinha que fazer alguma coisa, encontrar algo, ser algo diferente do que era, então ela passou por Simon para o escritório que ela usou uma vez ou talvez duas vezes em toda a sua vida.

Havia apenas uma pequena janela naquela pequena sala, e a luz da rua mal atravessava as cortinas pesadas, assim Kat alcançou o interruptor. Estantes de arquivos estavam alinhadas em um lado, cobertas com caixas e envelopes velhos, palavras cruzadas meio terminadas e revistas da década passada. Atrás da mesa estava uma parede de estantes cheias de documentos e ferramentas, e mapas empoeirados do sistema de esgoto sob o Louvre.

— O que você está fazendo? — Simon perguntou enquanto Kat abria a gaveta de cima do armário mais próximo da porta. A gaveta estava enferrujada e guinchou, mas o tio Eddie estava a um continente de distância, então ela puxou mais forte, vasculhando através dos arquivos mais rápido.

*Uma caixa de sapato cheia de identidades velhas.*

*Plantas de um banco muito grande escrito quase inteiramente em japonês.*



*Informações gerais sobre cada guarda na Torre de Londres em 1980.*

— Você sabe se o tio Eddie tem algo sobre outras famílias? — Ela bateu a gaveta fechando-a e abriu a próxima.

*Lista da tripulação de um petroleiro de Estocolmo.*

— O que tem elas? — Simon perguntou.

— Nomes? Endereços? Qualquer informação sobre as outras famílias... como rastreá-las.

*Um molho de chaves rotuladas com Propriedade da Feira Mundial de Montreal, NÃO DUPLICAR.*

— Eu não sei — Simon disse. Ele parecia quase com medo, ali de pé, assistindo Kat fechar a segunda gaveta então dar um passo para trás e olhar para as pilhas, caixas e poeira. Procurando por respostas.

— Simon, eu preciso que você me diga se o tio Eddie mantém um computador em algum lugar. Alguma vez você já construiu para ele algum banco de dados ou um bloco de endereços ou...

— Kat. — Simon a cortou. — É do tio Eddie que você está falando.

Ela puxou a cadeira de trás da mesa, empurrando de lado um modelo perfeitamente em escala do Museu Egípcio, no Cairo, e se sentou.

— Kat, o que está acontecendo? — Simon disse, da maneira de um menino que tinha desistido de tentar entender tudo o que não era feito de zeros e uns. — O que você está procurando? — Kat abriu uma gaveta da mesa e correu os dedos através de um milhão de dólares em fichas falsas de um hotel que nunca tinha existido em Las Vegas. — O que há de errado? — ele perguntou enquanto ela folheava um livro sobre as catacumbas e passagens que ainda corria debaixo da Cidade do Vaticano.

— Kat! — Simon gritou desta vez. Ele puxou o livro das mãos frenéticas dela. — Kat, onde está Hale?

E de repente Kat sabia que não podia esconder. Não podia correr. Não podia mentir.

— Hale está... — ela começou lentamente.

— Eu estou bem aqui.

E lá estava ele, de pé no corredor nas costas de Simon. Quando Gabrielle apareceu ao seu lado, Kat não sabia o que ela estava sentindo: alívio ou constrangimento. Vergonha ou culpa.

Ela tentou sorrir. — Eu pensei que você estava indo para o Paraguai.

Ele deixou cair a mochila no chão e se encostou na moldura da porta. — Sim, mas então eu vi uma coisa mais interessante nos noticiários.

\* \* \*

Havia apenas uma cadeira no escritório empoeirado, com pouca luz, sem comida, mas essas não foram as razões do porquê eles saíram. A cozinha era

simplesmente onde estas coisas eram discutidas, então a cozinha foi para onde eles foram. Bem, todos eles, menos Katarina. Kat ficou perto da porta.

— Então, como foi no Paraguai? — Gabrielle perguntou enquanto ela, Simon e Hale tomaram seus lugares à mesa.

— Tinha mosquitos. Eu odeio mosquitos. — Simon coçou a perna, mas seu olhar se desviou de Gabrielle para Hale e, finalmente, para Kat.

Hale e Gabrielle olharam para Kat. Kat desviou o olhar.

— Temos uma espécie de... situação — Hale disse.

À direita de Hale, Simon fez uma careta. — Toma — Gabrielle disse, estendendo a pomada de queimaduras que o tio Eddie mantinha em cima do fogão. Ela pegou o menino mais novo pelo topo da cabeça e disse: — Fique quieto.

— Foram os russos? — Simon perguntou. Ninguém respondeu. — Brasil? — Sua voz estava ficando mais alta. — Não me digam que alguém do Henley finalmente...

— É Romani. — A voz de Kat o cortou. — Ou... nós pensamos que era Romani... *Eu* pensei que era ele. Mas então...

— Kat. — Hale estava levantando e atravessando a sala. Em uma fração de segundo ele alcançou ela. — Eu acreditei neles também.

— Mas eu deveria saber melhor das coisas.

— Então está tudo bem se *eu* fui enganado?

Ela poderia dizer que ela o machucou, e ela não tinha sequer tentado. — Você queria desistir, Hale. Você tentou *me* fazer desistir.

— Hum... alguém, por favor, pode me dizer o que aconteceu?

Quando Kat se virou para Simon, seu rosto estava escorrendo e coberto com creme.

— Nós roubamos a Esmeralda de Cleópatra — Gabrielle disse simplesmente, e o rosto de Simon virou um tom ainda mais profundo de carmesim.

— Vocês roubaram a... Vocês roubaram a... Vocês *roubaram*... Como? Por quê? Como?

— Alice no País das Maravilhas — Gabrielle disse simplesmente. — Kitty trocou a real por uma falsa e tirou pelo buraco do coelho, sem ninguém suspeitar de nada. — Ela sorriu para sua prima, como se estivesse finalmente começando a aprovar. — Foi lindo.

— Não. — Kat balançou a cabeça. — Não foi.

— Mas... — Os olhos de Simon arregalaram. Sua voz estava embargada. — Mas o tio Eddie diz que a Esmeralda de Cleópatra é...

— Não é amaldiçoada — Hale disse, mas Kat não conseguia afastar a sensação de que ela não tinha tanta certeza. *Os trabalhos da Cleópatra sempre acabam mal.*

Ela tocou o cartão no bolso e tomou seu lugar na mesa. — Eles disseram que Romani os enviou — Kat explicou. — Eles disseram que eram os legítimos

donos da pedra e que Romani tinha enviado eles, e eu...

— O que você está dizendo, Kat?

Ela riu da piada que não era engraçada afinal. E então Katarina Bishop, a maravilhosa ladra adolescente e It Girl criminosa, finalmente disse a eles: — Eu fui enganada.

O mundo não acabou quando ela disse isso. Kat estava esperando as paredes do triplex se desintegrarem, a velha mesa da cozinha quebrar em duas partes sob as palmas de sua mão. Mas o que se seguiu não foi nada além de um silêncio estranho e vazio, e Kat sabia que a menina que ela tinha sido duas horas antes estava morta.

— E daí? — Hale disse depois do que pareceu uma eternidade. — Então nós fizemos besteira. Nós aprendemos. E acabou.

— Não. — Kat se levantou e colocou o cartão de Romani sobre a mesa. Ela viu os três olharem para o cartão, sentiu algo mudando na cozinha, a cozinha ganhando vida quando ela sussurrou: — Isso só está apenas começando.

## Capítulo 14

*Traduzido por Polly*

Levou quase uma hora para Hale e Gabrielle contarem a história completa para Simon, e quando eles terminaram, Kat não se permitiu pensar em todas as coisas que ela não sabia. Ela manteve sua mente centrada, focada, direcionada sobre a coisa que mais importava.

— Quantas pessoas conhecem o nome Romani?

— Você quer dizer além de todos que ouviram sobre o homem misterioso aleatório que invadiu o Henley no outono passado e deixou seu cartão de visita? Duas vezes? — Simon perguntou.

— Sim. Quantas pessoas sabem que Romani é um *Chelovek Pseudonima...* um dos nomes sagrados?

Hale se afastou da mesa, sabendo que ele estava fora da sua alçada, do seu meio, deixando as crianças que haviam nascido na cozinha do tio Eddie refletir.

— Vinte? — Gabrielle supôs. — Cinquenta?

Mas Simon estava balançando a cabeça. — Não há nenhuma maneira de saber.

— Tio Eddie saberia — Kat murmurou.

— Não — Hale retrucou. — Nem pense em dizer ao tio Eddie sobre isso. Ainda não. Não. — Ele balançou a cabeça como se estivesse mudando de ideia. — Nunca.

— Esse é o mundo do tio Eddie, Hale. Nós temos que dizer a ele. Ele é a única pessoa que pode nos ajudar — Kat disse.

— Tem que haver alguma outra maneira. Olhe para mim. — Os olhos de Hale estavam quentes, suaves e reconfortantes. Ele não poderia estar mais longe do menino na limusine quando ele disse a ela: — Vamos encontrar outra maneira.

— Você tem certeza que vocês nunca viram essa mulher antes? — Simon perguntou, tentando processar todos os fatos.

— Eu não sei... — Kat começou devagar. — Havia algo sobre ela que era... *familiar*. Você sentiu isso?

Hale balançou sua cabeça. — Não.

— Eu pensei que talvez eu tinha acabado de vê-la no noticiário... a verdadeira mulher. Mas agora... — Kat parou, totalmente insegura como tudo deveria terminar.

— Simon, você está fazendo uma planilha? — Gabrielle perguntou, girando o laptop ao redor da mesa.

— Planilhas podem ser muito benéficas — ele disse, girando o laptop de volta.

— Precisamos perguntar ao tio Eddie — Kat disse. — Nós temos que dizer a ele... implorar por perdão e pedir ajuda.

Ela estava de pé, alcançando o velho telefone que estava pendurado na parede da cozinha, o longo cabo em espiral balançando todo o caminho até o chão. Mas Hale voou através da cozinha, as mãos dele cobrindo as dela quando, juntos, eles agarraram o receptor.

— Precisa fazer uma ligação? — ela perguntou.

— Eu não vou deixar você fazer isso, Kat — Hale disse lentamente. — Eu não vou deixar você aceitar as consequências porque você cometeu um erro. Se você ligar para lá...

— O quê? Eu escutei que a América do Sul é adorável nesta época do ano.

— Exceto pelos mosquitos — Simon adicionou.

Kat concordou. — Exceto pelos mosquitos. É um lugar tão bom quanto qualquer outro para morrer.

Hale balançou a cabeça. — Ele nunca vai te perdoar. Ou você nunca vai perdoar a si mesma. De qualquer maneira, você vai perdê-lo. Confie em mim. Eu sei um pouco sobre ser a decepção da família. — Ele gentilmente puxou o receptor das mãos de Kat. — Além disso, todo mundo sabe que eu empolo quando eu queimo.

— Eu não recomendo isso também — Simon disse, enquanto Gabrielle aplicava outra pincelada de loção.

A voz de Hale estava baixa, as palavras ditas apenas para Kat quando ele se inclinou mais perto, sussurrando: — Você realmente acha que o tio Eddie vai esquecer que nós roubamos a única coisa que ele proibiu qualquer um de roubar? Como você acha que ele vai reagir quando descobrir que usamos Charlie para nos ajudar? Confie em mim, Kat. Eu sei que eu não conheço ele o tempo que você conhece, mas se você contar ao tio Eddie sobre isso...

— O quê? Ele vai me tirar de seu testamento?

— E você vai precisar de um testamento. — Poderia ter sido fácil esquecer que Gabrielle estava lá, ela estava tão quieta enquanto ela cuidava de Simon, aparentemente alheia a tudo. Mas quando ela se levantou e olhou sua prima nos olhos, não havia o esquecimento de que Kat não era a única parente de sangue do tio Eddie na cozinha. — Hale está certo.

— Mas... — Kat começou.

— Mas nada. Você quer confessar seus pecados para o tio Eddie, tudo bem. Mas você não comece a confessar os nossos. E acredite em mim, ele não ficará apenas com raiva, Kat. — Gabrielle respirou. Sua voz falhou. — Ele vai ficar de *coração partido*.

Hale se inclinou para frente, pressionando Kat contra a parede, seu braço se estendendo sobre ela para colocar lentamente o receptor de volta em seu lugar.

— Romani *está* comandando isso, Kat — Hale disse, sua voz baixa e macia. — Ele não estava da primeira vez, mas ele colocou esse cartão no seu bolso, então ele está comandando as coisas agora. E agora... — Kat realmente sentiu a ascensão e queda do seu peito quando ele respirou fundo. — E agora pegamos a Cleópatra de volta.

— Esse é um grande plano, gente. Realmente, é — Kat disse. — Exceto que não podemos roubar o que não podemos encontrar, e o tio Eddie é a única pessoa no mundo que pode saber quem são essas pessoas.

— A única pessoa? — Gabrielle cruzou as longas pernas e examinou as unhas. Parecia a sugestão mais inocente do mundo, quando ela disse: — Você é a gênia, Kat. Certamente você pode pensar em *alguém*.

UM DIA DEPOIS QUE  
KAT FEZ BESTEIRA

LIÃO,  
FRANÇA

# Capítulo 15

*Traduzido por Polly*

Demorou cerca de dezoito horas para Kat formar um plano e Hale chamar o jato, e os quatro adolescentes se encontravam em pé nas ruas de Lião, França.

Quando o sol começou a se pôr à distância, Kat reprimiu um bocejo, mas ela sabia que não estava realmente com sono. Pessoas cansadas conseguem dormir em jatos particulares com pouca dificuldade ou desconforto. Se tivesse sido mera exaustão, Kat estava certa que ela poderia ter cochilado no carro com motorista que eles encontraram na pista privada fora da cidade.

Mas enquanto ela caminhava entre os vendedores nos mercados de rua barulhentos, as cores pareciam muito brilhantes, os ruídos um pouco altos demais. E quando Hale segurou um croissant quente em sua direção e disse: — Eu estou pagando — seus reflexos estavam inteiramente muito lentos.

— Obrigada — Gabrielle disse, arrebatando a massa de sua mão e retirando uma longa tira amanteigada.

Então não, Kat percebeu, não foi apenas o cansaço que assolou seus reflexos e intuição. Ela tinha que cogitar a noção de que ela estava simplesmente perdendo seu toque.

Ou talvez, Kat teve que admitir, ela estava apenas amaldiçoada.

Andando pela rua naquele dia, Lião não parecia ser a segunda maior cidade da França. Os agricultores alinhavam produtos em barracas do mercado. Lojistas varriam seus alpendres, e dois policiais caminhavam silenciosamente passando por quatro dos maiores ladrões do mundo, nem mesmo um pouco desconfiados.

Gabrielle não deve ter compartilhado a recém-descoberta insônia de Kat, porque ela bocejou e se espreguiçou da forma de alguém que poderia se acostumar a viajar no estilo de W.W. Hale Quinto.

Simon, por outro lado, não parecia que estaria confortável novamente. — Que horas o seu contato vai nos encontrar?

— Oh, bem, não é realmente um encontro, estritamente falando — Kat disse para ele.

Hale cruzou os braços e se encostou em um muro baixo de pedra que corria ao longo do rio Ródano. — Como assim estritamente falando?

— É mais como dar uma passada — Kat disse.

— Esse contato não sabe que estamos indo, não é? — Hale perguntou, mas Kat se afastou de seu olhar.

Ela estava tentando decidir como responder quando Gabrielle jogou as mãos para o ar. — Ótimo — ela disse. — Ele conhece o tio Eddie, não é? Ele vai falar com o tio Eddie. Sabe, minha mãe me espera no Paraguai a qualquer dia. E quando eu não aparecer...

— Ninguém irá falar com o tio Eddie, Gabs. Confie em mim.

— Apenas me diga uma coisa, Kat — Hale disse, se inclinando para perto. — Esse cara misterioso vai saber quem é a nossa falsa Constance, ou nós voamos todo o caminho para a França para nada?

Kat podia sentir sua impaciência e sua preocupação. O bilionário entediado tinha sumido, ela sabia. Assim como o menino ferido e preocupado que tinha avisado a ela sobre ir longe demais. Constance — quem quer que fosse — tinha levado mais do que apenas a Cleópatra quando ela disse as mentiras dela e foi embora.

— Olha, gente — Kat disse, pegando os três. — Até onde eu sei, o melhor banco de dados criminal do mundo está dentro da cabeça do tio Eddie. Exceto que, a segunda melhor coisa está aqui.

— Essa *coisa* está perto? — Hale perguntou.

— Oh — Kat respirou fundo, — pode-se dizer que sim.

Havia um prédio do outro lado do rio. Kat se sentiu apontando, observando seus amigos virar e olharem para longe para o sol que refletia o aço, o vidro e a grande placa que dizia *Interpol*.

— Isso é engraçado, Kat — Simon disse, então percebeu que ninguém mais estava rindo. — Não — ele engasgou, e Hale estendeu a mão para o braço de Kat.

— Vamos conversar.

Hale era mais alto, mais largo, mais forte, mas Kat poderia tê-lo parado se ela quisesse. Ou pelo menos é o que ela disse a si mesma quando ele a puxou a três metros de distância de Simon e Gabrielle e falou baixinho. — Quando você disse que conhecia uma fonte, eu estava pensando que talvez fosse... seu pai — Hale confidenciou.

— Constance, ou quem quer que seja, usa os antigos métodos, Hale. Se meu pai conhecesse alguém assim, confie em mim, eu teria ouvido falar sobre ela.

— Ou, se não o seu pai... então Charlie.

— Eu pensei que você não gostava de Charlie.

— Charlie era estranho. Mas estranho é ok.

— Eu pensei que você nunca mais iria subir aquela montanha novamente se sua vida dependesse disso.

— Há helicópteros. Eu sou bom com helicópteros.

— Eu pensei que você gostava da França.



Hale apontou para outro lado do rio para a casa da polícia do mundo. — Algumas partes eu gosto mais do que as outras!

Ele puxou Kat suavemente em direção a ele. — Alguém tem a informação de que precisamos... Tem que haver alguma outra maneira.

— A outra maneira é o tio Eddie — Kat rebateu. — Então, você me diz: qual é a mais assustadora?

E com isso, os quatro viraram em unísono perfeito e olharam para o prédio brilhando no outro lado da margem do rio.

Gabrielle foi a única que disse o que todo mundo estava pensando. — Então, quando vamos começar?



Mesmo que Kat tivesse a certeza que a suíte do hotel era a maior em Lião (Marcus não sabia como reservar qualquer outro tipo), ainda parecia incrivelmente pequena setenta e duas horas mais tarde, enquanto Hale andava de um lado para o outro, Gabrielle estava deitada e os computadores de Simon (se possível) multiplicaram.

— Está na hora? — Hale perguntou pelo que deve ter sido a décima vez nas últimas duas horas.

— Não — Simon e Gabrielle disseram no exato mesmo tempo, então os três viraram para olhar para Kat.

— Isso — Kat levantou uma mão, — ou o tio Eddie. — Ela levantou a outra, equilibrando uma escala imaginária que Simon estremeceu, em seguida, continuou. — Bem, como eu estava dizendo, uma vez que a Interpol trabalha, literalmente, em todo o mundo, eles estão abertos vinte e quatro horas por dia, sempre em cada fuso horário. Assim, o lugar nunca está vazio. E eles têm câmeras. Das boas.

— Espero que sim. — Gabrielle parecia indignada. — Quero dizer, eles são da Interpol, pelo amor de Deus.

— Eles não trabalham com o público, assim a entrada e a saída é rigorosamente controlada por aquelas portas. — Simon apontou para as principais entradas na tela.

— Essa é uma boa notícia, não é, Simon? — Gabrielle perguntou.

— Do ponto de vista de segurança, suas maiores preocupações são ataques terroristas. Bombas. Situações de reféns. Eles têm mais detectores de risco biológico por metro quadrado do que qualquer outro edifício na Europa. Oh, e no ano passado eles gastaram cerca de três milhões de dólares neste software de reconhecimento facial que...

— Boa notícia — Hale lembrou Simon com um tapinha nas costas.

— Eles não têm qualquer coisa que alguém queira — Simon disse, então ele olhou para Kat. — Bem... pessoas normais. Sem ofensa.

Ela balançou a cabeça. — Ninguém se ofendeu.

— É realmente apenas um prédio de escritórios, cubículos, arquivos e salas de conferências. Nenhum dinheiro. Nenhuma arte. Nada para roubar, por isso, se você puder entrar, você pode muito bem se movimentar pelo lugar. Quero dizer, além dos guardas.

— E das câmeras — Gabrielle lembrou ele.

— E disso. E eles têm este scanner biométrico de retina que mantém as pessoas fora dos lugares onde eles não têm autorização. Mas o resto é... fácil. Até mesmo o seu sistema de computação é impossível de hackear do lado de fora, mas uma vez que você está dentro...

— Então vamos entrar — Kat disse.

Se havia uma coisa que qualquer membro da família de Kat aprendia em uma tenra idade era que o medo é uma fraqueza. Faz uma pessoa perder a coragem e sua calma. Isso deixa as pessoas inquietas e organizações nervosas, e quando isso acontece, há sempre uma chance de tirar proveito. Então, quando Simon e Gabrielle se entreolharam, Kat podia ver um único pensamento se estabelecendo em ambos os rostos.

— Florence Nightingale — ambos disseram com um suspiro.

— O quê? — Hale olhou entre eles. Kat não podia decidir se ele estava mais frustrado com ele mesmo ou com ela. Mas em qualquer caso, ele se parecia muito com alguém que nunca iria se acostumar a estar do lado de fora da brincadeira. — O quê? Então você espera que a gente simplesmente caminhe até a sede da Organização Internacional de Polícia Criminal? Que eles abram as portas e nos deixem entrar?

Kat sorriu quando ela se virou para ele. — Isso é *exatamente* o que eu espero que aconteça.

— Hum... — Simon começou devagar, — correndo o risco de afirmar o óbvio, eu sinto que tenho de salientar que a Interpol tem o melhor banco de dados do mundo de criminosos internacionais.

— Essa é a ideia — Gabrielle disse com um aceno de cabeça.

— E eu me sinto compelido a lembrar vocês que *nós somos* criminosos internacionais? — ele terminou, mas Kat já estava sorrindo.

— Não se preocupe, Simon. Não é como se alguém lá soubesse que foi um bando de adolescentes que roubaram o Henley.

# 8 DIAS DEPOIS QUE KAT FOI ENGANADA

LIÃO,  
FRANÇA

# Capítulo 16

*Traduzido por Polly*

Amelia Bennett não se tornou a mulher da mais alta patente no mais baixo escalão do departamento da Interpol por não ser capaz de ler entre linhas ou conectar pontos. A maioria das pessoas veriam trabalhar na sede mundial como uma promoção — um passo para cima. Para o observador do lado de fora, a sede da Interpol era o epítome da resolução de crimes do século vinte, e ainda assim para Amelia Bennett era como uma prisão.

Mas com um embasamento bem mais interessante.

Passeando pela sede na sexta-feira de manhã, ela tinha uma pilha de arquivos empoeirados debaixo do braço e um olhar de determinação de aço em seu rosto, e quando ela alcançou a porta de seu chefe, ela entrou sem bater.

— Bennett! — Artie Dupree retrucou. — O que você... — Mas o som de sete quilos de arquivos empoeirados e diários de bordo batendo na mesa o cortou. — O que é tudo isso?

— Evidências — Amelia disse.

O homem apontou um dos arquivos na frente dele. — O trabalho sobre a Adaga Turca? Isso aconteceu em 1916, não foi?

Amelia cruzou os braços e sorriu. — Sim, aconteceu.

Em seguida, foi a vez de seu chefe sorrir. — Bem, graças a Deus você resolveu isso.

Como uma investigadora treinada e mulher altamente intuitiva, Amelia ouviu a dispensa na voz de seu superior, mas ela optou por não reconhecer isso.

— Ele fez isso, Artie.

— Quem?

Amelia colocou as palmas das mãos sobre a mesa e se inclinou em direção a ele. — Visily Romani.

Artie bufou. — A investigação sobre o Henley está nas mãos das autoridades competentes, Amelia. A menos que os arquivos no porão tenham uma passagem secreta para Londres que eu não conheça nada, eu recomendaria...

Amelia moveu uma mão para um quadril estreito e olhou para o homem atrás da mesa. — Eu realmente tenho que agradecer a você, Artie. Quer dizer, você sabe o que você obtém quando você passa oito semanas vasculhando caixas de arquivos mortos?

Artie esticou o pescoço para cima, a fim de olhar para ela. — Cortes com papel?

— História. — Amelia sorriu como se a piada, em última análise, fosse sobre ele. Ela pegou o arquivo mais próximo e jogou na extremidade da mesa. — Viena em 1962. Paris em 1926. — Outro arquivo aterrissou no topo da pilha, e o homem parecia fisicamente dolorido — como se muita poeira e desordem fossem demais para os seus sentidos delicados.

— O que eles têm em comum? — ela perguntou como uma professora desafiando um estudante.

— Agora veja aqui, Amelia, eu sou uma pessoa muito ocupada...

— Todos são alvos de notoriedade. Todos impecavelmente planejados... quase como trabalhos elegantes.

— Amelia, realmente...

— E em cada arquivo você pode encontrar um nome: *Visily Romani*. — Ela vasculhou os arquivos, retirando pedaços de papel assinados e mostrando ao seu chefe. — Manifesto marítimo de Berlim em 1935... — ela apontou para uma assinatura, — Romani. Declaração de testemunha da Turquia. O nome da testemunha é...

— Romani — Artie Dupree terminou por ela, em seguida, deu um suspiro exasperado. — O que isso tem a ver com o Henley?

— Uma dúzia de roubos de notoriedade em uma dúzia de cidades ao longo dos últimos noventa anos. E quem sabe quanto tempo antes disso?

E, em seguida, foi a vez de seu chefe sorrir. — Noventa anos? — ele disse, soando como se ele pudesse estar pensando em pegar a isca. — O Sr. Romani tem sido um homem muito ocupado.

— Mas essa é a coisa, Artie. E se Romani não for um homem? — Amelia disse, inclinando para frente.

— Ótimo. Vamos alertar Scotland Yard e dizer a eles que eles estão procurando um vampiro. Ou um lobisomem. Eu estou supondo que você tenha uma referência cruzada com os ciclos lunares.

— E se for um *nome*? — Amelia disse, destemida. Ela abriu os arquivos através da mesa. — Um nome que tem sido usado por várias pessoas por muito

tempo.

— Excelente. — Seu chefe empurrou os arquivos de lado e voltou para a sua ordem, suas listas e sua vida. — Você descobriu. Ótimo trabalho. Vou ligar para o Henley imediatamente e dizer a eles que o *Anjo Retornando ao Paraíso* de Leonardo foi roubado por um nome.

— Estes são alguns dos mais famosos crimes não solucionados da história. Você não vê isso?

— Eu vejo que eles são de décadas atrás, e as palavras-chaves são *não resolvidos*.

— É um elo comum. Uma trama. Estes crimes estão interligados, e se nós...

— Você sabe onde o Anjo está? — ele retrucou, e Amelia deu um passo para trás involuntário.

— Não.

— Você tem informações que irão levar à prisão deste Romani... — Ele parou, afobado. — Ou Romanis?

— Se nós iniciarmos uma investigação...

— Bennett! A última vez que deixamos você liderar uma investigação, você jurou que iria pegar um Robert Bishop.

Amelia cruzou os braços e olhou para baixo. — Sim, eu posso ver como que a investigação foi uma decepção. Só resultou na prisão de um criminoso internacional, na recuperação de uma estátua de milhões de dólares e de quatro pinturas de valor inestimável que estavam desaparecidas a sessenta anos.

— Se você realmente quer resolver o que aconteceu no Henley, eu sugiro que você converse com seu filho. — Artie Dupree deslizou seus óculos. — Afinal, ele estava lá... espere, *o que* ele estava fazendo lá, mesmo? — O homem fez a pergunta que ele e algumas dezenas de outros já haviam feito antes.

— Ele me disse que ele estava lá por um profundo amor pela arte.

— Mas você não acredita nele?

— Ele é um adolescente. Tenho certeza de que o que ele realmente quis dizer foi que ele estava ali para impressionar uma garota.

O homem a estudou como se isso tudo fossem novas informações (não eram). Ele suspirou como se ele pudesse entender completamente sua situação (ele não poderia). E ele olhou para ela como se seu sorriso pudesse tornar sua situação atual menos desagradável (nem sequer chegou perto).

— Então eu estou assumindo que não há nada mais que eu possa fazer por você, Agente Bennett?

— Não — Amelia disse, reunindo os arquivos empoeirados e apertando eles em seu terno preto. — Eu tenho tudo que eu preciso.

\* \* \*

Apesar de ser uma observadora altamente treinada e habilmente qualificada, havia muitas coisas que Amelia Bennett não viu em sua viagem de volta aos arquivos do porão. Afinal, parecia uma típica manhã com as massas de olhos sonolentos passando seus cartões e entrando. Trabalhadores empurrando carrinhos e pessoas escaneando papéis, e era um dia como qualquer outro, ali nas margens do rio Ródano.

Bem, pelo menos era o que parecia, até o ponto em que um buquê de flores frescas que estava destinado para o vice-diretor estava sendo levado da recepção principal para os escritórios no nível superior, ativando uma meia dúzia de detectores de risco biológico ao longo do caminho.

Alguns momentos depois, no segundo andar, uma garrafa de limpador de carpete começou a borbulhar com fumaça aparentemente tóxica. O chefe da divisão de segurança interna da Interpol estava a meio caminho da sala de correspondências quando ouviu que uma máquina de café expresso novíssima pegou fogo espontaneamente. Um forno recentemente comprado do refeitório começou a expelir fumaça tão espessa que ninguém podia sequer ver.

— O que está acontecendo? — um dos guardas na sala de segurança queria saber.

— Todos os banheiros dos homens no quarto andar simplesmente... explodiram! — alguém exclamou.

Por todo o edifício, sirenes estavam chiando e sensores estavam apitando. E quando a voz eletrônica começou a ecoar através do edifício, dizendo: — HOUVE UMA QUEBRA NO PROTOCOLO DE SEGURANÇA. POR FAVOR, PROSSIGAM PARA A PORTA MAIS PRÓXIMA — a primeira vez em francês, então novamente em árabe, inglês e espanhol, só havia uma coisa a ser feita.

Para seu crédito, cada pessoa na sede mundial da Interpol reagiu com calma, da forma ordenada que seria de esperar. Para alguém observando do outro lado do rio, parecia nada mais do que um pequeno inconveniente — um exercício. Explodir banheiros, afinal, não era um tipo de incidente internacional. Muitos dos funcionários da Interpol disseram mais tarde que, se não soubessem melhor, eles teriam jurado que eles estavam testemunhando brincadeiras inofensivas de crianças.

Bem, pelo menos foi assim que parecia até que os caminhões de bombeiros apareceram com suas luzes girando e sirenes apitando. A polícia também foi rapidamente para a cena — quase rápido demais, alguns poderiam dizer — colocando as barricadas e bloqueando o tráfego.

Mas não foi até que eles viram o grande ônibus do esquadrão antibomba e as pessoas amontoadas nas calçadas que começaram a se perguntar se as coisas poderiam ser mais graves do que alguma brincadeira elaborada.

— Saiam da frente! — O mais alto das figuras mascaradas em roupas pesadas de proteção gritou. Ele berrava ordens para um homem com um walkie-talkie. — Seu pessoal saiu de lá?

— Sim — o homem disse. Ele parecia vagamente confuso e mais do que um pouco irritado. — Mas foram apenas os banheiros... Será que não podemos voltar para dentro e...

— Agora, você me escute — o homem mascarado gritou. Ele tinha uma voz profunda, e quando falou, toda a multidão pareceu parar e ouvir. — Essa instalação tem os melhores detectores de risco biológico que o dinheiro pode comprar, e nos últimos vinte minutos, nove deles explodiram. Nós levamos esse tipo de coisa a sério no meu departamento. E você?

O homem com o walkie-talkie ficou quieto, pesando a imagem da nociva máquina de café expresso e o mal funcionamento dos banheiros contra as palavras do homem mascarado. — Faça o que você tiver que fazer — ele disse, deixando as quatro figuras mascaradas caminharem através das reluzentes portas polidas da Interpol.

Katarina Bishop não era claustrofóbica, ou assim ela disse a si mesma com cada respiração que ela levou para dentro da máscara pesada. Certa vez, ela tinha voado do Cairo para Istambul trancada dentro de um sarcófago de ouro maciço, afinal, por isso não era o pequeno espaço que estava fazendo o coração de Kat acelerar ou o rosto dela suar enquanto ela seguia Hale para a grande escadaria, apressando-se para o computador que estava alojado no segundo andar.

Hale parou no topo do patamar, olhou em ambas as direções, e puxou a máscara de sua cabeça.

— Simon, você vai para lá. — Ele apontou para o longo corredor vazio. — Gabrielle, você pode...

Mas então Hale não conseguiu finalizar. Kat não podia se mover. Nenhum deles podia fazer nada além de assistir quando o pé de Gabrielle tropeçou no degrau mais alto, e seu tornozelo virou, e Gabrielle foi caindo, caindo escada abaixo, para o patamar abaixo.

Kat e Simon se entreolharam como se para verificar se eles tinham visto a mesma coisa — que Gabrielle... caiu.

Apenas Hale conseguiu correr em direção a ela. — Você está bem?

Mas mesmo a própria Gabrielle não conseguia processar o que tinha acontecido. Ela olhou para cima e encontrou os olhos de sua prima. — Kat, eu simplesmente... caí?

— Sim — Kat disse. — Eu acho que você caiu.

— Mas eu nunca caí — Gabrielle respondeu, como se tivesse de haver algum tipo de engano.

— Pode ficar de pé? — Hale perguntou, estendendo a mão para ela, mas Gabrielle apenas riu.

— É claro que posso... ai! — A dor que atravessou o rosto dela foi rápida e intensa, mas era um tipo diferente de pânico que sangrou através de sua voz quando ela disse: — Kat, eu não consigo ficar de pé.



— Eu sei, Gabs. Vai ficar tudo bem. Basta sentar aqui nos degraus e esperar por nós. Simon e Hale podem ficar com o computador. Vou verificar os discos rígidos, os arquivos e...

— Eu estou amaldiçoada — Gabrielle disse, como se não tivesse ouvido uma palavra. — Eu derrubei a Esmeralda de Cleópatra derrapando pelo chão e agora estou... amaldiçoada.

— Não seja boba — Kat disse, estendendo a mão para sua prima.

— Não me toque! — Gabrielle disse. — Pode ser contagioso.

— Kat... — Havia um teor de impaciência e medo na voz de Hale. — Temos que nos mover — ele disse, e ele estava certo.

— Vão — Gabrielle retrucou. — Eu posso manter um olho sobre as portas a partir daqui.

— Mas... — Simon começou.

— Vão! — Gabrielle gritou, e Kat sabia o que tinha de ser feito.

— Quanto tempo até que o verdadeiro esquadrão antibombas apareça? — Hale perguntou, arriscando um olhar para fora das janelas enormes.

— Na melhor das hipóteses? — Kat perguntou. Hale concordou. — Depressa.

Então, Kat estava sozinha quando ela fez seu caminho para as profundezas do edifício, passando pela divisão de inteligência contraterrorismo, através de um corredor inteiro marcado com os retratos de antigos secretários-gerais. Deveria ter sido a melhor das invasões — andar através desses corredores particulares. Mas parecia apenas mais um prédio de escritórios, e ela correu mais rápido, contando com as plantas em sua mente para levá-la para a pequena porta com a placa ainda menor onde se lia arquivos.

Ela abriu caminho para dentro, descendo as escadas, mais profundo e mais profundo no interior do edifício.

— Simon, qual é o seu estado? — ela ouviu Gabrielle perguntar a três andares de distância.

— Bem, a criptografia deles é realmente boa, mas eu consegui lançar um vírus em sua...

— Inglês, cara — Hale lembrou a ele.

— Quase lá.

— Kat? — Hale perguntou assim que Kat chegou ao fundo da escada e abriu uma outra porta. Ela deu um passo para um pequeno patamar. — Kat? — ele perguntou novamente. — Qual a sua...

— Hum... gente... — Kat segurou o frio corrimão. — Vocês sabem qual o tipo de câmara de compensação para informações da Interpol? — Ela não esperou por uma resposta. — Eu acho que eu acabei de encontrar... a casa.

De seu lugar no patamar no topo das escadas, Kat poderia facilmente ver a sala que se estendia à sua frente, tão vasta e infinita como um labirinto. Prateleiras e armários — milhares de armários — preenchendo o espaço que parecia tão longo como o próprio edifício. Luzes industriais fracas penduradas

acima, e todo o lugar tinha um cheiro de pó e desuso. Olhando para baixo, Kat não conseguia afastar a sensação de que o que ela realmente tinha encontrado era um cemitério — o lugar onde os trabalhos velhos vinham depois que eles morriam.

— Vinte e cinco por cento baixado — Simon disse a partir de cima.

Kat desceu as escadas, seguindo as indicações desbotadas através de corredores empoeirados que pareciam a anos-luz de distância dos escritórios elegantes e acessórios modernos que dominavam os andares acima. Ela correu até que ela finalmente chegou na mais profunda e mais escura parte da sala e os armários dedicados à arte e crimes culturais.

— Ei... gente... — Kat ouviu Gabrielle dizer. — Como o *verdadeiro* esquadrão antibombas parece?

— Conosco — Kat ouviu-se dizer, ao mesmo tempo que Simon e Hale.

— Então talvez seja hora de começar a caminhar para as saídas — Gabrielle avisou, e Kat sentiu o coração bater mais rápido.

— Ok, entendi. Estou quase — Simon exclamou.

— Gabrielle, eu estou indo pegar você — Hale disse.

Kat praticamente podia sentir sua equipe trabalhando, agindo, movendo-se para as saídas de forma ordenada, mas ela se sentia perdida entre as dezenas de armários de pé diante dela. Era como olhar para uma versão ligeiramente menos organizada, altamente abreviada da mente do tio Eddie.

— Kat. — A voz de Hale estava firme até mesmo em seu ouvido. — Sem riscos loucos — ele avisou.

— Sem riscos loucos — Kat disse, e começou a abrir gavetas. Ela não sabia o que ela estava procurando, mas ela se moveu como um relâmpago, vasculhando arquivos de qualquer menção de roubos a joias, vigaristas ou mulheres mais velhas particularmente convenientes que possam saber o suficiente para invocar o nome Romani.

— Ok — Gabrielle disse, — parece que o chefe de segurança está brigando com os caras antibombas. Temos que ir.

— Já estou a caminho — Hale disse, e Kat bateu outra gaveta.

Ela se virou, seu olhar varrendo ao longo dos armários à sua direita, em seguida, deslizando através das altas prateleiras metálicas à sua esquerda. Ela ficou ali, sabendo que ela nunca poderia procurar em tudo, temendo que a verdade pudesse estar lá, apodrecendo com o restante dos arquivos mortos.

E foi então que ela a viu — uma caixa de arquivo em uma prateleira empoeirada logo acima de sua cabeça. Havia uma foto antiga colada na etiqueta. A foto em si era preto e branca — nenhuma cor de qualquer tipo — mas Kat sabia que a pedra da foto era de um vívido verde vibrante. Ela sabia porque apenas uma semana antes ela segurou-a na mão.

— Kat! — A voz de Hale ecoava em sua orelha.

— Estou indo! — Kat gritou, e tirou a caixa da prateleira. Ela já estava correndo de volta através das pilhas e filas quando seu telefone começou a tocar, o som tão alto como uma sirene no enorme espaço ecoando.

Ela deixou cair a caixa pesada em uma pequena mesa de madeira e começou a vasculhar os bolsos de sua roupa do esquadrão antibombas, procurando por seu telefone. Mas ele tinha parado de tocar, e de repente Kat se viu olhando para uma montanha de diários de bordo velhos e pastas empoeiradas. No topo de tudo isso havia um bloco amarelo, rabiscos apressados cobriam a página.

*Romani.*

— Kat, estamos quase no ponto de encontro. Eu não vejo você. — A voz de Hale ecoava em seu ouvido, mas a pilha de pastas continuava puxando ela para mais perto.

— Kat! — Hale estalou, mas os arquivos estavam ali, cheios de segredos que apenas um punhado de pessoas no mundo sabia.

Eles estava bem ali.

Ela podia esperar. Ela podia olhar. Ela podia...

— Kat — Hale disse novamente, — você vem?

— Só um minuto.

— Eu acho que nós não temos um minuto — Hale disse assim que, a três andares de distância, as sirenes começaram badalar. As luzes piscaram no porão. E Kat sabia que não tinha escolha além de se afastar da mesa e dizer: — Eu estarei aí em breve.

Ela tinha acabado de pegar a caixa e começado a correr quando algo a fez parar absolutamente em seu caminho.

— Eu sei, senhor — uma voz disse atrás de Kat, escondida dentro do labirinto de prateleiras. — Bem, os alarmes não soam no subsolo, não é? Me desculpe, eu devo ter perdido eles. — Houve uma longa pausa com nada além do som de saltos altos no chão de concreto.

Aquela voz, Kat pensou. Esses saltos. Ela olhou para a mesa de trabalho uma vez mais, os círculos cuidadosos e toda a pilha de arquivos que ostentavam o nome Romani, e Kat sabia exatamente quem estava vindo em seu caminho.

— Sim — Amelia disse. — É claro que eu estou indo para a saída de emergência nesse momento — ela mentiu. Kat ouviu a mulher virar o canto através das pilhas, então ela empurrou a caixa em uma mesa próxima e a seguiu, percebendo tarde demais que alguém já estava sob a mesa.

— Kat? — uma voz familiar demais disse. — É você?

Kat sentiu seu celular vibrar, e ela o arrancou do bolso antes que pudesse tocar de novo, xingando sua própria negligência e... bem... praguejando.

Mas Kat... Kat se sentou olhando nos olhos que ela não tinha visto em meses e disse: — Pai, é melhor eu ligar depois para o senhor.



No dicionário de ladrões, há muitas palavras diferentes para *flagrado*. *Feito. Golpeado*. Todas aplicadas nesse momento, é claro, mas aquelas não eram as palavras que vieram à mente de Kat.

— Nick? — ela perguntou, sua voz quase um sussurro. — O que você está fazendo...

— Shh. — Ele a puxou com força para ele, e no silêncio, Kat ouviu a mulher se aproximando.

— Então... — Kat sussurrou quando a mulher havia virado um outro corredor, — sua mãe foi transferida. Eu acho que encontrar quatro pinturas inestimáveis e ter um criminoso internacional nas ruas faz maravilhas para a carreira de uma mulher.

— Não tanto quanto ter seu filho trancado em uma sala no Henley vai fazer.

Kat deu de ombros. — Me desculpe por isso.

— Sem problemas. — Nick olhou de Kat para a caixa de arquivos empoeirados com a grande pedra verde no seu rótulo. — Fazendo alguma pesquisa?

— Artigo para o jornal do ensino médio. E você?

— Leve o Seu Filho ao Dia do Trabalho. — Sua mentira foi tão rápida e quase tão fácil quanto a dela própria.

— Kat! — Hale estava gritando em seu ouvido. — Kat, onde você está? Eu estou voltando para pegar você.

— Não — Kat disse, e o olhar nos olhos de Nick disse a ela que ele sabia exatamente o que ela estava pensando.

— Hora de ir? — ele perguntou.

— Sim — Kat disse, puxando a caixa para fora debaixo da mesa e começando a seguir. Mas então, Nick estendeu a mão e segurou o braço dela.

— Aonde você está indo?

— Para longe — Kat disse, como se a resposta devesse ser óbvia.

— Não use a escada principal — ele alertou, em seguida, apontou para um canto escuro ao longe. — Há uma saída de emergência lá. Acho que alguém desativou os sensores e manipulou o código esta manhã.

— Oh, *alguém* fez isso? — ela perguntou.

Nick concordou, rastejou de debaixo da mesa, e virou na direção que sua mãe estava vindo.

— Nick? — Kat arriscou o segundo extra e o barulho. Ela levantou a caixa. — Qual arquivo que você estava procurando?

Ele deu de ombros. — O seu.

# Capítulo 17

*Traduzido por Polly*

Foi relativamente fácil chegar ao avião. Alfândega não foi um problema. O que foi difícil, Kat percebeu, foi olhar através das janelas do jato particular para Nova York e ver pela primeira vez que o mundo era um lugar totalmente diferente do que você jamais pensou que seria.

— E sobre ela? — Simon perguntou. Ele tinha fixado uma folha branca no anteparo na frente da cabine, e Kat se virou para ela, olhou para a imagem na tela improvisada de uma linda mulher se vestindo exatamente como a Princesa Anastasia. — Claro, isso foi tirado a cinquenta anos atrás, mas...

— Não — Kat disse, e balançou a cabeça.

— Ela? — Simon perguntou, e a imagem mudou para uma jovem mulher em um sarongue, montando um elefante.

Outro “Não,” dessa vez de Hale.

— E *ela*?

— Esse é o tio Felix travestido, Simon — Kat disse para ele.

— *Oh, é* — Simon e Hale disseram, inclinando suas cabeças e olhando para uma figura surpreendentemente impressionante em um chapéu igualmente impressionante no casamento real de Charles e Diana.

Hale estava vasculhando sistematicamente através do monte de arquivos que Kat havia carregado a partir do porão da Interpol. Simon tinha seus computadores, fios e telas, e logo dados da Interpol começaram a piscar através da cabine a trinta e dois mil pés de altura.

Kat se deixou olhar pela janela para as pequenas cidades e campos verdes que eventualmente deram lugar ao azul profundo do oceano, pensando que não era um mundo tão pequeno, afinal. Claro, era uma coisa estranha de se perceber pela primeira vez com a idade de quinze anos, mas a cozinha no triplex não era mais que um cômodo de quatro por quatro metros... Com exceção dos três meses curtos do outono anterior, Kat nunca tinha conhecido um mundo onde todos não conheciam seu pai e não tinham amado a sua mãe, onde Eddie não era “Tio” de cada pessoa que ela conhecia.

Então Kat olhou para a vastidão e sussurrou: — O mundo — ela estendeu a mão para tocar o vidro, — *é grande*.

— E amaldiçoado — Gabrielle adicionou, manobrando seu corpo machucado desajeitadamente na cadeira de couro felpudo em frente a Kat. Ela jogou seu tornozelo inchado no colo de sua prima. — Então, Katarina, de volta a Interpol... você saiu atrasada.

Mesmo os melhores golpistas eventualmente encontram alguém a quem não podem mentir, e com isso ou não, Kat percebeu, que para ela essa pessoa era Gabrielle. No silêncio profundo que se passou entre elas, as duas primas pareciam saber disso.

— Tive um atraso — Kat respondeu.

— Eu percebi.

— Não é uma grande coisa — Kat tentou.

— Tenho certeza que não é.

— Houve um impedimento. — Kat deu de ombros.

— Sempre há. — Gabrielle se inclinou mais perto e sussurrou: — Apenas me diga, esse impedimento tem um nome?

Kat começou a responder, mas então os olhos de sua prima se arregalaram, e Kat sabia, sem olhar, que Hale estava atrás dela. Ela sentiu as mãos dele estabelecerem em seus ombros quando ele se inclinou sobre o assento.

— Ei.

Ela olhou para ele. — Ei.

— Você está bem? — ele perguntou, tomando o assento ao lado dela. Ele parecia grande, quente, seguro e... aterrorizante. Sim, aterrorizante era definitivamente a palavra certa, porque ele inclinou-se para examinar o tornozelo de Gabrielle, e tudo que Kat podia fazer era pensar, *Eu te beijei. Eu te beijei. Eu te beijei.*

— Kat? — Hale perguntou novamente.

— Eu estou bem — ela disse, um pouco rápido demais.

Hale olhou para Gabrielle, que cruzou os braços, olhou para sua prima, e disse: — Ok. Agora, a resposta verdadeira.

— Não foi nada. É só que... — Kat balançou a cabeça e voltou para a janela. — O mundo é grande.

No reflexo do vidro, ela viu Hale. Ele a lembrava de seu pai, cheio de charme e esperança. — Não *tão* grande, certo? — ele disse. — Tem... o quê? Seis grandes famílias?

— Sete — Kat e Gabrielle responderam juntas.

Hale apontou para um dos computadores de Simon. — Mas aqui diz seis.

— Os australianos meio que se dividiram na década de oitenta.

— Negócio perverso. — Gabrielle estremeceu. — Nunca fique entre dois irmãos e um navio afundado da Armada Espanhola. Confie em mim.

— Ok, ótimo. — Hale levantou-se e caminhou para onde Simon estava sentado com os seus computadores. — Sete famílias. Isso é um começo. O que mais nós temos?

— Bem — Gabrielle disse com um suspiro, — nós sabemos que ela é inteligente o suficiente para encontrar Kat e brincar com ela... sem ofensa.

— Não me ofendi — Kat disse.

— E... — Gabrielle falou devagar, enfatizando cada palavra, — *ela é uma mulher.*

— Muito bom, Gabrielle — Hale tentou zombar, mas depois ele leu a expressão no rosto de Kat. — O que foi?

— Quantas garotas você conhece nesse negócio? — ela perguntou.

— Bem... eu conheço vocês duas... — Ele parou, absolutamente perplexo.

— Exatamente. É um clube de meninos, garotão. — Gabrielle cruzou sua boa perna sobre a outra, como se dissesse que ela não teria nenhuma outra maneira. — Não pode ter muitas mulheres que...

Simon olhou para cima de seu teclado. — De acordo com a Interpol, existem novecentas e setenta e seis. — Ele apontou para as imagens na tela que estavam piscando através de intervalos regulares. — Essas são apenas as que eles têm as fotos... o que não diz muito. A maioria são apenas nomes... muito provavelmente são falsos. Seria bom se tivéssemos uma idade.

— Cinquenta? — Hale supôs na hora exata que Kat disse, — Oitenta?

— Ou uma faixa entre isso... — Simon disse, colocando os dados no computador. — Que tal uma nacionalidade?

— Ela usou um sotaque britânico, mas... — Hale começou.

— Ela poderia ser de qualquer lugar — Kat continuou. — Ela poderia estar a caminho de qualquer lugar. Vamos encarar, pessoal — Kat balançou a cabeça, — esta mulher poderia ser qualquer pessoa.

— Não qualquer pessoa — Hale disse. — Quer dizer, estou bastante certo de que ela não é minha tia Myrtle.

Kat sentiu suas esperanças caindo. — E mesmo se soubermos quem ela é... isso não nos dá uma ideia de *onde* ela está ou por que ela... e seu *neto*... fizeram isso.

Hale riu. — Mesmo no mercado negro, as esmeraldas têm que valer milhões de dólares, Kat. Essa é uma razão muito boa.

— Mas por que fazer desta maneira? — Kat tinha que perguntar. — Por que arriscar a ira de Eddie e marcar uma família inteira se você pode evitar isso?

— Fácil. — Hale sentou e chutou os pés para cima. — Eles não podiam evitar.

— Mas... por que? — Kat perguntou. Era bom se fixar sobre essa questão, esse quebra-cabeça. — Por que arriscar nos ter fazendo o seu trabalho sujo quando alguém que conhece o nome Romani também conhece uma meia dúzia de equipes tão boas? Esta mulher... — Kat parou, as palavras caindo, como se ela não pudesse nem mesmo confiar em si mesma para falar.

— O quê? — Gabrielle perguntou, se aproximando.

— Não é nada. É só que... por um segundo eu pensei...

— Que você a conhecia? — Gabrielle adivinhou.

Kat pensou sobre o momento no parque — o olhar nos olhos da mulher quando ela tinha chamado Kat e disse obrigada.

— Não. Era mais como se *ela me* conhecesse. Como se ela estivesse me avaliando e o trabalho. Como se ela soubesse melhor das coisas do que algumas velhinhas de Loxley, e então *eu* deveria ter sabido melhor das coisas. — Kat se sentiu tentando encontrar as palavras certas. — Ela olhou para mim como o tio Eddie olha para mim.

— *A versão feminina do tio Eddie*. — A voz de Gabrielle estava cheia de admiração e medo em igual medida, como se a mulher fosse um cruzamento entre um dragão e um unicórnio — tão mítica e duas vezes mais mortal.

Havia uma TV em segundo plano, e os âncoras falavam de frentes frias se movendo e a queda dos preços das ações, como se essas fossem as coisas no mundo que realmente importavam.

— Hum... pessoal — Simon disse, mas Kat tinha voltado para a janela.

— Por que nos enganar a roubar a Esmeralda de Cleópatra? — ela disse calmamente, repetindo a pergunta que estava enviando eles através do oceano e de volta novamente. Era a pergunta, Kat sabia, que poderia assombrá-la pelo resto de sua vida.



— Pessoal... — Simon disse novamente, sua voz aumentando, mas Kat estava perdida em pensamentos, olhando para o vidro.

— Por que nos enganar? — ela sussurrou.

— Talvez por causa... — Simon pareceu perder a sua voz diante do choque, — disso?

Kat girou de volta a tempo de vê-lo levantar um dedo e apontar para a TV e a imagem da mulher que Kat tinha vindo a conhecer como Constance Miller. Por um segundo, ela pensou que Simon a tinha encontrado em algum lugar entre os arquivos da Interpol — até que ela percebeu que a imagem estava ao vivo, e a mulher estava de pé sob o brilho do que pareciam mil lâmpadas piscando, segurando a Esmeralda de Cleópatra para que todos pudessem ver.

Simon limpou a garganta. — Tudo bem, sou apenas eu, ou isso faz dela a pior ladra de todas?

## Capítulo 18

*Traduzido por Polly*

Embora o avião fosse moderno, os pilotos perfeitamente treinados, Kat não conseguia afastar a sensação de que eles estavam caindo, caindo do céu. Essa era a única coisa que poderia explicar o nó em seu estômago enquanto Simon aumentava o volume da TV e ela lia as palavras na parte inferior da tela. *Conferência de Imprensa ao Vivo: Mônaco.*

— Eles encontraram a falsa? — Hale disse, inclinando-se mais perto da tela.  
— É uma prisão?

— Não. — A voz de Kat estava plana e firme, como se estivesse assistindo a tudo do lado de fora de seu corpo. Ela tinha o tipo de distância — perspectiva — que deixaria até mesmo o seu tio-avô orgulhoso. — *É um golpe.*

Juntos, eles assistiram quando um homem careca em um belo terno deu um passo atrás do pódio. — Senhoras e senhores, membros da imprensa, eu sou Pierre LaFont da Casa de Leilões LaFont aqui em Mônaco. Em nome da Sra. Brooks e eu mesmo, eu agradeço por terem vindo hoje.

Ele falou em inglês com um forte sotaque francês. Ele não olhou para cima novamente até que ele terminou.

— Eu vou ler uma breve declaração e, em seguida, a Sra. Brooks concordou em responder as perguntas. — Ele colocou um par de óculos bifocais e estudou um pedaço de papel, mas a sala ficou em silêncio, paralisada.

— Três dias atrás, a Sra. Margaret Brooks estava examinando uma coleção de antiguidades adquiridas por seu falecido marido e recentemente enviada para a sua casa de inverno, perto de Nice, França. Uma das peças, uma urna, quebrou no trânsito. Foi então que a Sra. Brooks encontrou uma grande esmeralda que, presumivelmente, estava escondida dentro dela. A pedra tem noventa e sete quilates e é da mais alta qualidade. Uma equipe de especialistas está agora a caminho de Mônaco, onde avaliações detalhadas, exames e verificações serão feitos. Nesse meio tempo, é da minha opinião de especialista que, devido ao tamanho, qualidade e corte da esmeralda em questão, o que a Sra. Margaret Brooks encontrou é provavelmente a Esmeralda de Marco Antônio.

O homem respirou fundo, como se tivesse acabado de dar um mergulho de um penhasco. — E agora a Sra. Brooks responderá as perguntas.

Se os membros da imprensa pareciam aturdidos, sua reação não era nada comparada a dos quatro adolescentes que ficaram olhando tudo se desdobrar a partir de trinta mil pés. Do outro lado da cabine, as apresentações de slides de Simon ainda estavam passando. Fotos de cada vigarista mulher que a Interpol já

conhecera estavam piscando através da cabine, mas nenhuma delas poderia se igualar a mulher na televisão nesse momento.

As roupas de matrona e a peruca tinham ido embora, e quando a mulher falou, seu sotaque era grande, impetuoso e sulista. — Em primeiro lugar, não façam como Pierre. Me chamem de Maggie.

— Maggie! Maggie! — os repórteres gritaram, disputando sua atenção.

— Bem, vocês com certeza estão fazendo um monte de barulho para um pouco de agito. — Ela esquadrinhou a multidão, saboreando o centro das atenções, antes de escolher um correspondente internacional especialmente bonito. — Querido, o que eu posso fazer por você?

Toda a multidão riu como se fosse uma deixa.

O homem sorriu. — Você acredita na maldição, Maggie?

Mais uma vez, Maggie olhou para o homem mais jovem de cima a baixo. — Talvez eu acredite em destino. Qual é o seu nome, gracinha? — ela perguntou, mas realmente não esperou por uma resposta. — Pessoal — ela disse em vez disso, inclinando-se para a multidão e ficando séria. — Eu sou do Texas. Eu tenho estado caçando, atirando e montando desde que eu podia andar. Eu já casei e enterrei quatro homens, cada um mais rico do que o outro, que Deus dê descanso a suas almas — ela acrescentou rapidamente, quase como se fosse um hábito. — Então um pouco de agito não me assusta.

— Por que não mantê-la, Maggie? — outro repórter gritou.

— Eu sou rica — ela retrucou. — E estou velha. Agora, eles me dizem que a esmeralda não pode me deixar mais jovem, mas *pode* me deixar mais rica. Então, uma semana a partir de hoje, eu vou vender essa coisa pelo maior lance. E eu estou apostando que alguém vai ofertar um preço elevado. — Ela fez um movimento como se para sair.

— A Indiferença — Kat e Hale disseram juntos. Era um movimento clássico. Simples. E muito, muito eficaz porque a multidão gritou mais alto: — Maggie!

— Sim. — Ela parou e olhou para eles como se fossem crianças pequenas e ela não conseguia acreditar que eles não tivessem fugido para brincar.

— Como você se sentiu sabendo que o seu pessoal havia quebrado uma urna de dois mil anos de idade? — gritou um repórter perto da parte de trás da multidão.

Desta vez foi a vez de Maggie rir. — Como se talvez eu devesse deixá-los quebrar tudo o que tenho!

— Você acha que a esmeralda é verdadeira? — um dos repórteres gritou.

— Bem, eu não imaginava isso.

Quando a multidão riu novamente, Kat reconheceu o som. Era a risada de assinatura — o sinal de que eles adoravam você, eles acreditavam em você, e que eles iriam entregar a você as pérolas de sua avó, a chave para o cofre. Qualquer coisa. Tudo. Porque naquele momento, eles... eles estavam apaixonados.

O sotaque sulista de Maggie poderia ter sido uma farsa (mas, no entanto, talvez não fosse), mas ela era a bela do baile e nenhuma pessoa ousaria negar.

— Deixem fazerem seus pequenos testes, meninos. Acho que todos nós sabemos o que eles vão encontrar.

Mesmo após a conferência de imprensa ter acabado, os quatro adolescentes ficaram perfeitamente imóveis por um longo tempo, tentando entender o que eles tinham acabado de ver.

— As pessoas pensam que ela vai vender o Marco Antônio — Gabrielle disse, sua voz uma mistura de espanto e admiração.

— Em sete dias — Simon adicionou.

— Em Mônaco — Kat disse, voltando seu olhar para Hale, ambos sabendo exatamente o que eles tinham que fazer.

— Marcus — Hale disse, pressionando um botão e ligando para a cabine do avião. — Vamos precisar virar o avião.

## 6 DIAS ANTES DO LEILÃO

MONTE CARLO,  
MÔNACO

# Capítulo 19

*Traduzido por Polly*

O fato de que ninguém nunca tinha ouvido falar de Margaret Covington Godfrey Brooks antes, foi algo que, nos dias que se seguiram, nunca foi mencionado.

As matriarcas de Atlanta de repente se lembraram de almoçar com ela durante os anos em que ela e seu segundo marido falecido tinham supostamente mantido uma casa em Buckhead. Os ex-alunos que se formaram na Universidade A&M do Texas, não se surpreenderam ao encontrar um acúmulo de cheques e doações generosas ainda que, até então, o nome não tinha sido familiar para uma única pessoa além de sua aparição em uma lista de estudantes antiga que remontava à década de 1950. Os moradores de East Hampton pareciam lembrar de uma série de grandes festas na propriedade de verão do terceiro marido de Maggie. E pelo menos dois ex-presidentes norte-americanos estavam nos rumores de terem sido amigos de caça de Maggie em seus oitenta mil hectares no leste em Panhandle Lubbock (eles também disseram que Maggie era a melhor atiradora que qualquer um de suas festas já tinha visto).

Essas não eram mentiras, Kat sabia. Eles eram apenas os frutos das sementes que só uma grande vigarista poderia ter plantado e uma golpista toda-poderosa poderia fazer crescer.

Dentro de vinte e quatro horas após a notícia da recuperação do Marco Antônio, o nome e fotos de Maggie tinham sido transmitidas em todo o mundo, e por isso que era lógico que a mulher que não tinha, tecnicamente, existido a uma mera semana antes havia se tornado uma personalidade de proporções internacionais.

Celebridade, afinal de contas, nada mais é que uma questão de percepção. E percepção, Kat sabia, era o verdadeiro coração de um vigarista.

Então, ninguém pensou em verificar o nome, as contas bancárias ou qualquer um dos fatos que apareceram junto com a mulher e a esmeralda.

Porque quando há uma esmeralda de noventa e sete quilates envolvida, a mulher segurando ela é facilmente perdida no centro das atenções.

Mesmo uma mulher como Maggie.



— Lá está ela.

Apenas algumas horas antes, Kat tinha começado a temer que a mulher do outro lado da rua era uma invenção de sua imaginação — um pesadelo, um fantasma. Claro que, tecnicamente, Margaret Brooks *não* existia, mas Kat teve que apenas observar a mulher, ouvir sua voz forte e saber que ela não era um fantasma. Kat pensou no que Constance... ou Maggie... se atreveu a fazer, e uma parte dela não podia evitar de achar que Maggie... era uma lenda.

Ela certamente não podia ignorar a ironia que depois de perseguir Maggie para outro lado do mundo, temendo que ela tinha desaparecido como fumaça, eles tinham encontrado ela dentro de vinte minutos do desembarque na pequena pista de pouso privada de Nice.

Claro que ajudou que o país de Mônaco não era maior que uma vila, menos de um quilômetro quadrado de litorais rochosos e hotéis caros. Mas a verdadeira razão que eles a tinham encontrado tão facilmente, Kat teve que admitir, era que Maggie não estava fazendo absolutamente nenhum esforço em se esconder.

Fotógrafos retrucaram e pedestres gritaram, e Maggie acenou para todos eles com entusiasmo enquanto ela caminhava de uma loja elegante para outra loja elegante, jantando nos melhores restaurantes, tomando chá com somente as melhores pessoas.

Kat a odiava. E Kat a invejava. Mas, principalmente, ela tentou imaginar como seria *ser* ela — ser tão boa, tão inteligente, tão segura. Os anos dos ladrões eram como anos de cachorro, seu pai sempre dizia, então por essa contagem, Kat se sentia muito mais velha do que seus quinze; mas estando na rua naquela noite, olhando através das janelas do hotel de cinco estrelas que Maggie estava temporariamente chamando de casa, Kat não podia deixar de se sentir ingênua e inexperiente e... jovem. E ela não gostou exatamente disso.

Quando seu telefone começou a tocar e ela olhou para baixo para ver que era seu pai ligando, ela se sentia jovem por razões completamente diferentes.

— Você vai ter que falar com ele eventualmente, você sabe.

Ela se virou para ver Hale de pé atrás dela, seu casaco jogado por cima do ombro, parecendo como se ele tivesse acabado de sair de um filme.

Kat deu uma última olhada no telefone, em seguida, colocou-o de volta no bolso. — Assim que ele ouvir a minha voz, ele saberá que há algo de errado.

— E isso é uma coisa ruim, porque...

— Ele não pode fazer isso por mim, Hale. Esta é a minha bagunça. Eu tenho que ajeitar isso. — O sol se pôs, e enquanto eles caminhavam em direção à praia, Kat podia ver a lua nascendo sobre o Mediterrâneo. Estava tranquilo. Sossegado e pacífico, um lugar tão bom quanto qualquer outro para dizer: — E é por isso que eu estive pensando que... você deveria ir.

Kat parou de repente. Ela sentiu Hale quase bater nela, viu a maneira como Gabrielle e Simon assistiam a um metro e meio de distância. Todo mundo estava olhando. Todo mundo estava esperando. Ela se sentia como a ladra mais visível no mundo, quando ela disse ao menino ao lado dela: — Você estava certo, Hale. Era um trabalho ruim. Era um convite ruim. Você estava certo em ir embora.

— Kat... — Hale tentou alcançá-la, mas mesmo na areia, Kat foi rápida e segura em seus pés, e ela se moveu agilmente para longe, deixando Hale com nada além de um punhado de ar salgado.

— Obrigada por ter voltado, me ajudado a encontrá-la e tudo mais, mas...

— Ela olhou para Gabrielle, que estava encostada contra Simon, ainda machucada e quase quebrada. — Eu acho que eu assumo a partir daqui.

Kat não sabia onde a pedra estava ou como roubá-la. Ela não sabia se podia ser melhor que Maggie ou como. Tudo que ela sabia com certeza era que ninguém iria se machucar por causa dela. Ela tinha certeza até o ponto em que Hale disse: — Não.

— O quê? — Kat disse, girando sobre ele.

— Eu disse não.

— O que você acha que vai acontecer quando você, Simon e Gabrielle não aparecerem no Uruguai?

— Paraguai — os três corrigiram em uníssono.

— Toda a família deveria estar lá. — Ela virou para Simon. — Você acha que o seu pai não vai notar quando você não voltar? — Ela olhou para sua prima. — Você acha que sua mãe e o tio Eddie não vão enviar uma equipe de busca procurando por você?

Os três ficaram em silêncio, de repente incapazes de responder, assim Kat sorriu para Hale e Gabrielle. — Vocês dois sabiam que roubar a Cleópatra era um convite ruim, por isso não foi um erro de vocês. Simon, você não estava nem mesmo no país, o que significa que isso não é o seu problema. De nenhum de vocês. Assim todos vocês devem ir. Vocês podem me acobertar e...

— Não — Hale disse novamente, tão firme quanto duplamente certo.

— Você não entende, Hale. Eles não vão deixar a Esmeralda de Marco Antônio simplesmente disponível por aí... mesmo se não for a verdadeira.

— E nós somos realmente bons em trabalhos "disponíveis por aí" — ele rebateu.

— Ela já tem o leilão definido. O tempo está passando.

Hale se aproximou. — O *timing* é tudo.

— Sim. — Kat olhou para ele, com os olhos arregalados. — É isso! E... — As palavras tinham sumido, sua mente de repente em branco, e Kat percebeu que ela já não podia pensar, muito menos planejar ou teorizar, tramar ou esquematizar. — E eu não vou levar vocês para um caos quase certo. — Ela balançou a cabeça. — De novo não.

Hale deu de ombros. — Eu pelo menos gosto do caos. O caos parece bom para mim.

— Você deve ficar longe de mim. Você deve salvar a si mesmo antes de eu fazer você passar mal, ou pegar sarampo ou espontaneamente entrar em combustão ou algo assim. — Ela olhou para Hale por um longo tempo, então balançou a cabeça. — Eu não posso fazer você fazer isso. Nenhum de vocês. Eu não posso...

— Ei! — Hale atravessou o pequeno espaço entre eles em um flash. — Ninguém me *faz* fazer nada. Nem a minha família. Nem a sua família... nem mesmo você.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Se eu quisesse ir, eu iria. Mas se eu estou aqui, então *eu estou aqui*. Tudo de mim. — Kat sentiu a mão livre dele afastar o seu cabelo para longe de seu rosto. — Então, o que é que vai ser, Kat?

É uma grande maldição de vigarista que você pode olhar para qualquer coisa e ver uma dúzia de ângulos. Há sempre brechas, buracos de minhocas, rachaduras que você pode deslizar através se você apenas souber como vê-las. E Kat era o tipo de garota que tinha que vê-las. Mas naquele momento, com Hale tão perto e a lua tão brilhante, sua mente estava cheia de nada além de neblina.

— Acho melhor quando eu estou sozinha, Hale. *Eu sou* melhor sozinha.

— Não. — Hale balançou a cabeça. — Você realmente não é.

— Ninguém mais vai se machucar por minha causa! — Kat lançou um olhar involuntário para Gabrielle, que saiu mancando para frente.

— Você acha que me mandar embora vai me impedir de me machucar? — sua prima perguntou. — Ha! Eu estou amaldiçoada, Kitty Kat. E da maneira que eu vejo, minha melhor aposta para ser *desamaldiçoada* é colocar aquela pedra de volta onde ela pertence. Sinto muito. Você está presa comigo.

Kat olhou para Simon, que tomou o seu lugar ao lado de Gabrielle. — Eu não vou voltar para aqueles mosquitos.

Ela virou para Hale, que não disse nada. Ele simplesmente puxou o telefone do bolso e entregou a Gabrielle. — Faça a ligação.

Kat observou sua prima discar, ouviu ela dizer: — Ei, mãe. Sim, eu acho que eu não posso ir para o Paraguai. Olha, eu conheci um duque...



Alguns momentos depois, o telefone foi passado para Simon, que deixou uma mensagem para seu pai sobre uma palestra que ele simplesmente tinha que ouvir no MIT.

Kat sabia que o argumento tinha acabado. O trabalho, no entanto, estava apenas começando, então ela se virou para Hale e perguntou: — Onde é o hotel?

— Bem, veja, eu pensei que *hotel* era realmente mais que uma sugestão e... — Ele se virou e apontou para um longo cais, para uma lancha boiando, e Marcus, que estava em posição de sentido, esperando.

— O que é isso? — Kat perguntou.

— Essa é a nossa carona.

## 5 DIAS ANTES DO LEILÃO

A BORDO DO *W. W. HALE*,  
EM ALGUM LUGAR AO LARGO DA  
COSTA DE MÔNACO

# Capítulo 20

*Traduzido por Polly*

Katarina Bishop nem sempre teve sorte. Ela tinha um monte de identidades, era verdade, mas ela não tinha nove vidas. Por isso, foi com grande divertimento na manhã seguinte que Simon e Hale sentaram na muito bem decorada mobília do convés, olhando para a água azul clara do Mediterrâneo, e Simon disse: — O que você quer dizer, Kat está com medo de água?

— Aterrorizada. — Hale soava como alguém que queria desesperadamente ser sério. Mas não podia.

Kat tentou protestar, mas isso exigiria sair para o convés. E o convés tinha o corrimão. E se o corrimão falhasse, do convés também tinha uma longa queda na água e um longo nado até a praia; assim Kat estava muito feliz de ouvir de dentro, muito obrigada.

Simon se virou e gritou através das portas de correr abertas para onde Kat estava, lamentando que ela tinha entrado nesse barco e não tinha saído da cama.

— Você realmente tem esse medo de água?

— Eu não tenho medo de água, Simon — Kat gritou. — Eu tenho medo de afogamento. Há uma diferença.

— Eu achei que você sabia nadar — Gabrielle disse, se estendendo em uma das espreguiçadeiras, entregando a Simon uma garrafa de loção bronzeadora, e rolando sobre seu estômago no sinal universal para *Passa nas minhas costas*.

— Claro que eu sei nadar. Eu também me lembro de um incidente muito infeliz envolvendo o tio Louie, os Bagshaw e um navio de cruzeiro na costa de Belize.

— Você está bem, Kitty Kat. — Gabrielle colocou um par de óculos escuros e o maior chapéu que Kat já viu, e ocorreu a ela por um breve segundo quão mimada ela realmente era. Afinal, há coisas piores do que passar o fim de fevereiro em um iate privado no meio do Mediterrâneo com amigos e familiares (especialmente, vamos encarar isso, com amigos que parecem com Hale).

Ela olhou de relance para ele. *Eu beijei Hale*. Então o barco inclinou delicadamente, e o estômago vazio de Kat balançou. Ela honestamente pensou que ela poderia vomitar.

— Se alguma coisa acontecer, Marcus vai te salvar. Não vai, Marcus? — Hale perguntou, olhando para o homem, que assentiu.

— Seria uma honra, senhorita.

— Vamos tentar não deixar chegar a esse ponto — Kat disse, bravamente fazendo seu caminho através do convés e delicadamente sentando-se em uma das cadeiras na mesa. Ela agarrou os braços da cadeira um pouco firmemente demais enquanto Marcus servia a ela uma xícara de chá e colocava um croissant de chocolate no prato diante dela.

O movimento foi tão suave, tão sem esforço, que Kat tinha que pensar — não pela primeira vez — que Marcus teria se tornado um excelente ladrão. Mas Marcus era a única pessoa que Kat sabia que tinha as habilidades, mas não o coração. Era apenas uma das muitas razões que ela gostava dele.

— A senhorita dormiu bem? — Marcus perguntou.

— Sim — Hale perguntou, sorrindo. — Como é que a senhorita dormiu?

— Eu pedi por um hotel, Hale. Não por uma cobertura. Nem mesmo uma suíte. Apenas um pequeno quarto de hotel em terra.

— Me chame de louco, Kat. — Hale segurou seus braços bem abertos. — Mas eu pensei que *isso* era melhor.

Além dele, Kat viu os iates brancos que subiam e desciam no Porto Hércules, e os altos desfiladeiros de pedra que formavam a barricada rochosa entre Mônaco e França. À sua direita, ela podia ver todo o caminho para a Itália. À esquerda estava Saint-Tropez. O *W. W. Hale* era sessenta e sete metros de luxo altamente polido, e Kat ficou sentada cercada por águas azuis e céu claro e a possibilidade infinita que vinha com a riqueza quase ilimitada.

Mas Kat tinha assuntos muito mais urgentes em sua mente quando ela se virou para Simon. — O que sabemos?

— Eu acho que você deveria pedir desculpas ao meu navio primeiro — Hale disse antes que Simon pudesse responder.

— Hale...

— Ela é um iate muito agradável, sabia. Eu a ganhei de um barão do café colombiano em um jogo de pôquer de altas apostas.

— Seu avô deu ao seu pai de aniversário.

Hale deu de ombros. — Mesma coisa. Você ainda precisa se desculpar.

— Hale! — Kat gritou, mas o menino apenas olhou para ela. — Tudo bem — ela cedeu. — Eu amei o seu barco.

— Navio.

— Navio... Seu navio é lindo.

Ele sorriu como se quisesse dizer que ele aprovou, em seguida, estendeu a mão para as massas, quebrando um pedaço de um *pain au chocolat*, e estatelou em sua boca.

— Então, o que nós sabemos? — Kat perguntou novamente.

— O que você acha? — Hale sorriu e pegou um jornal nas proximidades. As páginas estalaram quando ele virou elas.

— Eu acho que primeiro eles vão ter que comprovar a autenticidade — Kat disse.

— Deem a senhorita um prêmio. — Hale tomou um longo gole de suco de laranja. — Certo, Simon?

O menino menor assentiu e se estabeleceu sob uma grande sombrinha conforme ele poderia conseguir. — O melhor que posso dizer, é que eles têm um monte de especialistas vindo... um monte das mesmas pessoas que Kelly usou em Nova York. Dois especialistas de antiguidades do Museu Egípcio, no Cairo. A gemologista da Índia, e um punhado de outros.

— Essa é uma festa que nós podemos invadir? — Kat perguntou.

Simon encolheu os ombros. — Talvez. Eles estão sendo muito... cuidadosos.

— Eu tenho certeza que eles estão — Kat e Gabrielle disseram ao mesmo tempo.

— Há apenas um problema. — Hale se levantou e caminhou até a área de serviço e se serviu de uma xícara de café fumegante. — Esses especialistas que Simon está falando, você não acha que um deles vai notar que essa esmeralda há muito tempo perdida e mundialmente famosa é exatamente como a outra esmeralda mundialmente famosa que eles acabaram de examinar?

Gabrielle baixou os óculos de sol e estudou Kat, e as duas primas compartilharam um olhar de *Oh, ele não é adorável*.

Hale caiu de volta em sua cadeira, soprou o seu café, e disse: — O que foi?

— A Cleópatra está trancada do outro lado do oceano, atrás de câmeras de segurança sensíveis ao calor e vários centímetros de vidro à prova de balas — Simon lembrou a ele, mas Hale apenas balançou a cabeça.

— Noventa por cento do vigarista é a história — ela disse a ele. — E a Esmeralda de Marco Antônio... — Ela não podia evitar, ela suspirou. — Essa é uma história que eles *querem* acreditar.

Kat olhou para os jornais e revistas que cobriam a mesa, todos com as mesmas imagens — a mesma história — que a Esmeralda de Marco Antônio tinha sido encontrada.

— Ela é muito boa — Kat sussurrou quase para si mesma.

— Assim somos nós — Hale disse.

Kat sentiu seu sangue ir para suas bochechas e disse a si mesma que era o calor, o sol. Mas quando Hale se inclinou perto dela, olhando, procurando os olhos dela, Kat sabia que era na verdade o beijo.

Ela olhou para as fotos de Maggie e da esmeralda. E então seu olhar fixou sobre o homem mais baixo do que a média em um terno mais agradável do que a média que apareceu no fundo de quase todos os quadros.

— Ele. O cara da conferência de imprensa... — Kat apontou para o homem com os óculos bifocais e o sotaque. — Pelo que eu posso dizer, ele não saiu do seu lado desde que ela chegou aqui. Então exatamente o quê que o Monsier LaFont sabe sobre a nossa esmeralda?

Gabrielle se sentou reta. Simon olhou de cima da tela do laptop. Hale ergueu uma sobrancelha e sussurrou: — Há uma maneira de descobrir.

## Capítulo 21

*Traduzido por Polly*

Pierre LaFont não era desconhecido para os homens e mulheres que trabalhavam no L'Hôtel Royal de Mônaco. Ele sozinho selecionou o lustre que pendia na recentemente renovada Suíte Royal. Ele frequentemente jantava no restaurante do hotel, com dignitários visitantes e a ocasional herdeira que estava no mercado para comprar ou vender. Mas, quando o manobrista segurou a porta do carro aberta naquela manhã de domingo, havia algo diferente sobre o Monsieur LaFont que deu um passo no sol brilhante, uma cópia do jornal da manhã dobrado debaixo do braço, com uma foto.

— *Bonjour* — ele disse, levantando o chapéu para uma mulher rica esperando pelo manobrista. — *Bonjour* — ele disse ao porteiro que estava ao lado das portas giratórias.

— Agora, esse é um belíssimo automóvel.

Era um subproduto dos negócios que o primeiro instinto de LaFont era tamanho e estrutura. Quando ele se virou ao ouvir a voz, ele esperava ver um terno feito sob medida e um relógio caro. O jovem que tinha falado tinha o sorriso largo e facilidade confiante que muitas vezes vem com a riqueza e o privilégio. Mas estudando ele à luz da manhã, havia algo sobre o jovem, LaFont pensou, que era bastante incomum, de fato.

— É um 58? — perguntou o jovem. Suas mãos estavam nos bolsos quando ele saiu das sombras para a rua de paralelepípedos, examinando o antigo Porsche Speedster com um olhar perspicaz.

— É — Pierre disse.

— Nada faz uma volta como isso — o jovem disse.

— Você conhece o 58 Speedster? — Pierre perguntou da maneira de um homem que aprecia pessoas que apreciam as coisas.

— Conheço. — O jovem colocou um braço em volta dos ombros de LaFont, e com a outra, bateu no homem duas vezes sobre o peito. — Mas eu me manteria longe de fontes, se eu fosse você. Água faz coisas terríveis no estofamento.

— Perdão? — Pierre perguntou, mas o jovem apenas acenou as palavras para longe e alcançou a porta do hotel.

— Deixa pra lá, Sr. LaFont. Deixa pra lá.



O Longo Vigarista é um equívoco, Kat sempre tinha pensado. Nada no mundo dela era sempre verdadeiramente a longo prazo, muito menos os próprios postos de trabalho. Até mesmo o mais longo vigarista nunca foi mais do que uma variedade de momentos que eram, em si, muito, muito curtos; ou então era o que ela tinha que pensar enquanto estava observando Hale e Pierre LaFont no hall de entrada do hotel grandioso abaixo.

Hale não tinha levado mais do que um segundo para enfiar a mão no bolso do homem mais velho. Foi num piscar de olhos que Hale passou o telefone de LaFont para Gabrielle. Menos de um minuto depois, Simon tinha trocado o cartão SIM do telefone e feito algo muito complicado, com um laptop e um fio longo e, então, dado o dispositivo de volta para Gabrielle.

Então, não, Kat estava convencida que vigaristas nunca eram longos. Eles eram medidos em batidas de um coração, e se nesses momentos o alvo parecia estar no lado errado ou o guarda olhasse na hora errada, então tudo poderia dar terrivelmente errado.

Kat sabia destas coisas, é claro, mas nunca elas foram tão evidentes quando ela olhou de volta para a porta giratória e viu duas figuras altas, magras e muito conhecidas aparecerem.

— Oh, não — ela murmurou para ninguém além de si mesma, mas já era tarde demais.

Hale estava com Pierre LaFont, tentando atrair ele. Gabrielle estava do outro lado do hall de entrada, com o telefone de LaFont em sua mão estendida. Então, Kat foi a única que saiu correndo do corrimão e desceu as escadas, sabendo em seu coração que era tarde demais, antes dela ouvir a voz gritar: — Gabs!



O sotaque escocês era mais forte do que Kat tinha se lembrado, mas era uma voz que ela achava que nunca esqueceria (mesmo que ela não tivesse a certeza de qual das figuras de rosto corado tinha gritado).

Eles estavam andando para longe dela e se movendo rapidamente. Pareceu para Kat como se eles tivessem crescido trinta centímetros nos dois meses desde que ela tinha visto eles pela última vez sentados em lados opostos da mesa da cozinha do tio Eddie. Angus ainda continuava mais alto, mas não por muito. Os ombros de Hamish estavam ainda mais largos que os do irmão. E foi um riso de pura alegria que veio de ambos quando eles viram Gabrielle caminhar silenciosamente e propositadamente através do piso. Ela estava mudando o telefone de LaFont para a mão esquerda. Ela estava de olho no bolso interno do terno bem cortado do homem. Os pensamentos e o olhar de Gabrielle estavam focados em um propósito, e Kat sabia que não havia nenhuma maneira de ela ver o perigo que estava a três metros de distância e se aproximando rapidamente.

— Gabrielle! — Kat disse, apressando-se através do piso. Mas qualquer esperança de que a tragédia poderia ser evitada foi embora quando o vozeirão que abafou o seu, gritou: — Gabby!

Ninguém nunca sabe o quanto da culpa deve ser colocada sobre a maldição, e que, se houver, deve recair firmemente sobre os ombros dos Bagshaw. Tudo que Kat sabia com certeza era que Angus estava correndo e depois jogando os braços em volta de Gabrielle, levantando-a do chão e apertando-a com força.

Através da unidade de comunicação em seu ouvido, Kat ouviu LaFont dizendo: — Muito obrigado, meu jovem, mas eu receio que eu tenho um compromisso urgente com Maggie agora.

Ela observava os olhos de Hale se arregalarem quando ele finalmente viu a forma como as longas pernas de Gabrielle balançaram a centímetros do chão quando primeiro Angus e, em seguida, Hamish se revezaram girando ela ao redor.

Kat escutou o estrondo quando o celular caiu da mão de Gabrielle no chão polido, deslizando, derrapando pelo mármore.

Ela prendeu a respiração quando ele se aproximou debaixo do carrinho sendo empurrado por um carregador, perdendo por pouco as rodas. Kat podia jurar que seu coração parou de bater quando um homem de negócios passou por cima dele, completamente inconsciente de que ele estava lá. Pareceu levar uma eternidade para o telefone pousar sob o pano que cobria uma longa mesa, a menos de três metros de onde LaFont e Hale estavam.

— Por que... é Hale quem eu vejo sobre... — Hamish começou a gritar na direção de Hale, mas o pé de Gabrielle golpeou sua canela, interrompendo-o no meio da frase.

Um funcionário do hotel estava bem ao lado da mesa onde o telefone tinha desaparecido, e Kat correu para ela. — Oh meu Deus! — ela exclamou. — Aqueles dois meninos atacaram aquela menina bonita? — ela gritou, apontando para onde Hamish estava esfregando sua canela e Angus ainda estava abraçando Gabrielle, varrendo suas longas pernas para frente e para trás no piso.

— Vocês aí! — gritou o empregado sem um segundo olhar para a jovem que já havia caído de joelhos e enfiado a mão debaixo do pano.

— Onde ele está? — Kat disse para ninguém além de si mesma. O chão era duro em seus joelhos. Era frio contra suas mãos. E Kat continuou rastejando, olhando, procurando. Orando.

— Onde ele está? — ela disse novamente quando ela se arrastou, envolta em sombras, mais perto do telefone, mas também para LaFont e Hale...

E a grande voz aguda que gritou: — LaFont, seu patife!

Kat pegou a bainha do tecido e olhou justo a tempo de ver Hale desaparecer pela porta da frente e Pierre virar e dizer: — *Bonjour*, Madame Maggie.

Kat não se deixou entrar em pânico. O medo que ela estava sentindo era muito grande, a preocupação muito forte, e era inteiramente inútil fazer alguma coisa. Ela se permitiu pensar *O que mais pode dar errado?* — e, é claro, foi exatamente quando as portas do elevador se abriram e um atendente introduziu LaFont e Maggie para dentro...

E o telefone começou a tocar.

Kat se lançou para ele, tentou abafar o som, mas o dano foi feito, e LaFont já estava parando, apalpando seus bolsos. Procurando.

— Você não iria manter uma dama esperando, iria, Pierre? — Maggie perguntou em sua voz grossa arrastada do Texas.

— Minhas desculpas, Madame. Eu simplesmente não consigo encontrar meu telefone.

Com as palavras, uma leve fenda apareceu na fachada suave de Maggie. — Seu telefone está desaparecido?



— Bem... não desaparecido. Eu ouço ele, entende.

No momento seguinte, Kat estava fora de debaixo da mesa e o telefone estava em sua mão. Ela podia vê-los se movendo para dentro do elevador. Ela sentiu os segundos passando.

Segundos.

Sempre uma questão de segundos.

E esse foi o tempo que levou para Kat chamar: — Olá, Maggie.

## **Capítulo 22**

*Traduzido por Polly*

Kat deveria estar aterrorizada, mas ela não estava. Ela deveria virar e correr, mas ela não o fez. Tudo o que ela realmente poderia fazer era olhar para o telefone que tinha de repente parado de tocar e manter seu ritmo constante através do piso do saguão.

— Oh, Maggie — ela gritou mais uma vez como um extra. — Espere por mim!

Até mesmo as vozes em sua orelha estavam caladas, sua equipe em silêncio enquanto ela caminhava para o elevador e entrava como se ela se hospedasse em coberturas na Riviera todos os dias (o que não era verdade, estritamente falando, já que no verão ela se hospedou em treze).

Às vezes, um vigarista tinha que correr. Às vezes um ladrão precisava se esconder. Mas conforme ela agarrava o celular agora silencioso de LaFont em seu punho esquerdo e tomava seu lugar no elevador ao lado de Maggie, Kat respirou fundo e disse a si mesma que a maior habilidade de um ladrão é a capacidade de se adaptar.

Ela se virou para a mulher ao seu lado e disse: — Olá, Maggie.

Kat sentiu LaFont a observando, então ela se virou. — Oi. Eu sou Kat.

— Kat é... — Maggie começou.

— Um membro da família — Kat concluiu.

Maggie sorriu. — De fato.

— Pierre LaFont — Pierre disse. Kat colocou a mão suavemente na palma da mão dele, e ele beijou o topo. — É um prazer, minha querida.

— Você ouviu isso, tia Maggie? Eu sou um prazer — Kat disse.

— Sim, querida — Maggie disse quando o elevador alcançou a cobertura. — Eu sei que para alguns...

Mas, em seguida, o elevador sacudiu com uma parada. Maggie vacilou. Kat tropeçou. E Pierre LaFont nunca sentiu a pequena mão que deslizou seu celular de volta no bolso lateral do casaco do terno impecavelmente sob medida.

O homem sorriu para Kat, distraído, e fez um gesto em direção às portas abertas. — Depois de vocês.



Kat não estava familiarizada com suítes de hotel. Ela gastou muito de sua juventude com o pai. Ela tinha passado muito tempo ultimamente com Hale. Então ela deveria ter se sentido em casa entre os lençóis encantadores e vistas inestimáveis, mas nesse momento, é claro, ela não sentia.

— Pierre, você vai ter que nos dar um minuto, querido. — Maggie colocou o braço em volta dos ombros de Kat e agarrou-a com força. — Eu vou ter que descobrir uma maneira de colocar um pouco de carne nesses ossos pequenos.

Ela apertou com força. Kat sorriu mais largo. E, em seguida, Maggie estava empurrando Kat em um pequeno escritório e fechando as portas de correr. Uma chave à moda antiga estava na fechadura, e Maggie a girou. No silêncio da rica sala com painéis, isso fez um som sinistro.

— Bem, se não é Katarina Bishop...

A mudança foi tão rápida, tão sem esforço, que era como apertar um botão. O sotaque agudo do Texas tinha desaparecido, substituído por um sotaque que *era* britânico, mas não era a voz que Kat tinha ouvido ela falar no restaurante, também. Kat estava parada em frente à mulher, pela quarta vez, mas agora Maggie parecia mais jovem do que ela parecia em Nova York; ela parecia mais real do que tinha sido no saguão do hotel. Inclinando-se contra as grandes portas duplas, não havia dúvida na mente de Kat que ela estava finalmente cara a cara com a mulher por trás da vigarista.

— Olá, Maggie — Kat disse. — Ou eu devo chamá-la de Constance?

A mulher sorriu. — Me chame de Maggie.

Maggie caminhou até o aparador e serviu uma bebida. Ela ofereceu o copo a Kat, em seguida, puxou de volta. — Oops — ela

disse com um sorriso condescendente. — Esqueci. Você é uma criança.

— É por isso que você fez isso?

— Você não quer dizer, é por isso que você foi um alvo tão fácil?

Kat desejava que houvesse algo que pudesse dizer para provar que a mulher estava errada, mas não havia nenhuma utilidade.

— Idade não faz o alvo, Katarina. Certamente o querido Edward lhe ensinou isso?

À menção do tio Eddie, Kat sentiu seu pulso acelerar, seu estômago revirar; e Maggie deve ter visto, porque ela sorriu. — Então me diga, onde está Edward nos dias de hoje?

— Paraguai. — Kat teve que pensar. — Ou Uruguai...

Maggie riu e tomou um gole. — Eu confundo os dois.

— Eu também — Kat confidenciou. Ela olhou em volta. — Falando de família, onde está o seu "neto"?

— Quem? — Maggie perguntou, então ela pareceu se lembrar da mulher que ela tinha sido alguns dias antes. — Oh, ele... Ele era a ajuda, querida. Alguém que é útil em algumas ocasiões, mas não está realmente no *nosso* nível. — Ela segurou o copo em direção a Kat — em um brinde. — Você é uma menina muito talentosa, Katarina. Alguém já lhe disse isso?

Kat tinha certeza de que seu pai ou o tio Eddie devem ter dito as palavras em algum momento, mas ela não conseguia se lembrar onde ou quando.

Maggie olhou para ela. — Quantos anos você tinha quando você foi em seu primeiro trabalho?

— Três — Kat disse.

— Eu tinha nove anos. — Maggie se inclinou contra o braço arredondado de uma cadeira de couro. — Foi o balcão de joias em uma loja de departamentos Harrods, na véspera de Natal. — Ela tocou os pingentes de diamantes em suas orelhas. — Eu ainda uso eles, está vendo?

— Eles são lindos — Kat disse.

A mulher sorriu. — Obrigada. — Ela afundou lentamente na cadeira. — Há poucas de nós meninas no Clube dos Meninos, eu

acho. — Ela tomou um gole lento, em seguida, tocou a borda do copo de cristal. — E menos ainda Meninas Velhas.

Kat nunca tinha conhecido sua avó. Sua mãe tinha sido tirada dela muito cedo, e ainda nunca lhe ocorrera até então de que poderia haver algo — alguém — ausente na mesa da cozinha do tio Eddie. Mas vendo Maggie tocar as pedras em suas orelhas, Kat sabia que o golpe tinha acabado. Não havia ângulo, nem trabalho, nem mentira — apenas uma mulher que poderia ter estado lá. Mas não estava. A ausência era como um buraco dentro do peito de Kat.

— Como você o conhece? — Kat tinha que saber. — Por que eu nunca conheci você antes? Por que você não é...

— Parte da família? — Maggie adivinhou. Kat concordou, a língua presa demais para falar. — Essa é uma longa história, minha querida, e é uma que eu não vou contar — Maggie disse simplesmente. — Além disso, eu faço meu trabalho melhor sozinha. Eu tenho certeza que você entende.

— Entendo.

— Eu ouvi sobre Moscou, a propósito. Foi...

— Arriscado, eu sei — Kat disse, incapaz de suportar outro sermão.

Mas Maggie apenas balançou a cabeça. Seus olhos brilhavam. — Foi exatamente o que eu teria feito.

Quando Maggie ergueu as sobrancelhas, ela parecia ainda mais jovem do que Kat tinha visto. A idade é apenas um número, afinal. A juventude é outra coisa, e Kat podia ver que lá — no meio da vigarista — Maggie estava voltando o relógio, e Kat invejava ela. Ela pensou nas palavras de Gabrielle e se perguntou se ela estava realmente olhando para a versão feminina do tio Eddie. Ou talvez Kat estava simplesmente vendo a ladra que a própria Kat poderia crescer para se tornar um dia.

— Pessoalmente, eu amo um Cézanne — Maggie disse ansiosamente, e levantou a taça novamente. — Então eu, é claro, não teria aberto mão dele.

E foi assim que o feitiço foi quebrado. Os últimos dias vieram correndo de volta, e só havia uma coisa sobre a mulher que

importava. Quando Kat falou de novo, ela não conseguia esconder sua decepção. — Você quebrou as regras, Maggie.

— Não há honra entre ladrões, Katarina. Não importa o que você possa ter lido em livros de histórias. — Ela sorriu um sorriso terrivelmente perverso. — Parte da diversão é conseguir o melhor dos nossos rivais.

— Você disse que Romani enviou você.

Maggie acenou a preocupação para longe. — Eu usei o nome.

— Você usou um *Chelovek Pseudonima* para seus próprios fins.

Maggie apontou um dedo para Kat, como se ela tivesse acabado de perceber alguma coisa. — Eu já fui jovem como você... tão ardente, tão apaixonada. Quando eu ouvi sobre o Henley... fiquei impressionada. Foi um trabalho muito bom, Katarina. — Se ela esperava que Kat reconhecesse o elogio, ela estava enganada. — E então eu comecei a escutar histórias de outros trabalhos... e eu sabia que você tinha se tornado nobre. É uma aparência adorável em você. Se movimenta com os seus olhos. Você pode dizer isso de seu tio.

— Tio Eddie não faz parte disso.

Maggie riu. — Bem, se Eddie não enviou você, então quem foi?

— Visily Romani.

Maggie riu mais forte. — Bem, eu estou aqui em nome do Coelhozinho da Páscoa, então...

— Nós vamos pegá-la de volta, entendeu?

Maggie concordou lentamente. Houve uma súbita borda dura em sua voz quando ela disse: — Você vai *tentar*.

Cortinas pesadas e grossas bloquearam o sol. Estava calmo — quase pacífico — na sala escura, e Kat pensou que ela ouviu seu próprio coração batendo enquanto ela se sentava para ouvir Maggie dizer: — Estou muito orgulhosa de você por ter vindo aqui, Katarina. Eu teria me insultado se você tivesse insistido em rondar nas sombras como se eu não fosse vê-la... como se eu não fosse ouvi-la.

— Bem, contanto que você não fique ofendida...

— Então, o que você gostaria, querida? Dez por cento?

Kat nem sequer fez o cálculo mental — ela não se atreveu. — É tão legal você oferecer, mas eu acho que vou ficar com tudo.

Maggie jogou a cabeça para trás e riu. — Então você vai tentar... o quê? *Penas de Pássaros?* — ela supôs.

— Claro que não — Kat disse. — Todo mundo sabe que o governo francês proibiu a importação de pavões em 1987.

— Verdade. — Maggie franziu a testa como se esse desenvolvimento particular tivesse lhe causado uma grande dose de sofrimento em muitas ocasiões.

— Ponte de Londres? — ela supôs, mas Kat não disse nada. — Um Jack e Jill?

— Bem, é um dos favoritos de Hale — Kat conseguiu gracejar. — Ele faz um excelente Jill.

— Eu não duvido.

Kat se sentiu um pouco tonta, observando suas opções caindo como vidros estilhaçados de uma janela quebrada. Ela temia que ela pudesse se cortar.

— Então, qual é o seu plano, Katarina? — Maggie serviu-se de outra bebida e tomou um gole, seus lábios franziram contra a borda de cristal. — Qual é o plano mestre da ladra mestre que roubou o Henley?

Kat orou para que seu silêncio passasse a ter a força em vez de fraqueza, sabedoria em vez de insensatez. Acima de tudo, ela desejava que ela soubesse a resposta dessa pergunta muito boa. Mas ela não respondeu. Então, ao invés, ela apenas disse: — Você não deveria ter ido atrás da Cleópatra. Você não deveria ter me usado para fazer isso. Mas o seu maior erro foi usar o nome Romani. Quando isso acabar, você vai saber onde foi que você estragou tudo.

— Você é boa, Katarina. Você realmente é. Um pouco imprudente, no entanto. E inteiramente crédula demais. É uma pena que há muito o que a sua família não foi capaz de lhe ensinar. Há tanta coisa que *eu* poderia ensiná-la.

— A coisa que você está esquecendo, Mags, é que mesmo que não pudermos roubar a Cleópatra de volta, isso não significa que você pode vendê-la... não antes que eu ligue para Nova York e

sugira que a Corporação Kelly faça alguns testes na pedra que eles têm sob o vidro.

— Você não vai fazer isso, Katarina.

— Oh, acredite em mim, Maggie. Eu faria.

Kat não sorriu porque ela estava exultante. Era simplesmente o sorriso de alguém que tinha feito as pazes com seus erros e estava preparada para viver com as consequências. Mas, em seguida, Maggie se juntou a ela, com um telefone em sua mão.

— Eu amo as novas tecnologias — ela disse, sorrindo para o dispositivo. — Eles tornam alguns elementos da nossa profissão muito mais desafiadores, não me interprete mal, mas algumas coisas... — Sua voz sumiu quando ela apertou um botão. A tela minúscula foi imediatamente preenchida com uma imagem pequena, mas perfeitamente clara: Marcus e Hale fora da Corporação Kelly. Em seguida, a imagem mudou, e Kat viu Hale e Gabrielle caminhando para a sede corporativa vestidos a caráter.

Havia pelo menos uma meia dúzia de imagens, mas foi a última que fez o coração de Kat parar.

Um pequeno parque. Um dia tranquilo. Maggie levou um dedo pesadamente com joias até a tela, e disse: — Essa sou eu. Essa é você. — Finalmente, a unha pousou sobre o envelope no centro da tela, passando entre as duas. — E isso é você me dando a Esmeralda de Cleópatra.

Maggie caminhou até a porta e girou a chave, então olhou de volta para a menina na janela.

— Pense sobre o que eu disse, Katarina. Eu ficaria muito feliz em ensinar a você tudo o que sei.



# **Capítulo 23**

*Traduzido por Polly*

A maré estava baixa na costa de Mônaco na sexta-feira à noite, quando W. W. Hale se afastou da longa fila de iates que eram quase uma parte permanente da costa. A lua era apenas um pedacinho enquanto subia ao longe sobre a Itália. Tudo, ao que parecia, estava em seu nível mais baixo enquanto Kat continuava na entrada da cozinha do navio e disse: — Acabou.

A grande porta da geladeira bateu se fechando, e Hale se virou para Kat, com um olhar em seu rosto que estava em algum lugar entre a raiva e o alívio. Gabrielle tinha um novo arranhão ao lado do rosto e gelo sobre o seu joelho. Os Bagshaw ficaram juntos ao lado de Simon, que ainda estava lentamente vasculhando através dos arquivos da Interpol — rosto por rosto, trabalho por trabalho.

Kat sorriu a despeito de si mesma com a visão deles. — Então... a gangue está toda aqui.

— Ei, Kitty — Angus disse.

— Desculpe por ficar no caminho, Kat. — Hamish chegou perto. Ele parecia ainda mais alto e significativamente mais largo. Ela se perguntou por um segundo o que ele estava comendo para ficar tão grande. — Se soubéssemos que vocês estavam em um trabalho, nós nunca teríamos aparecido na cidade sem aviso prévio e...

— Está tudo bem, pessoal. Sério. — Kat subiu em um dos bancos que ladeava o bar coberto de granito. Parecia mais difícil do que deveria ter que se puxar para cima. — Acabou. Está tudo bem. Eu suponho que eles informaram vocês?

Os Bagshaw nunca foram daqueles que pensam demais, e Kat duvidava que eles começariam nesse momento.

— Claro, Kitty! — Hamish jogou o braço ao redor dela. Angus se juntou do outro lado, espremendo-a até que ela sentiu dor.

— Nós ouvimos que você estava em Edimburgo em janeiro — Angus disse. — Mas você não ligou.

— Você não escreveu — seu irmão acrescentou.

— Não se sintam mal, meninos — Hale disse do outro lado da cozinha. — Ela não ligou para ninguém.

Parte de ser um grande ladrão significava ver o que não está lá — o sensor oculto ou a grade invisível, mentir para um guarda que realmente, realmente quer acreditar. Então Kat sabia o que Hale estava dizendo; ela ouviu isso em uma escada rolante e no banco traseiro de um carro com motorista, na escada do triplex, e agora, a meio mundo de distância.

— Não fique com raiva, Hale.

— Você saiu do roteiro hoje — ele retrucou.

— Nós fomos descobertos.

— E você entrou em um elevador com aquela mulher. Sozinha.

— Eu sou uma menina grande, Hale — Kat disse. — Além disso, ela não vai me machucar.

— Nós não sabemos disso — Hale atirou de volta. — Nós não sabemos nada sobre ela.

— Sim. — Kat teve que rir. — Nós sabemos. Eu a conheço toda a minha vida. Certo — ela acrescentou antes que ele pudesse cortá-la, — eu me *encontrei* com ela há duas semanas, mas eu a conheço. — Kat pensou em Maggie com a idade de nove anos, armando um roubo de diamantes na Harrods. — Eu a conheço muito, muito bem.

Angus olhou para Hamish. — Eu odeio quando mamãe e papai brigam.

Hamish alisou o cabelo desarrumado de seu irmão. — Eu também.

Foi então que Marcus apareceu na cozinha. Seu casaco do terno escuro tinha desaparecido, e ele usava as mangas de sua camisa branca enroladas até abaixo dos cotovelos. Kat poderia ter brincado sobre a exibição de pele se não fosse o avental limpo que ele usava e o senso de propósito que ele exalava enquanto caminhava para o fogão grande e pegava a tampa de uma grande panela. Ondulava vapor da panela, e Kat fechou os olhos. Em vez do granito suave fresco, ela sentiu seus dedos na velha madeira áspera. Eles estavam no mar do outro lado do mundo, mas com uma respiração profunda, Kat estava sentada na mesa de seu tio.

A criança que nunca teve uma casa se sentiu nostálgica. A ladra que havia roubado o Henley queria ajuda. E a menina que se

afastou do negócio da família veio a perceber que, não importava o que ela fizesse, ela nunca poderia deixar a cozinha.

— Então... alguém roubou a Cleópatra — Hamish disse, como se ele não pudesse ficar em silêncio mais um minuto.

Seu irmão deu um assobio baixo e balançou a cabeça. — Gostaria que nós estivéssemos em torno para fazer isso.

— Não. — Gabrielle reposicionou seu saco de gelo. — Você não queria.

— Angus — Kat disse, voltando-se para os irmãos. — Hamish, o sotaque verdadeiro dela é britânico. Você a conhece?

Os dois irmãos se olharam, cada um desafiando o outro a falar.

— Não — Amish disse suavemente.

— O quão ruim é? — Hale perguntou a ela.

— Ruim. — Kat disse. Ela olhou para o granito, tentando encontrar um padrão nas partículas claras e escuras, mas não havia nenhum sentido para ser encontrado. — Nós estamos acabados. Ela sabe de vocês dois. — Ela apontou entre Hale e Gabrielle.

— Ela não me conhece — Simon disse.

Kat riu. — Acho que devemos assumir que ela conhece todo mundo. Seria como... — Ela balançou a cabeça, tentando trazer sua mente de volta ao foco.

— Tio Eddie — Gabrielle finalmente terminou por ela. — Seria como tentar enganar o tio Eddie.

— Sim — Kat disse. — Ela sabe... tudo.

— Como o quê? — Gabrielle perguntou.

— Como quem somos... Por que estamos aqui... Todos os golpes que poderíamos executar para obter a esmeralda de volta...

— E então? — Hale perguntou.

— E então ela é melhor do que eu!

Parte de Kat esperava que pelo menos um membro de sua equipe exclamasse, *É claro que não!* Outra parte sua presumiu que alguém poderia dizer, *Não seja ridícula.* Mas ninguém citou seu currículo. Nenhuma pessoa mencionou o Henley.

— Não conseguimos fazer isso — Kat admitiu lentamente. — Nós simplesmente não podemos... ganhar.

Hamish sorriu e esfregou as mãos. — É claro que podemos. O que você diz? Porcos em um Cobertor? — Ele se inclinou sobre o balcão frio e ergueu as sobrancelhas para Gabrielle.

— A única maneira de eu ficar debaixo de um cobertor com você é se nós dois estivermos pegando fogo — ela disse para ele.

— Vocês não entendem — Kat retrucou. — Nós não podemos enganá-la. Ela *conhece* todos os velhos golpes. Ela provavelmente inventou metade deles.

— Então, pensamos em alguns novos. — Gabrielle se levantou.

— Ela *nos* conhece. — Kat olhou para Hale.

— Então não depende de nós — Hale rebateu.

— Ela conhece o tio Eddie. Eu apostaria dinheiro que ela conhece todos que nós conhecemos.

Hale se aproximou. — Então, nós encontramos alguém que ela não conheça.

O navio estava se movendo, deslizando cada vez mais longe da costa, e pareceu como se o mundo inteiro estivesse assistindo. A cozinha estava muito lotada. O estômago de Kat revirou, e ainda assim ela manteve seu olhar sobre Hale, como se ele fosse um ponto sólido no horizonte que ela estava se focando até que ela já não sentia o iate balançar ou deslizar.

— Nós vamos encontrar alguém que ela não conheça — Hale disse novamente.

Nesse momento, Kat jurou que não iria desviar o olhar para nada, mas isso foi antes de ela ouvir os passos, ver a sombra na entrada, e ouvir a voz que perguntou: — Você quer dizer alguém como eu?

# Capítulo 24

*Traduzido por Polly*

A primeira vez que Kat tinha visto o menino que estava parado na entrada, ambos tinham estado parados em uma esquina de rua em Paris. A primeira conversa tinha sido sobre um arrombamento e um roubo em um bolso, e Kat tinha tido uma suspeita de que ela estava na sala com alguém com uma grande dose de talento natural e o subsequente desrespeito pelas leis e verdades. Mas aqueles não foram os momentos que vieram à mente de Kat enquanto a cozinha inteira ficou olhando, esperando para ver que outras surpresas podiam estar à espreita do outro lado da porta.

— O que foi? — Nick perguntou, olhando para os adolescentes apavorados. — Vocês não conseguem me reconhecer quando vocês não estão me deixando em uma galeria trancada para a polícia me encontrar?

— Oh, não seja bobo, Nicholas — Gabrielle disse, casualmente inspecionando as unhas. — Sabíamos que a segurança do museu iria encontrá-lo muito antes dos policiais.

— Doce como sempre, Gabrielle. — Nick acenou para a garota, então se virou para Simon e os Bagshaw. — Caras... desculpa pela intromissão.

— Eu acho que o termo técnico é *invasão à barco* — Hale disse.

Nick estalou os dedos. — Eu acho que você está certo.

— O quê? — Hale olhou ele de cima a baixo. — Sem terno molhado?

— Não quero estragar meu cabelo — Nick disse com um sorriso. E através disso tudo, Kat se sentou sem palavras.

— Garotos, garotos — Gabrielle disse, encostada contra o balcão como uma cantora de jazz dos anos trinta. — Sejam bonzinhos.

— Eu sou bonzinho — Hale disse, mas sua voz era feita de vidro. — Eu estava prestes a perguntar ao nosso velho amigo Nick como Paris está nos dias de hoje.

— Lião — Nick corrigiu. — Minha mãe agora está na sede da Interpol. — Seu olhar deslizou de lado para Kat. — Ou você não sabia?

Ele parecia perfeitamente honesto quando ele disse isso, e foi quando Kat percebeu duas coisas muito importantes: a primeira era que Nick estava guardando o segredo dela. A segunda era que Nick... era bom. Ela não tinha certeza do que ela queria pensar, então ao invés ela apenas disse: — A quanto tempo você esteve aqui?

— Tempo o suficiente.

— E exatamente *por que* você está aqui? — Kat perguntou. — A última vez que ofereceu seus serviços, eu lembro de você secretamente planejando pegar todos nós em flagrante e nos entregar para a Interpol. Ou você está fora do negócio da sua família?

Kat viu seu reflexo nas janelas. Não havia nada além do vidro além de uma extensão vazia de preto.

— Talvez eu mudei de lado. — Nick passou a mão ao longo da ilha de granito. — Talvez eu vim até aqui para ajudá-la a roubar a Esmeralda de Marco Antônio.

— Não é o Marco Antônio — Hale corrigiu.

— A Interpol enviou uma equipe para ajudar a autenticar — Nick disse para eles. — É verdadeira, Kat.

— Oh, é uma esmeralda verdadeira, sim — Gabrielle disse, depois sorriu presunçosamente. — Apenas não é o Marco Antônio.

— Não — Nick disse. — Não pode ser. A única outra esmeralda daquele tamanho é...

— Oh, sim. É a Cleópatra — Gabrielle disse para ele.

— Como você sabe? — Nick perguntou.

— Nós sabemos — Kat disse lentamente, — porque fomos nós quem a roubamos.



Deitada acordada na cama king-size que ela dividia com Gabrielle, Kat olhou para o lustre pendurado acima, e o assistiu balançar como um pêndulo com ondas.

Quando ela se jogava e virava, ela tentava culpar o mar. Quando o sono não veio, ela queria pensar que era por causa do ronco de Gabrielle. Mas quando Gabrielle começou a chutar, Kat sabia que não havia nenhuma utilidade em lutar. A Gabrielle plenamente consciente era uma força a ser reconhecida. Uma Gabrielle sonolenta (e possivelmente amaldiçoada) era um outro nível de perigo, então Kat escorregou da cama e silenciosamente foi em direção à porta.

O telefone estava onde ela tinha deixado. O número era um que ela sabia de cor. E quando ela saiu para o convés, ela percebeu que era o início da noite no Paraguai. Ou era Uruguai? Isso realmente não importava, Kat pensou quando ela ficou parada, esperando ser capaz de dizer: — Oi, pai.

— O que há de errado? — ele perguntou, e Kat riu.

— Nada. Eu apenas...

— Kat, o que há de errado?

— Eu sinto sua falta. Sentir saudades de você não é permitido?

— Não, é permitido. Na verdade, é a minha preferência. Mas você não tem exatamente um histórico de comportamento preferencial.

Kat se inclinou contra a grade e sussurrou: — Eu sinto sua falta.

— Você já disse isso — seu pai lhe disse do outro lado do mundo.



— Sim, mas desta vez eu realmente falo sério.

— Então, o que todo mundo está dizendo é que sua prima tem enganado você em algo com um conde.

— Um duque — Kat corrigiu. — Nós estamos...

— Então o que você *realmente* está fazendo?

— Delimitando as cavernas ao redor de Zurique, procurando um Degas que ninguém viu em sessenta anos.

Ela quase podia imaginar o sorriso no rosto de seu pai quando ele disse: — Essa é a minha garota.

Também estava frio no convés, e Kat desejou ter trazido um casaco, desejou que ela esperasse o sol. Ela imaginou seu pai, bronzeado, cansado e feliz. Ela pensou em Maggie, e por um segundo, considerou implorar por perdão ou implorar por ajuda, mas Kat não podia fazer nenhum dos dois. Ela tinha muito do orgulho do seu tio, e muito pouco do charme de seu pai. Kat era apenas... Kat — perseguindo o passado, e fazendo isso, para melhor ou pior, tudo por conta própria.

\* \* \*

Depois que ela disse adeus a seu pai, Kat ficou fora por um longo tempo, olhando para a água.

— Não caia.

Kat pulou ao som da voz de Hale, então lentamente se virou para ele.

— Não diga isso. Pelo jeito como a nossa sorte está, pelo menos um de nós é obrigado a acabar no mar antes dessa coisa terminar.

Ela sentiu ele ficar ao lado dela, tomando o seu lugar no corrimão.

— Então o que você está fazendo aqui no meio da noite?

— Pensando.

— Veja. — Hale apontou para ela. — Bem aqui. Esse é o seu problema.

Era muito além da meia-noite, e as águas do Mediterrâneo pareciam tinta à medida que se agitavam no casco branco do *W. W. Hale*. As luzes de lugares como Saint-Tropez e Nice eram pequenos diamantes ao longe, e parecia para Kat como se ela e Hale estivessem mais próximos da lua do que qualquer outra pessoa viva ou coisa.

— Você não escutou ela hoje, Hale. Ela é tão... boa.

— Você disse isso.

— Ela viu tudo. Ela fez tudo. Ei — ela apontou para ele, — talvez um Catarina a Grande? Sabe, o tio Felix posou como um curador do Museu do Cairo um ano, e...

— Por um momento, parecia que você estava desistindo disso — ele sussurrou.

— Eu sei, mas eu pensei que se nós...

— Kat...

— Sim?

— Pare de pensar.

De todas as coisas que pediram a Kat em seus quinze anos, essa foi talvez a mais difícil. Mas ela tentou — ela realmente tentou. Esquecer o bater das ondas e a profunda água azul. Ignorar o relógio, as chances dos planos, e a pequena voz no fundo de sua mente dizendo, *Eu beijej você. Eu beijej você. Eu beijej você.*

*E você fugiu.*

— Você é o único amigo que eu já tive, Hale. Você sabe disso, certo?

— Não minta...

Kat balançou a cabeça. — Se eu estivesse mentindo, soaria muito melhor do que isso. — Ela viu Hale respirar fundo e vir em sua direção, mas Kat continuou. — Na minha família, nós levamos a sério nossas trapaças, sabia? Como as pérolas da vovó, ou a boa porcelana. Elas foram transmitidas durante anos. Séculos. Alguém ensinou o tio Eddie, e o tio Eddie ensinou a minha mãe. E a minha mãe ensinou ao meu pai, e meu pai ensinou...

— A você.

— Sim — Kat admitiu enquanto Hale se aproximava.

— E você me ensinou.

Kat riu e voltou para a água. — Sinto muito por isso.

Mas Hale não estava rindo quando ele disse: — Eu não sinto.

Estando lá à luz da lua, Kat viu ele apertar sua mandíbula e se voltar para ela.

— Alguém ensinou a eles primeiro, Kat. Não esqueça disso. Alguém, em algum lugar, ensinou a eles primeiro. — Ele deu de ombros. — Então, nós vamos fazer alguma coisa pela primeira vez. Quem sabe? Talvez a uma centena de anos a partir de agora, duas crianças loucas irão debater os méritos de *Kat no Chapéu*.

— Sério? É esse o nome que você está dando?

Ele riu e agarrou o corrimão. — É um trabalho em andamento.

Na água, sem o calor do sol, a respiração de Kat apareceu no ar frio.

— Você acha que é real? — ele perguntou.

— Eu sei que é real. Eu sou a pessoa que carregou ela para fora do duto de aquecimento, lembra?

Ela estremeceu, e Hale colocou os braços ao redor dela, segurando o corrimão em ambos os lados, pressionando-a com força entre o corrimão frio e o calor de seu peito. — Não a Cleópatra... o Marco Antônio. Você acha que ele está por aí em algum lugar?

— Você acha que há dois mil anos houve uma esmeralda tão grande que você podia cortá-la pela metade e ter duas pedras desse tamanho?

— Você acha que houve um amor tão grande que podia amaldiçoar quem ficasse contra ele?

— É apenas uma história, Hale.

— Sim, mas é uma *boa* história. Não é?

Ele apertou ela como se forçando uma resposta.

— Eu não sei. Quer dizer, é meio boba.

— Boba? Não é a palavra que eu normalmente associo com o poderoso casal do Império Romano, mas tanto faz.

— Quer dizer, ela era Cleópatra... Ela e Marco Antônio não deveriam ter se conhecido melhor? Eles eram tão diferentes...

— Variedade é o tempero da vida.

— E a mil quilômetros de distância.

— A ausência faz o coração ficar mais apaixonado.

— E condenado.

Ela suspeitava fortemente que sua mente estava em qualquer coisa, menos na Cleópatra quando ele a soltou e perguntou: — Você não quer dizer assustado?

Kat sentiu o coração bater mais rápido, com adrenalina em suas veias, e ela sabia que ele estava certo. Ela estudou ele por um longo tempo. — Você acredita em maldições, Hale?

Ele olhou para ela. — Eu acredito em você.

# 4 DIAS ANTES DO LEILÃO

A BORDO DO *W. W. HALE*,  
EM ALGUM LUGAR AO LARGO  
DA COSTA DE MÔNACO

# Capítulo 25

*Traduzido por Polly*

Talvez fosse o vento fresco e sol claro que os recebeu no convés cedo na manhã seguinte (embora Kat preferiu creditar o excelente café de Marcus), mas o fato era que por ser sete horas, Kat e sua equipe estavam especialmente... acordados.

Nick se sentou ao lado de Simon, que estava em seu computador. Marcus manteve sua atenção na comida. Hale estava com os pés sobre a mesa, lendo o jornal da manhã.

E alguém tinha dado aos Bagshaw uma arma.

— Puxe! — Hamish gritou, e Angus puxou uma corda e enviou um prato voando através da profunda água azul.

Uma fração de segundo depois, um forte estalo estava reverberando em todo o convés. Kat saltou. Hale suspirou. O tiro foi muito extenso, e Marcus não moveu um músculo.

Kat tomou o lugar do outro lado de Simon. — Bom dia — ela disse a ele e arriscou um olhar para a tela, mas Simon não disse nada. — Simon... — ela tentou de novo, mas Hale a cortou com um leve aceno de cabeça.

— Pensando — ele sussurrou.

Kat esperou.

Ela não tomou o café. Ela não pegou um pedaço de rocambole. Ela só ficou olhando os olhos de Simon.

— Sim! — ele gritou e ergueu o punho no ar enquanto, atrás dele, Angus pegava a arma e gritava: — Puxe!

— Então, Simon... — Kat se inclinou sobre a mesa, e Simon finalmente pareceu perceber que ele não estava sozinho.

— Ei, Kat.

Kat riu. — Ei. Quais as novidades? — Ela olhou para o computador e o sorriso que se espalhou pelo rosto de Simon.

— Bem... veja... sabe aquela escuta que colocamos no telefone de LaFont ontem?

— Aquela que fez Kat revelar o nosso disfarce? — Gabrielle perguntou, caminhando para o convés e para uma das espreguiçadeiras.

— Sim, essa — Kat admitiu.

— PUXE!

*Crack.*

Mais uma vez, o tiro foi muito extenso, e, novamente, os irmãos dificilmente notaram.

— O que tem isso, Simon? — Hale perguntou, seus olhos escondidos atrás de óculos escuros, e Kat estava certa de que seu olhar nunca se arrastou de onde Nick estava sentado do outro lado da mesa.

— É, bem, os novos telefones são realmente mais como pequenos computadores e...

— Simon. Simplifica — Hale pediu.

— Nós não apenas grampeamos o telefone dele. Essa manhã, LaFont sincronizou seu telefone em seu computador.

— Então nós... — Kat estimulou.

— Temos tudo. — Simon virou a tela ao redor. — “Hoje, às três horas, sessão de fotos no Palácio do Príncipe” — ele leu. — “Quatro e quarenta e cinco, entrevista com Maggie e a Imprensa Associada. Sete da noite, polimento com o joalheiro real... Amanhã, às nove horas, um *brunch* VIP com... três diretores-executivos, um embaixador Russo, uma delegação do Egito. Oh, a Princesa Ann de Astovia — ouvi que a sua cirurgia plástica foi muito eficaz.

Nick deu um assobio baixo, então se acomodou em sua cadeira. — Esta é uma esmeralda muito ocupada.

— Parece que tudo culmina na noite de quinta com um baile grande, ou uma festa de gala ou tanto faz — Simon disse, e

Gabrielle parecia ofendida que festas de gala e bailes poderiam sequer ser *tanto faz*. — A esmeralda vai estar lá para que todos os potenciais concorrentes possam vê-la de perto. Então, sexta de manhã, eles vão leiloá-la.

— Você tem os locais? — Kat perguntou para Simon.

— Oh, sim. Nós temos tudo.

— Segurança?

— Se LaFont souber disso, nós sabemos.

Era como se talvez a maldição tivesse acabado, a maré tinha mudado, mas, em seguida, a brisa pegou um prato que tomou um rumo muito infeliz. Segundos depois, Angus estava puxando o tiro mais para a direita, atirando um grande buraco na cozinha no segundo andar e três metros acima da cabeça de Marcus.

— Me dê isso! — Gabrielle se levantou e puxou a arma das mãos de Angus.

— Excelente plano — Nick disse com um sorriso para Gabrielle.

— A propósito, Nick — Hale disse, — eu tenho certeza que alguém pode te levar para a praia agora. Obrigado por parar e...

— Hale — Kat disse, cortando ele. — Nós precisamos dele.

— Para fazer o quê, exatamente? — Gabrielle queria saber.

— Maggie — Kat disse suavemente. — Alguém tem que manter um olho em Maggie. — Ela se levantou e caminhou delicadamente para o corrimão. O litoral não parecia tão distante, mas os detalhes ainda estavam envoltos em uma neblina. Então, ela olhou para a água e tentou se concentrar nas poucas coisas que ela realmente sabia. — Precisamos saber onde ela vai, com quem ela fala. Se ela comprar alguma coisa, eu quero ouvir sobre isso. Se ela fizer qualquer ligação, eu quero saber para quem e por quanto tempo.

— Está bem, está bem. Deixa comigo. — Nick colocou uma uva em sua boca e se virou para a porta, mas Hale já estava de pé e bloqueando seu caminho.

— Eu acho que não.

— Ela não é apenas uma velha — Kat disse, tomando seu lugar ao lado de Hale. — Ela não é um alvo ou uma idiota. Ela está nesse jogo a mais tempo do que qualquer um de nós está vivo.



Nick riu um pouco. — Eu lembro de outro golpe difícil que eu consegui rastrear com sucesso um dia em Paris.

— Eu estou falando sério, Nick. Ela é boa.

— Assim como você.

— Estou falando sério — Kat avisou.

Nick não estava sorrindo quando ele terminou: — Eu também. — Então, ele deu a volta ao redor de Hale e se foi, deixando a equipe assistindo ele ir.

Os Bagshaw tinham parado de atirar. Simon não estava brincando com os fios ou chaves. Até mesmo Gabrielle ficou sentada perfeitamente imóvel, com as costas retas, quando ela perguntou: — O que nós vamos fazer?

— Simon, eu quero que você continue nos arquivos da Interpol. Se há algo sobre Maggie lá, eu quero saber o que é. Angus, você e Hamish ficam com LaFont. Eu quero saber se ele está por dentro disso ou se...

Kat parou, deixando Hale adivinhar: — Se ela está usando ele como ela nos usou?

— Sim — Kat admitiu.

— E quanto a nós? — Gabrielle perguntou debaixo da aba de seu chapéu.

— Parece que a Cleópatra está tomando conta da cidade, certo, Simon? — Kat perguntou.

— Certo — Simon disse.

Kat se permitiu um último olhar para a água azul e o litoral distante. — Então eu acho que é hora de vermos os pontos turísticos.



*Fortaleza* era uma palavra que, na opinião de Katarina Bishop, era severamente desgastada e sobrestimada. Não se tratava, por exemplo, de descrever adequadamente uma joalheria ou a maioria dos bancos. É um equívoco grave para a grande maioria de bases militares domésticas (com a exceção óbvia de Fort Knox). Mesmo

metade das residências reais no mundo não seriam melhores descritas de tal forma. Mas não, Kat sabia, em Mônaco.

— Sabe, Marcus teria dirigido — Hale disse enquanto os dois seguiam Gabrielle pela estrada longa e sinuosa que levava às paredes do palácio da casa da família Grimaldi.

— Os adolescentes de hoje não fazem exercício suficiente, ou você não ouviu? — Kat disse, dando um tapinha na inexistente barriga de Hale.

— Sabe, cerca de meia dúzia de exércitos tentaram tomar este lugar ao longo dos anos — Hale disse, xingando um pouco quando Gabrielle pegou o ritmo na rua de paralelepípedos que ficou ainda mais íngreme.

— Bem, então é uma coisa boa que nós não somos um exército, não é? — Gabrielle disse.

O vento estava claro e quase frio enquanto flutuava a partir do Mediterrâneo através dos ciprestes que ladeavam a estrada sinuosa.

— Portanto, se o baile é quinta-feira, e eles vão leiloar no palácio na sexta-feira... — Hale começou.

Kat apontou para as paredes altas à distância. — Então, o Palácio do Príncipe é a nossa última chance... o que é uma coisa ruim. Embora isso nos dê mais tempo de preparação. O que é uma boa coisa. Mas é o palácio...

— O que é uma coisa ruim? — Hale supôs, e sorriu em sua direção. Por uma fração de segundo, Kat quase esqueceu sobre a maldição, a pedra e no que ela estava começando a pensar como o beijo mais estranho da história dos beijos desajeitados.

Ela puxou a câmera do bolso e examinou a baía abaixo com seus acres de iates e lanchas. O palácio estava pousado em cima de um grande planalto que saía da água, levantado quase perto do céu pelos penhascos.

Gabrielle cruzou os braços e olhou para a parede de calcário irregular que se elevava das ondas batendo. — Eu poderia totalmente escalar isso.

— Aqueles penhascos têm quarenta e cinco metros de altura e oitenta graus íngremes — Kat disse, com apenas um olhar na

direção da sua prima.

Gabrielle estava insultada e nem sequer se preocupou em esconder. — Oh, e eu suponho que você acha que seu pai estava sozinho quando ele escalou o *Kyoto Banking Tower* em um dia ventoso setembro passado.

— Penhascos significam muitas, muitas chances de cair, Gabrielle.

— E? — Gabrielle rebateu.

— Então pegue — Kat disse, jogando uma moeda dissimulada, arremessando pelo ar na direção de sua prima. Gabrielle pulou para pegar, mas seu tornozelo virou e quando ela caiu, derrubou sua bolsa aberta, enviando duas carteiras, três identidades, dois esmaltes de unha e uma arma de choque derrapando nos paralelepípedos.

— Ai — Gabrielle disse, em seguida, olhou para sua prima. — Como você fez isso?

Hale se inclinou, colocou uma mão em cada braço de Gabrielle, e puxou ela sem esforço de pé.

— Sem penhascos — Kat disse uma última vez.

Gabrielle suspirou e admitiu: — Sem penhascos.

Kat estava com uma mão sobre os olhos bloqueando o sol, olhando para a fortaleza à distância. — Então não podemos ir por cima, e está situado em uma pedra sólida, o que significa que não podemos ir por debaixo. Mas se conseguirmos ir através... — ela olhou para os portões, — nós ainda teríamos que chegar na pedra e sair... — Ela virou e olhou para eles. — Nós temos que *sair*.

— Talvez Charlie poderia fazer outra falsa? — Hale sugeriu, mas Kat balançou a cabeça.

— Sem tempo.

— Talvez... — Gabrielle começou, mas Kat já tinha se virado.

A gravidade pareceu mais forte do que o normal, puxando Kat para a colina e ao longo das ruas de paralelepípedos em direção as praias de areia abaixo.

— O que mais tem planejado para a esmeralda, Hale?

— Você não vai gostar — Ele disse com um aceno de cabeça, e Kat continuou andando. Ela não gostou nada disso.



Ao longo das próximas cinco horas, Kat e seus companheiros pareciam com a maioria dos turistas que vinham para a Riviera Francesa em um determinado ano. Mas as aparências podem enganar.

Do lado de fora do *La Banque Royale Nationale*, poucos dos pedestres podiam ouvir a menina menor dizer ao menino: — O cofre de segurança de LaFont é uma parte do pacote de platina do banco?

— Sim.

— E a pedra está sendo mantida aqui sempre que não está fazendo aparições oficiais?

— Sim.

— E a nossa última chance aqui seria na quinta à noite?

O garoto concordou. — Antes do leilão na sexta-feira de manhã.

— E não me diga — a menina apontou para as câmeras penduradas em intervalos regulares em torno do perímetro, — que essas são as Decanter 940s com a imagem sensível ao calor?

— Sim — seus companheiros responderam em uníssono.

A menina deslizou um par de óculos escuros do alto de sua cabeça e puxou sobre seus olhos azuis brilhantes. Ela não olhou para trás quando ela disse: — Próximo.

Andando pelas portas da frente da Catedral de Mônaco, Kat tinha de olhar ao redor.

— O que vai acontecer aqui? — ela perguntou.

— Fotos de publicidade — Hale disse.

— Tudo bem... — Kat olhou para as portas e as câmeras, os lugares onde ela poderia imaginar os guardas e a pedra. — Isso pode realmente funcionar se formos à direita...

— *Com os Guardas do Palácio...* — Hale adicionou, e Kat girou nos calcanhares e se dirigiu para a porta.

— Próximo!



Do lado de fora da suíte de hotel onde Maggie iria ser a anfitriã de um chá da tarde para uma delegação de dignitários egípcios, Kat teve uma reação familiar demais. (Muitos capangas, poucas saídas.)

O cenário não foi diferente na esquina da rua onde, de acordo com Simon, talvez seja possível retardar o carro blindado por cinco minutos adicionais enquanto a pedra faz o seu caminho para ou a partir do Palácio do Príncipe. (Mas havia muitos espectadores e pouca cobertura.)

Havia um ponto em algum lugar entre o banco e os joalheiros reais, onde a joia iria receber o seu polimento oficial, quando o grupo se permitiu um pouco de esperança; mas logo Kat estava balançando a cabeça e afastando essa possibilidade, também (inteiramente pouco tempo para se preparar e, além disso, nenhuma equipe sob uma maldição deve sequer pensar em um trabalho que requer equipamento de mergulho).

Assim foi com o coração pesado e expectativas muito baixas que Kat se virou para Hale. — E sobra quinta-feira à noite...

Eles caminharam pela principal via pública. Simon estava em algum lugar escaneando os arquivos da Interpol, e Nick ainda estava seguindo Maggie. Marcus tinha aparecido em uma limusine como se por magia e levou Gabrielle para longe. Os Bagshaw estavam do outro lado da cidade, patrulhando a casa particular de LaFont. Então, Kat e Hale estavam sozinhos quando eles viraram em uma pequena rua sinuosa repleta de butikues elegantes e carros esportivos caros.

— Será que eles já têm um local para a festa?

— Eles têm.

— Nós queremos ir para lá agora, ou...

— Primeiro, nós fazemos uma parada. — Hale virou para uma janela de vidro com um longo toldo azul. A porta soou quando ele entrou.

Kat sabia que havia um truque — tinha que haver. Talvez o banco apoiasse a loja e o cofre podia ser acessado através do porão. Talvez a estilista de Maggie trabalhasse lá e seria possível para Gabrielle se passar por ela, trocar as pedras, e então fugir em um baú cheio com alta-costura.

A mente de Kat estava girando de uma forma que as mentes das jovens quase nunca giram quando estão dentro de boutiques de elite na costa da Riviera. Ela estava tão ocupada, na verdade, que ela quase não viu a vendedora que estava se aproximando de Hale, sorrindo.

— Sinto muito — Kat disse para a garota. — Nós não vamos na verdade comprar...

— Bem-vindo de volta, Sr. Hale — a menina falou, e beijou Hale em cada bochecha como se Kat não tivesse falado nada. — Eu acredito que nós temos... — Ela parou, olhando para uma garota igualmente alta, igualmente bronzeada, igualmente linda que estava carregando pelo menos uma dúzia de sacolas da sala dos fundos.

— Sim, nós temos algumas coisas bonitas para você, Hale — a segunda garota disse, entregando a ele as sacolas, sua mão demorando um pouco mais do que o necessário nas dele.

— Você sempre tem, Isabella. Mande lembranças para Renée, ok?

— *Bonjour* — Isabella disse.

— *Bonjour* — Hale disse de volta. Eles estavam a meio caminho da porta quando ele finalmente olhou para Kat. — *Agora* estamos prontos.

Kat testou o peso e a sensação da sacola de roupa que ele entregou a ela. — Eu suponho que não há um macacão *catsuit* preto resistente ao calor aqui dentro embutido com arnês para acessórios?

— Não.

— Então eu acho que você não vai me dizer o que tem aqui?

O sorriso de Hale foi a sua única resposta.

— Eu realmente não tenho uma grande necessidade de vestidos chiques — Kat tentou novamente.

— Hoje à noite você precisa.  
— Por quê? O que tem hoje à noite? Onde estamos indo?  
Ele parou e colocou os óculos escuros. — Para o meu mundo.

## Capítulo 26

*Traduzido por Polly*

Embora o enjoo deveria, tecnicamente, estar diminuindo, Kat se sentia mais enjoada do que o habitual quando finalmente conseguiu voltar a bordo do *W. W. Hale*. Ela tentou culpar a mudança do tempo, as mudanças da maré. Ela tentou dizer a si mesma que era apenas uma viagem de reconhecimento — nada mais — mas cada vez que ela via a sacola de roupas pousada no final da cama king-size, a sensação em sua barriga ficava mais forte, dizendo que algo estava muito, muito errado.

— Ei, Kitty — Gabrielle chamou, deslizando para dentro do quarto. — Angus e Hamish disseram que as estradas ao redor do banco são um pesadelo, então se nós vamos para lá nós vamos precisar de um helicóptero ou de um... — Ela parou de repente e se lançou para a sacola de roupas. — Oh! Eu amo essa loja! — ela exclamou, batendo em um abajur na mesa de cabeceira e derramando um copo de suco antes de finalmente conseguir abrir a sacola.

— Oh — Gabrielle disse, olhando. — É do *seu* tamanho. — Amaldiçoada ou não, ela ainda parecia para Kat como uma deusa

enquanto segurava o vestido contra seu corpo e estudava seu reflexo em um dos espelhos até o chão do camarote.

— Gabrielle. — A voz de Kat soou pequena e tímida. Ela quase não reconheceu o som, mas uma vez que elas eram as duas únicas pessoas no quarto, ela sabia que devia ter sido ela a pessoa que tinha falado. Ela também sabia que era tarde demais para voltar atrás.

— Gabrielle — Kat disse, mais forte desta vez. Ela puxou o vestido das mãos de sua prima.

— O que há de errado com você? — Gabrielle perguntou.

Kat queria falar sobre maldições, esmeraldas e orgulho. Parte dela queria gritar sobre golpes antigos, novos golpes e a ironia perversa e retorcida que vinha com finalmente ser um *a/vo*. Mas tudo o que saiu foi: — Eu beijei Hale.

— Você fez *o quê*? Quando? Como?

— Eu beijei Hale. Após o roubo. Da maneira usual... Eu acho. — Ela viu sua prima pegar o vestido novamente e voltar para o espelho. Sem palavras. — Gabrielle? — A impaciência estava subindo na voz de Kat. — Gabrielle, você poderia por favor colocar o vestido para baixo e...

— Estou impressionada, Kitty — Gabrielle disse. — Eu estava começando a pensar que você nunca iria se arriscar cegamente. Então, como foi?

— Ele *fugiu* — Kat disse, a memória correndo de volta. — Eu o beijei e ele foi para o Uruguai.

— Paraguai — Gabrielle corrigiu. — E tecnicamente, ele nunca conseguiu sair do país.

— Ele *fugiu* — Kat disse novamente, se estabelecendo sobre a única coisa que importava.

— Ele está de volta agora — Gabrielle rebateu.

Mas a mente de Kat já estava à deriva, lembrando de cada toque — cada sorriso. Ela puxou um travesseiro coberto para o seu colo, desejando a pequena cama da sua mãe no quarto rosa no triplex do tio Eddie.

— Ele está com raiva de mim.



— Hum... Eu acredito que eu disse isso a vários dias e duas mil milhas atrás — Gabrielle disse.

— Eu nem sei por quê.

Gabrielle girou sobre seu pé bom e olhou para Kat. Ela jogou o vestido de designer na cama e disse: — É claro que você sabe.

— Ele não gosta quando eu corro riscos — Kat disse. — Mas eu realmente não precisava de ajuda com esses trabalhos, Gabrielle. Eu não estava em muito perigo, e se eu precisasse de ajuda eu teria... — Ela parou, estudando a expressão de sua prima. — O que foi?

— Nada — Gabrielle disse com um encolher de ombros. — É só que... você já pensou que talvez *precisar* de ajuda e *querer* Hale são duas coisas totalmente diferentes?

Kat era a que planejava — a pensadora — mas ela ficou lá por um longo tempo, considerando a possibilidade de que Gabrielle pudesse ser a menina mais inteligente do mundo. Ou, pelo menos, em seu mundo.

— Hale é meu melhor amigo — ela disse simplesmente.

— Eu sei.

— Eu não tenho certeza o que aconteceria se ele se tornasse meu namorado.

— Eu sei — Gabrielle disse, como se ela estivesse feliz que Kat estivesse finalmente recuperando o atraso.

As ondas batiam suavemente contra o lado do iate, e Kat sentiu seu estômago revirar enquanto pensava sobre a única pergunta que ela estava quase com medo de perguntar.

— Os meninos sempre ficam loucos quando você beija eles?

— Sim — Gabrielle disse simplesmente. — Mas não da maneira que você está perguntando.

Kat poderia ter perguntado exatamente o que sua prima quis dizer, mas havia muitos mistérios em sua vida — muitos cofres que ela não podia arrombar — e apenas um vinha com um relógio, então ela pegou o vestido.

— Gab, você pode me ajudar com...

Mas Kat não pôde terminar porque a porta se abriu, e ela pulou.

— Caramba, Simon — ela disse ao menino que estava ofegante no corredor do lado de fora. — Você me assustou pra... O que há de errado?

Ele olhou de Kat para Gabrielle, depois de volta novamente. Sua camisa estava enrugada e para fora da calça. Ele se parecia com qualquer coisa menos um gênio quando ele disse: — Hum... Eu acho que vocês duas vão querer ver isso.



Havia uma sala no navio que Kat nunca tinha visto antes. Situada no nível superior perto da ponte, tinha sofás de veludo e um piano de cauda. Havia janelas em três lados, e à distância, ela viu o sol se estabelecer sobre o mar. Apesar dos computadores e bandejas cobertas com latas de Coca-Cola vazias e sanduíches meio comidos, parecia uma sala feita para champanhe e caviar — talvez por causa da vista, Kat imaginou. Ou talvez porque Hale já estava lá, e ele estava vestindo um smoking.

— Uau — Gabrielle disse para ele, endireitando sua gravata. Mas Kat não podia tirar o seu olhar de Simon.

— Me diga — ela disse.

— Bem. — A voz de Simon estava arranhada e falhando. Ele parecia quase com medo de dizer: — Eu estava olhando os arquivos como você pediu...

— E você encontrou Maggie, não é? — Angus disse, quando ele e Hamish apareceram na porta.

— Oh, não. — Simon balançou a cabeça. Seus olhos estavam arregalados. — Ela não tem um arquivo. Quer dizer, não há nada sobre Maggie no banco de dados. Tanto quanto eu posso dizer, ela não está nem mesmo no radar da Interpol. Ela poderia muito bem nem mesmo existir. Ela...

— Simon — Hale disse, trazendo ele de volta.

— Certo — Simon disse com um aceno rápido na direção de Hale. Então, ele se virou para Kat. — Como eu disse, eu não

consegui encontrá-la nos arquivos. Então eu parei de procurar por ela.

— Ok — Kat disse, sabendo que isso era importante — que isso importava — ela simplesmente ainda não podia imaginar o porquê.

— Então, ao invés eu comecei a procurar... por *isso*. — Simon se moveu para a caixa de arquivos empoeirada que Kat tinha carregado do porão da Interpol. — De acordo com nossos amigos em Lião, houve pelo menos dez tentativas de roubar a Cleópatra desde que foi descoberta. Paris em 49 — ele disse, puxando um arquivo da caixa e deixando cair sobre a mesa. — Cidade do México em 52. Londres em 63.

Simon parecia cansado quando ele falou, como se os arquivos e os segredos estivessem pesando sobre ele e tendo seu preço. Então ele alcançou o último.

— E, claro, uma vez na Feira Mundial em Montreal.

— Quando? — Hale perguntou, mas a mente de Kat estava voltando para outra sala e outra noite, e ela pensou sobre as chaves que tinha encontrado durante a sua louca busca no escritório do tio Eddie.

Sua voz era pouco mais que um sussurro. — Mil novecentos e sessenta e sete.

Simon concordou lentamente. — Foi a primeira vez que a pedra foi exibida para o público em geral e... bem... foi realmente um grande negócio. *Isso* foi tirada na noite de abertura.

Quando ele apertou um botão em seu computador, toda a equipe observou a tela encher com uma fotografia em preto e branco de homens em smokings e mulheres em vestidos. As mulheres usavam o cabelo empilhados em tranças elaboradas. Lápis grossos se arrastavam dos cantos dos seus olhos como se todas elas canalizassem a própria Cleópatra, mas só havia uma mulher na multidão que realmente importava.

Simon apontou para uma mulher que era jovem, sorridente e bonita, e mesmo a décadas e meio mundo de distância, não havia nenhuma dúvida que era a mulher que eles conheciam como Maggie. — É ela. Não é?

— Sim — Hale disse. — É ela.

Kat se sentiu de repente como se estivesse bisbilhotando, mexericando, olhando dentro de algo que não era para ela ver — em algum lugar que ela não pertencia. Mas ela não podia se virar. Não nesse momento. Eles tinham viajado muito longe e os riscos eram muito altos. E ela estava profundo demais para fazer algo além de olhar para o canto da fotografia e os dois rostos idênticos que olharam de volta.

Simon apontou para os irmãos. — E ela não estava sozinha.

## **Capítulo 27**

## *Traduzido por Polly*

Kat lembrava vagamente de se vestir. Ela tinha certeza que havia uma conversa envolvendo Gabrielle, a maldição, e uma chapinha rebelde. (Houve também uma breve aparição de Marcus e um kit de primeiros socorros.) Mas todo o processo de preparação para a sua viagem de reconhecimento era realmente mais como um borrão para Kat, e até mesmo quando ela se sentou ao lado de Hale na pequena lancha que transportava eles do iate para a costa, ela realmente não podia fazer nada além de olhar para as ondas escuras e sussurrar: — Eles pareciam tão jovens. Eles não pareciam jovens?

— Sim — Hale disse. — Eles pareciam.

Ela não era uma tola. Ela sabia que seus tios foram jovens algum dia, altos e bonitos. Ela ouviu as histórias. Ela sabia das lendas. Mas olhar para eles no auge dos golpes e no auge de suas vidas — vê-los juntos — foi uma das sensações mais estranhas que Kat já sentiu.

Ela pensou sobre o tio Eddie e quis saber qual tinha sido o seu plano, como o maior ladrão que ela conhecia havia tentado roubar a pedra que ela perseguiu para o outro lado do mundo. Mas, o mais importante, Kat queria saber onde tudo tinha dado errado.

Ela se perguntou o que o tio Eddie diria aos jovens na fotografia se ele pudesse voltar no tempo e enviar uma mensagem para eles. Então ela percebeu que talvez fosse o mesmo aviso que ele estava tentando dar a ela.

— Talvez tenha sido uma coincidência... Maggie estar na foto — Hale disse. Kat olhou para ele. — Ok. Então, talvez coincidência não seja a palavra certa. Mas foi uma grande festa... havia muitas pessoas lá.

— Não. — Kat balançou a cabeça e observou o barco prender na doca. — Ela era parte disso.

— Como você sabe?

Porque o mundo deles não era de coincidências... Porque Maggie estava perseguindo aquela pedra por anos... — Porque eu conheço ela — Kat disse finalmente. Ela não podia olhar para ele. — Eu conheço ela, Hale. Eu acho... Eu acho que sou ela.

— Não. — Hale levantou do barco e estendeu as mãos, levantando ela para o cais em um movimento fácil, segurando-a firmemente. — Você não é.

# Capítulo 28

*Traduzido por Polly*

Dizer que Mônaco é pequena seria algo como um eufemismo. Com pouco mais de trinta mil pessoas, é quase do tamanho do Central Park em Nova York. Seus recursos são poucos e as oportunidades de auto-sobrevivência são limitadas, e ainda de alguma forma o litoral rochoso se tornou uma das peças mais ricas da terra. Então Kat caminhou ao longo das ruas de paralelepípedos, com Hale ao seu lado, dizendo a si mesma que tudo era possível.

Bem... quase tudo.

— Então, aqui estamos... — ele disse, apontando para os jardins e fontes meticulosamente cuidados do edifício que estava no coração de Monte Carlo.

— O Casino de Monte-Carlo — Kat disse sem rodeios. — Você espera que a gente roube um casino.

— Roubar *em* um cassino — Hale apressou-se a acrescentar. — Há uma diferença. Além disso... — ele apontou para um banner longe, dizendo a todo mundo que o Marco Antônio estava a caminho, — essa é a última parada no itinerário da esmeralda antes de Maggie leiloar no palácio na sexta de manhã. — Ele

ofereceu o braço. — Então, o que você diz? Você está pronta para roubar um cassino?

Kat olhou para Hale, e finalmente, seu estômago não revirou. Ela finalmente sentiu os seus pés firmes quando ela aceitou o braço dele. — Eu estou pronta para pegar a Cleópatra de volta.



Mesmo que Kat conhecesse Hale a um pouco mais de dois anos, ela o tinha visto em uma série de situações. Houve um longo fim de semana no Brasil durante o Carnaval. Ela tinha uma lembrança muito vívida de um trabalho envolvendo patos, hélio e um navio a vapor a caminho de Cingapura. Tinha ocorrido a ela em algum lugar ao longo do caminho que ela nunca tinha — nenhuma vez — visto ele parecer fora de lugar, mas enquanto eles caminhavam para o principal andar do cassino, para o coração de Monte Carlo, Kat não podia evitar de pensar que nunca tinha visto ele verdadeiramente em casa, também.

Então ela observou o jeito que ele puxou uma carteira de couro do bolso interno do paletó do smoking perfeitamente sob medida e disse ao senhor trabalhando atrás das grades na janela: — Troque quinhentos, por favor.

O gesto foi tão fácil, a voz tão confiante, que o homem na cabine nem sequer pediu para ver uma identidade, e Kat sabia que isso era o mais perto de casa que W. W. Hale Quinto poderia chegar.

— O que foi? — ele perguntou, então Kat percebeu que estava encarando. Ele deu um sorriso de boca larga. — Eu tenho algo em meus dentes?

— Sim. — Ela sorriu. — Eu acho que o canário deixou algumas penas depois que você o comeu.

O atendente deslizou um bilhete dourado através da fenda na grade, e Hale o colocou no bolso do casaco, acariciando o lugar sobre o seu coração como uma medida extra.

— Vamos. — Hale pegou a mão dela. — Eu me sinto com sorte.



Poderia ter sido um bom momento para lembrá-lo sobre a maldição. Poderia ter sido uma hora igualmente oportuna para salientar que blackjack era um jogo de probabilidades, e roleta pertencia a tolos — todas as pequenas coisas que ela tinha aprendido no colo de seu pai e na mesa de cozinha do tio Eddie.

Então, não, sorte não tinha nada a ver com qualquer coisa, no que dizia respeito a Kat, mas naquele momento não parecia ser o momento adequado para dizer a ele, porque Hale colocou a mão direita dela na dele e colocou a sua esquerda suavemente em sua cintura, guiando-a através das portas altas e da multidão. Kat não podia evitar de pensar que era quase como um baile. Ou talvez uma formatura. Por um breve momento, ela se permitiu se sentir como uma menina normal, toda produzida e na cidade com o menino dos seus sonhos. Mas, em seguida, eles pararam em um ornamentado corrimão e olharam através do andar do cassino. O andar se esticava abaixo deles, com roletas girando. Cartas se movendo. Homens de smoking e mulheres elegantes quase tanto quanto os olhos podiam ver. E Kat sabia que nada sobre sua vida nunca ia ser normal.

— Portanto, este é o lugar onde o baile vai ser... — Kat disse.

— Nossa última chance antes do leilão — Hale continuou. Ele se inclinou sobre o corrimão e se virou para olhar para ela. — Então, como pareço?

Kat queria dizer bonito. A maioria teria dito glamuroso. Era fácil imaginar a sala cheia de grandes licitantes, música e comida e, é claro, a esmeralda mais valiosa que o mundo já conheceu, então Kat apenas balançou a cabeça e disse: — Durão.

Hale olhou para ela. — Sabe, eu sempre amei uma boa festa.

Kat deixou seu olhar derivar através da sala e sabia que uma pessoa em sã consciência teria sentido um pouco de pânico quando ela contou os guardas (28 no piso principal, 56 no total). Tio Eddie, por todos os direitos, poderia ter deserdado ela por não ir embora assim que ela contou os passos da provável posição da esmeralda para a saída mais próxima (212).

Havia muitos pensamentos dentro de sua cabeça naquele momento — muitas teorias, estratégias e planos. Kat fechou os

olhos e limpou sua mente. *O que Visily Romani faria?* ela se perguntou por uma fração de segundos, então balançou a cabeça e fez a pergunta que vinha flagelando ela por horas: O que o tio Eddie fez? E Charlie? E Maggie?

Maggie...

— Bem, é claro que eles estão me dando uma linha de crédito!  
— uma grande voz estridente gritou lá de baixo. — Uma grande e verde! — Maggie terminou, e a multidão que cercava ela irrompeu em gargalhadas. Mas, para Kat, nada mais era engraçado.

O ornamentado corrimão era suave sob as palmas das mãos enquanto ela estava olhando para Maggie, que ria, conversava e bajulava como a rainha do baile.

Maggie, que tinha sentado tremendo em um restaurante chuvoso, segurando uma foto em preto e branco da infância de alguma outra pessoa e implorando que a filha de outra pessoa corresse um terrível risco.

Maggie, que tinham usado o nome Romani.

Maggie, que tinha estado em um lugar muito parecido com os dos tios de Kat em 1967, e tinha perseguindo essa esmeralda desde então.

Meus tios, Kat pensou consigo mesma, então sorriu tristemente. Seus tios saberiam o que fazer.

Então, com o pensamento, seu sorriso mudou.

— O que você está olhando? — Hale perguntou. — Por que você está sorrindo? Eu me preocupo quando você sorri.

— Eu sei por que ela fez isso, Hale. Eu sei porque ela me enganou.

— Bem... sim — Hale disse. — Eu posso pensar em cem milhões de razões.

— Não, Hale. — Kat pressionou as mãos contra o peito dele, e sentiu o seu coração batendo debaixo de suas palmas quando ela disse: — Eu sei porque ela *me* enganou. Você não pode conseguir esse trabalho sem a coisa real... quarenta anos atrás talvez, se a falsificação fosse realmente boa e o mercado negro realmente sombrio. Mas você não pode sequer fazer um acordo no mercado negro com a tecnologia de hoje. E se você não tem o verdadeiro

Marco Antônio... e se você não conseguir falsificar o Marco Antônio...

— Você não pode *vender* o Marco Antônio — Hale terminou por ela.

Kat assentiu e deu de ombros. — Então, a única maneira de fingir que você tem o Marco Antônio é se você na verdade tiver a Cleópatra. E a única maneira da Cleópatra se passar pelo Marco Antônio é se você souber onde há uma Cleópatra *falsa* para trocá-las. Mas quantos falsificadores no mundo podem fazer isso?

— Apenas Charlie? — Hale adivinhou.

Kat concordou e suspirou. — Apenas Charlie.

Ela se virou lentamente ao redor, seu olhar varrendo a sala — smokings, vestidos de baile e o lugar onde a esmeralda logo estaria cercada de admiradores no centro da festa. Era quase como se o mundo tivesse voltado ao preto e branco de 1967 novamente. Kat não se atreveu a pensar qual seria a sensação de perseguir aquela pedra por mais de cinquenta anos.

— Aqui — Kat disse sob o barulho da multidão. — Nós faremos isso aqui.

— Hum, Kat, não sendo um desmancha prazeres, mas você viu os guardas, não é? — Hale perguntou.

— Sim — ela disse, e por alguma razão, ela não conseguiu segurar uma risada.

— E esse número vai subir... digamos... vinte por cento uma vez que eles tiverem a pedra aqui?

— Mais para trinta — ela corrigiu. — Se tivermos sorte. Mas tem que ser aqui, Hale. — Ela pensou em seus tios: bonitos, jovens, idênticos. Um genético truque de mágica. — Nós podemos fazer isso aqui, se conseguirmos ter ajuda — se conseguirmos ter alguém infiltrado.

— Ok. Eu posso...

— Não você.

Hale abaixou a cabeça, mas finalmente admitiu: — Tudo bem, então Nick...

Mas ele parou de falar quando Kat se virou para ele e sorriu como se ela tivesse temporariamente esquecido como era ser um

alvo.

— Nós não somos os únicos que vão ter que confiar nele — ela disse com um aceno de cabeça. — O que significa que vamos precisar *do* homem infiltrado.

Hale deu um passo hesitante para trás e estudou ela. — Então...

— Então, como você se sente sobre helicópteros?

# 3 DIAS ANTES DO LEILÃO

EM ALGUM LUGAR  
NA ÁUSTRIA

**Capítulo 29**

## *Traduzido por Polly*

— Olá, tio Charlie.

Kat e Hale estavam com as mãos nos bolsos, tremendo dentro dos seus casacos muito finos enquanto a neve rodopiava em torno deles. Uma tempestade estava vindo. O vento estava mais frio do que ela se lembrava. Ou talvez, Kat pensou, era apenas o olhar nos olhos de seu tio-avô quando ele disse: — Você tem muita coragem de trazer o seu problema para minha montanha.

Ele se afastou da porta e atravessou a casa escura, driblando urnas, telas e móveis, falando atrás dele: — Vá até o seu tio, Katarina.

— Eu *estou* com o meu tio.

— Edward iria...

— Eddie está do outro lado do mundo, tio Charlie. Eddie não se importa...

Charlie parou e virou. — Ele se importa com *isso*.

— Por que? — ela perguntou, chegando mais perto do local onde ele estava, com um atizador na mão, olhando para o fogo. — Por que a Esmeralda de Cleópatra importa tanto, tio Charlie? O que aconteceu em 1967?

— Nós não falamos sobre isso, Katarina.

— Tudo bem. Então vamos falar sobre *ela*.

Kat havia rasgado uma foto de um jornal, e ela puxou do bolso a manchete em francês.

— Ela está se chamando de Maggie agora. Algumas semanas atrás, ela disse que seu nome era Constance Miller e que Visily Romani queria que eu roubasse a Esmeralda de Cleópatra. Ela é uma artista trapaceira, tio Charlie. Uma das grandes. — Ela estudou o rosto de seu tio, viu sua respiração ficar uniforme e lenta, sem um único sinal revelador de reconhecimento. — Mas você já sabia disso, não é?

Charlie balançou a cabeça e fez um gesto em direção à pequena sala desordenada. — Eu receio que o meu círculo de amigos não seja tão grande como costumava ser. Me desculpe, eu não posso ajudar. — As palavras soaram certas, mas era como assistir a um atleta que esteve longe do jogo. Ele estava enferrujado e lento, mas o talento ainda estava lá, escorrendo por baixo.

— Bela tentativa, Charlie. — Kat sorriu. — O timing estava certo, mas seus olhos — ela apontou para os próprios cílios escuros, — eles estão um pouco fora de forma.

— Kat...

— Ela me enganou, tio Charlie. Ela é tão boa, e eu fui... arrogante. — Kat riu, embora ela soubesse que não era engraçado — não era nada engraçado. — Ela me disse exatamente o que eu queria ouvir. — Ela arriscou um olhar para Hale, e esperou ele concordar antes dela continuar. — Então nós fizemos o que nenhuma equipe jamais fez antes. Nós roubamos a Esmeralda de Cleópatra.

No silêncio da sala, apenas o ruído agudo e o estalo do fogo fizeram som. Ela não estava esperando que Charlie lhe dissesse que estava tudo bem. Ela não esperava conforto. Apenas a verdade.

— Eu fui enganada — Kat admitiu. — E por um longo tempo eu não podia ver o porquê. Por que correr o risco de irritar o tio Eddie, meu pai e um monte de pessoas que são realmente boas em vingança? Por que me usar quando há uma meia dúzia de equipes que são tão boas?

— Eu não conheço ela — ele disse novamente.

— Sim, você conhece, Charlie — Kat disse para ele. — Porque a única maneira da Cleópatra se passar pelo Marco Antônio é se ninguém souber que a Cleópatra está desaparecida. A única maneira dela executar o golpe e funcionar, é se você tiver uma Cleópatra *falsa*. E a única pessoa que pode falsificar a Cleópatra é você.

— Eu não conheço ela, Katarina.

— Sim. — Kat enfiou a mão no bolso e encontrou a segunda foto — aquela com vestidos de gala e smokings, e realmente

grandes penteados, e uma esmeralda no centro da feira. — Você conhece.

As mãos de Charlie não se abalaram quando ele pegou. Ele ficou ao lado da lareira por um longo tempo, olhando para baixo. — Ela ficou velha — ele disse em voz baixa, em seguida, em um flash, a foto estava no fogo, dissolvendo nas chamas. — Mas eu acho que ela não é a única.

Não pela primeira vez, Kat se perguntou o que tinha acontecido com Charlie, o que o fez ficar no topo da montanha, preso dentro da neve e do vento, escondido de sua família e de seu mundo. Kat se permitiu imaginar se o tio Eddie estava certo — se *ela* ainda estava fugindo — e talvez com o destino de ter sua própria montanha um dia.

— O que aconteceu em 67, tio Charlie?

— Trabalhos terminam mal, Kat. Você sabe disso. — Ele tentou se afastar, mas Kat pegou a mão dele, segurando com força.

— Mal o suficiente para assustar o tio Eddie? Para fazer vocês dois se separarem? — Ela agarrou seus dedos, olhou em seus olhos. — O que aconteceu em 67?

Charlie tentou se afastar. — Pergunte ao seu tio.

— Eu *estou* perguntando — ela rebateu. — Quem quer que seja Maggie, ela usou o nome Romani. Ela me usou. E usou você. Ela nos usou — Kat disse, implorando, mas Charlie apenas riu.

Seus olhos estavam escuros, sem alegria, quando ele sussurrou — Não é a primeira vez.

Kat observou seu tio alcançar uma cadeira junto à lareira e tomar uma respiração profunda. Ele parecia anos mais velho quando ele disse: — Em 1959, dois irmãos deixaram a Romênia e saíram por aí por conta própria. Eles percorreram toda a Europa Oriental e os Países Bálticos... Londres por um tempo. E ao longo do caminho, eles conheceram uma garota...

Kat tomou seu lugar em um banquinho, sentiu o calor do fogo queimando na parte de trás de suas pernas, descongelando ela de dentro para fora. Era quase como estar na cozinha do tio Eddie, ali sentada, escutando, aprendendo, tentando entender mais sobre seu mundo.



— Ela nos mudou, Katarina. Você não teria reconhecido Eddie... ou eu — Charlie acrescentou com uma risada. — Nós estávamos... embriagados... dela. Ela era exatamente o tipo de mulher que era difícil não amar. Inteligente. Sem Medo. Eu nunca disse a ninguém como eu me sentia, mas Eddie jurou que ia se casar com ela. Ele até comprou o anel. Tudo o que ele estava esperando era um grande resultado para provar a si mesmo para ela. *O grande resultado.*

— Como a Esmeralda de Cleópatra — Hale disse.

Charlie concordou. — Exatamente. O mundo inteiro estava apaixonado por aquela pedra. Todos disseram que era amaldiçoada, é claro, mas verdade seja dita, apenas fez a gente querer mais. Todas as melhores equipes tinham tentado... e falharam. Mas nós três... nós não ouvimos. Nós apenas assistimos e planejamos. E esperamos.

— Até a Feira Mundial? — Hale adivinhou. Charlie concordou.

— Nunca tinha sido mostrada em público antes, então eu fui trabalhar na falsa. Eddie se infiltrou. E ela... — Ele parou. — Bem, ela brincou com todos.

— O que aconteceu? — Kat disse.

— Eddie planejou para que eu pudesse fazer a troca e obter a verdadeira pedra, mas ela disse que eu deveria dar a ela ao invés, e ela pegaria a pedra para Eddie e diria a ele... diria a ele que eu e ela estávamos apaixonados. Ela disse que iríamos deixar ele com a pedra para suavizar o golpe. E então ela e eu estaríamos livres para ficarmos juntos. — Charlie olhou para o fogo. — Você está certa, Katarina. Ela é boa.

— Então, você mudou o plano — Kat disse, finalmente começando a entender. — Foi aí que o trabalho acabou mal?

— Honestamente? — Charlie arqueou uma sobrancelha. — Não. Ela tinha pensado em tudo. Teria funcionado, mas um guarda estragou tudo... uma coisa ao acaso. Ele deixou uma janela aberta e um pássaro voou para dentro, desencadeou todos os sensores... trouxe um exército até nós. Eddie e eu quase não conseguimos sair vivos. Foi quando soubemos que ela tinha planejado pegar a pedra e fugir de nós dois. Irmãos. Ela estava disposta a ficar entre irmãos.

— Charlie suspirou. — E nós deixamos ela. Então não se sinta mal, Katarina. No que diz respeito a ser feito de alvo, você está em excelente companhia.

Hale estava se movendo para frente, inclinando-se. — Em três dias ela vai vender a Cleópatra... passando como o Marco Antônio.

— É claro que ela vai. — Charlie estendeu a mão para atizar o fogo, faíscas e brasas queimaram. — Esse era o plano original.

— Mas nós podemos pegá-la volta — Kat se ouviu confidenciando.

— Isso não vai dar certo. — Charlie balançou a cabeça do jeito de alguém que viveu, aprendeu e está satisfeito para nunca mais cometer os mesmos erros novamente.

— *Vai dar certo* — Kat disse. — Vai dar certo se você estiver com a gente.

— Eu não posso fazer uma outra pedra como aquela. Não em três dias. — Ele passou a mão manchada de verniz em seu rosto sujo. — Nem nunca mais.

Kat balançou a cabeça. — Eu não preciso de uma pedra, Charlie. Eu preciso de um golpe.

— Não. Não — ele disse, e seu olhar voou para a porta, como se houvesse algo escondido lá fora, batendo contra a lateral da casa como a neve e o vento, lutando para entrar.

— Sim, Charlie. — Ela pegou a mão dele. — Eu tenho tentado a dias pensar em alguém que ela não conhece... alguém que podemos confiar para trabalhar de dentro. Mas então eu percebi que alguém que ela conhece é a pessoa *perfeita*.

— Eddie. Você quer Eddie.

Ela teria dado qualquer coisa para dizer que ele estava errado, mas Eddie era o mestre, o melhor. Ele também estava do outro lado do mundo e do outro lado de uma linha que dizia que ninguém roubaria a Esmeralda de Cleópatra, então Kat balançou a cabeça e olhou para a próxima melhor coisa.

— O tio Eddie não pode... Não, o tio Eddie *não vai* me ajudar, Charlie. Não dessa vez. Dessa vez eu preciso de você.

— Eu a amava, Katarina. — Decepção infiltrou em seus olhos. Pareceu que ele levou um momento para perceber o que ele tinha

dito. — E ele também.

Quando Charlie se afastou, as melhores mãos desse ramo tremiam. Seu lábio estremeceu. E Kat se odiava por trazer essa escuridão à sua porta.

— Desculpe, Charlie. — Ela hesitou por um momento, mas depois se inclinou e beijou sua cabeça. Ela começou a ir para a porta. — Eu não vou incomodá-lo mais.

— Margaret Gray.

Kat parou e virou. Ela assistiu ele correr a mão pelo cabelo em um gesto que ela tinha visto seu irmão fazer mil vezes.

— O nome dela é Margaret Gray — ele disse lentamente. — E eu nunca mais quero vê-la novamente.

## Capítulo 30

*Traduzido por Polly*

Era quase anoitecer quando o pequeno barco a motor conseguiu voltar para o *W. W. Hale*. Isso dizia muito sobre o atual estado mental de Kat, que realmente não queria engatinhar a bordo do mais seguro e maior navio.

— Talvez eu poderia apenas ficar sentado aqui por... uma ou duas semanas — ela disse para Hale.

— Não dessa vez — ele disse, agarrando a mão dela e puxando-a a bordo.

Marcus ficou a três metros de distância, com sua postura perfeitamente em linha reta, uma bandeja de chá e bolinhos em suas mãos.

Simon tinha coberto enormes janelas do navio com números e fórmulas, e ele apontou entre eles e Gabrielle. Normalmente, isso teria sido uma fonte de muita preocupação, exceto que Gabrielle estava usando salto alto, um cinto de rapel e argumentando.

— Kat! — Simon levantou as mãos em desgosto e caminhou em direção a ela. — Você vai dizer a sua prima o tipo de dano que uma queda de mais de trinta metros pode fazer?

No convés acima, os Bagshaw estavam gritando alguma coisa sobre sistemas de fiação velha e geradores reserva, nem se preocupando em tirar os fones de proteção, então eles simplesmente gritaram mais alto.

— Por que você não pergunta para Kat? — Hamish gritou.

— Sim — seu irmão rebateu. — Seja assim e eu vou perguntar a Kat!

— Pessoal — Gabrielle disse, mas a palavra se perdeu em meio a fumaça e os fones de ouvido. — Pessoal! — ela tentou novamente. — Kat está aqui!

Hamish estava alheio quando ele se virou e apontou. — Ei, Kat está aqui.

Foi apenas Nick que olhou de Kat para a forma que Hale se inclinou contra o corrimão com os braços cruzados. Poderia ter sido uma cara perfeitamente adequada de pôquer em qualquer outro lugar no mundo, mas não era boa o suficiente para Monte Carlo.

Então Nick aproximou-se de Kat e perguntou: — Onde você estava?

— Áustria — Hale respondeu, mas Nick agiu como se ele não tivesse escutado ele falar.

— Você voa no meio da noite, deixando nada além de uma lista de compras e um *Eu volto logo*. Então, onde você estava? — Nick

queria saber.

— Áustria — Kat disse, como se a resposta de Hale deveria ter sido boa o suficiente.

— Você sabe como fazer isso, não é, Kitty? — Hamish estava praticamente sem fôlego de sua corrida descendo as escadas quando ele se precipitou no convés à sua frente.

— Então, o que vai ser? — Angus perguntou, aparecendo ao lado de seu irmão e esfregando as mãos. Na penumbra, seus olhos pareciam brilhar. — João e Maria?

— Não pode ser — Hamish disse a ele. — Nós só temos um lançador de granada.

— Certo. — Angus assentiu como se Hamish tivesse um excelente ponto.

— Não é isso, gente — Hale disse com um movimento rápido de sua cabeça.

Mas Nick estava chegando mais perto de Kat. As palavras, ela poderia dizer, foram destinadas apenas para ela. — O que tinha na Áustria?

Kat não sentia mais o embalar e o balanço do navio, mas ela estava longe de estar estável em seus pés quando ela lhe disse: — Nossa estratégia de saída. — Ela passou por eles. — Ele disse não.

Ela esperava que seria o fim de tudo, mas então ela viu a forma como o convés estava forrado com cordas e cabos, um boá de penas, dois vestidos de baile, três smokings, uma caixa com uma etiqueta francesa citando que os conteúdos eram extremamente explosivos e, pelo menos, seis dúzias de rosas com a haste longa (o que Kat ainda tinha que decidir se eles deveriam ou não tentar usar).

— Kat — Simon falou baixinho, — o que aconteceu?

Kat olhou para os rostos que olhavam para ela, abertos, cansados e confusos, e ela sabia que era tarde demais. Para tudo.

— Eu pensei que eu tinha um jeito, gente. Eu realmente pensei. Mas o tio Eddie estava certo... ninguém rouba a Esmeralda de Cleópatra. Me desculpem por eu ter enganado todos vocês a pensar que poderíamos fazer isso duas vezes.

Cada vigarista decente sabe que a verdade simples é mais poderosa do que até mesmo a mentira mais elaborada. Kat viu isso nesse momento. Quebrou contra todos eles como as ondas.

— Então, nós temos um outro plano — Gabrielle disse.

— E quanto ao banco? — Simon perguntou. — Nós temos os Bagshaw...

— Mesmo que nós apreciemos o voto de confiança, meu garoto — Hamish disse com um tapa nas costas de Simon, — é um cofre a dez metros abaixo do imóvel real mais caro do mundo.

— Então não? — Simon disse.

Hamish balançou a cabeça. — Não.

— Será que ela conhece o Vento nos Salgueiros? — Gabrielle perguntou.

Angus olhou para o irmão. — Eu tenho certeza que ela *era* o Salgueiro original.

— Em trânsito? — Hale perguntou.

— Sim... hum... não. — Simon balançou a cabeça como se até mesmo o pensamento o assustava. — LaFont estava no celular a maior parte do dia organizando o transporte.

— Carro blindado? — Hale adivinhou.

— Para começar — Simon disse. — Parece que os Guardas do Palácio também vão escoltar o caminhão. E fala-se de talvez haver um desfile.

Hale girou de volta para Kat. — Como você se sente sobre desfiles? — ele perguntou.

— Odeio eles.

— Você podia andar na parte de trás de um conversível — ele brincou.

— Não, obrigada.

— E se eu arranjar uma faixa? Gabrielle poderia ensinar você a acenar, não poderia, Gabs? — Mas Gabrielle estava muito ocupada mudando o bloco de gelo que agora era uma característica permanente em alguma parte de seu corpo para perceber.

— Ana Bolena? — Hamish sugeriu.

— Não! — Hale e Kat gritaram em uníssono.

— Oscar o Ranzinza? — Gabrielle sugeriu.

— Será que LaFont parece para você como o tipo de cara que tira o seu próprio lixo? — Angus atirou de volta, depois deu de ombros. — Além disso, ele não está nisso. O melhor que posso dizer, é que ele está sendo enganado como todo mundo.

Demorou um segundo para que esse conhecimento se arrastasse sobre todos eles, mas, em seguida, Gabrielle deu um salto, dizendo: — Ooh! Eu já sei!

Kat a cortou com um aceno. — O Palácio do Príncipe é uma fortaleza, Gabrielle.

— Eu sei — Gabrielle disse. — Mas palácios são divertidos.

— Esse não. Tem uma cerca de seis metros e trinta guardas fazendo rondas. E eles estão armados.

Mesmo na penumbra, Kat podia ver Gabrielle começando a fazer beicinho. — O que não seria um problema se você me deixasse escalar os penhascos.

— Espera. — Hamish veio para frente. — Por que temos que fazer esta semana? Nós vamos deixar a velha Maggie vender, entendeu? Então quando estiver são e salvo em seu novo lar...

— Não há nenhuma maneira de saber para onde vai — Hale disse. — Poderia acabar em uma organização.

— Na coleção privada de algum senhor da guerra ou comerciante de armas — era o palpito de Gabrielle.

Simon balançou a cabeça em frustração. — Existem muitas variáveis para levar em conta para...

— Eles podem não ser bandidos. — Assim que Kat deixou escapar as palavras, ela viu cinco pares de olhos se voltarem para ela, olhando para ela como se ela fosse louca. Apenas Nick parecia entender.

— Nem todo mundo é malvado — ele disse para eles. — Vamos esperar e fazer este trabalho mais tarde, e *nós* poderíamos ser os malvados.

— Esta é a nossa chance. Agora. — Kat deu um passo para trás e andou de um lado ao outro. — Nós temos amanhã de manhã...

Hale balançou a cabeça. — Sem tempo. Sem acesso.

— O leilão no palácio?

— Não é bom — Simon disse. — *Se* conseguirmos ir por cima das paredes — ele deu um olhar atencioso para Gabrielle, — não tem saída.

— Tudo bem. — Kat respirou fundo. — Isso nos deixa com...

— O cassino — Hale disse sem rodeios.

— Você deveria dizer a alguém, Kat. — A voz de Nick estava fria, mas os seus olhos estavam quentes. — Minha mãe...

— Se você quer ir para casa e para a mamãe, ali está a porta. — Hale apontou para o lado do navio para a água azul e o longo mergulho, mas Nick ignorou ele.

Ele olhou para Kat e perguntou — Quantas câmeras tem no cassino?

— Sessenta e duas — ela disse, sem hesitar.

— Quantas entradas? — Nick continuou.

— Cinco públicas, três privadas e quatro não-oficiais.

— Saídas?

— Dez.

— A duração média para a rua?

— Dois minutos e meio.

— Guardas?

— Pelo menos vinte no térreo. Quatro na esmeralda.

— Não. — Nick estava balançando a cabeça. — Nem mesmo você pode roubar um cassino, Kat.

— Nós não estamos roubando um casino, novato. — Hale empurrou Nick de lado.

— Nós estamos roubando *em* um cassino — Gabrielle disse com um sorriso de satisfação. — Há uma grande diferença.

— Pessoal — Kat retrucou, precisando que todos pudessem parar e pensar. — Vocês não estão ouvindo. Podemos *pegar* a pedra no cassino. Mas não podemos *tirá-la* de lá. Não sem um homem infiltrado.

— Eu pensei que esse era o meu trabalho — Nick disse.

Hale zombou. — Precisamos de alguém lá dentro que possamos *confiar*.

— Sim — Nick concordou, — porque eu vim de tão longe por vingança.



Mas Kat já estava balançando a cabeça. — Precisamos de alguém que *ela* vá confiar.

— Eu posso fazê-la confiar em *mim* — Nick rebateu.

Kat pensou em Maggie — uma mulher que tinha estado no circuito e por conta própria durante quase meio século. — Eu acho que ela não confia em ninguém a um longo tempo.

— Mas você disse... — Nick começou.

— Eu sinto muito, Nick. Mas você foi o *menino* infiltrado. — O sorriso de Gabrielle suavizou o golpe. — Eu acho que o que Kat está dizendo é que precisamos de um *homem* infiltrado. — Ela se virou para sua prima. — Ou pelo menos eu acho que é o que ela está dizendo, já que ela nem mesmo nos disse seu plano.

— Não é o meu plano, Gabrielle — Kat disse. — Ou não é mais, uma vez que não irá funcionar com quem nós temos.

Gabrielle cruzou os braços. — Não vamos decidir isso.

Kat sentiu todo mundo olhando para ela, encarando, na verdade. Ela sentiu suas opções diminuindo para uma: dizer tudo a eles.

— Simon — ela disse, arregaçando as mangas, — nós vamos precisar daquelas plantas do cassino...

**2 DIAS ANTES  
DO LEILÃO**

*NO W. W. HALE*

# Capítulo 31

*Traduzido por Polly*

Kat não queria dormir demais — ela realmente não queria. Mas ela também não ajustou um alarme ou deu uma hora para Marcus acordá-la. Ela não se preocupou em abrir as persianas para que o sol raiasse através da sua cama, e mesmo quando Gabrielle saiu na manhã seguinte, Kat não se mexeu. Quando ouviu os Bagshaw jogando bolas de golfe para o mar, ela não silenciou eles. Tudo o que ela conseguiu fazer foi se virar de um lado para o outro, um pensamento batendo contra seu subconsciente repetidamente como uma onda.

*Você não pode enganar uma pessoa honesta.*

*Então como é que Maggie me enganou?*

— Levante-se!

— Hale — Kat disse e rolou para longe. Ela ouviu ele abrir as cortinas, e viu uma luz brilhante inundando o quarto. — Estou dormindo! — ela gritou, e puxou as cobertas sobre a cabeça.

— Vista-se. — Ele puxou os cobertores da cama. Kat sentiu seu curto cabelo em pé arrepiado, mas Hale não fez piadas, não brincou. Ele apenas vasculhou o chão procurando roupas.

— Toma — ele disse, lançando uma meia velha e uma camiseta suja em sua direção.

— Hale, eu não estou... ai! — ela disse, e esfregou o local onde um sapato ricocheteou em seu ombro e bateu na lateral da sua cabeça. Mas Hale não tinha percebido, porque no próximo segundo uma minissaia de couro estava voando em direção a ela. — Isso é de Gabrielle — ela disse para ele.

— Eu não me importo — ele disse, e foi para a porta. — Você tem dez minutos.

— Não, Hale. Eu não posso... *pensar*... mais. — Sem perceber, Kat tinha caído de joelhos. Além das janelas, o Mediterrâneo se estendia até onde os olhos podiam ver, mas Kat se sentia presa ali. — Eu costumava ser capaz de ver as coisas. Mas agora... Eu não sei como fazer isso, Hale. Eu não sei. Eu não posso deixar ninguém ser pego, ou se machucar ou...

— Eu não sei como fazer isso — ela repetiu lentamente.

— Você disse que nós precisamos de uma estratégia de saída, certo?

— Certo — ela disse para ele.

— Então, nós vamos encontrar uma estratégia de saída. — Ele parou na porta. — Agora você tem nove minutos.



Katarina Bishop não era uma garota que gostava de apostar. Então, caminhando para o cassino naquela tarde, Kat não observou as mesas. Ela não virou para os caça-níqueis. E Kat não podia afastar a sensação de que as chances eram muito longas, as apostas muito altas e que sua sorte quase certamente necessitaria ser contida.

Ela continuou perto do corrimão, com vista para a sala que parecia completamente diferente à luz do dia. Os turistas tinham

descido de navios de cruzeiro e agora lotavam em torno das mesas em seus chinelos de dedo e camisas florais. Trabalhadores corriam com escadas e cintos de ferramentas, preparando o palco para o próximo baile, todos eles com a intenção de transformar o cassino em uma fortaleza.

Bem, quase todos eles.

— Como está indo, Simon? — Kat perguntou, olhando através do andar do cassino para um operário que usava óculos falsos e uma barba igualmente falsa e parecia se importar mais sobre blackjack do que a tarefa à mão.

— Esse cara está dividindo dezenas — ele disse, e Kat se perguntou se ele estava realmente falando com ela, afinal. Ela duvidava.

— Simon! — Hale retrucou, se juntando a Kat no corrimão. — Eu pensei que você não contava as cartas.

— Contar não é jogar — ele corrigiu, e continuou em seu trabalho, deixando Kat se voltar para o rapaz ao seu lado.

— Ei — ela disse para ele.

— Ei, você — Hale disse, olhando sobre a enorme sala. — Então, a gangue está toda aqui?

— Hamish? — Kat falou através de seus comunicadores. — Angus? Prontos?

— Apenas esperando o sinal verde de Nicky, amor — a resposta veio de Angus.

— Nick? — Kat perguntou, mas não olhou ao redor da sala.

— Estou no salão de cabeleireiro — Nick disse. — Maggie acabou de entrar, assim você está limpa, Kat. Oh, e Angus, não me chame de amor. Ou de Nicky.

— Gabrielle? — Kat perguntou, e voltou a olhar pela sala. Ela não podia ver sua prima, mas ela a ouviu: — Preparada quando você estiver— claro como o dia. Isso deixou apenas uma pergunta.

— Você tem certeza que quer fazer isso, Hale?

Ele se virou para ela e piscou lentamente. — Apenas tente nos parar.

— Ok. — Kat respirou fundo e olhou por cima do corrimão. O cassino mais famoso e luxuoso do mundo estava à sua frente, se

preparando para a festa do século, mas tudo o que Kat podia fazer era dar de ombros. E rir. E dizer para Hamish: — Deixe eles voarem.



Ninguém tinha certeza de como isso aconteceu. Mais tarde, as pessoas ouviram o boato de que quinhentos pombos brancos tinham desaparecido de um casamento na praia, mas ninguém nunca soube como os pássaros tinham conseguido sair de suas jaulas no litoral rochoso e entrar em um dos cassinos mais exclusivos do mundo.

A primeira coisa que alguém notou foi o ruído, uma batida rítmica que poderia ter se perdido sob o giro das roletas e os gritos dos turistas se não tivesse ficado cada vez mais alto, cada vez mais perto. E quando a primeira das aves invadiu o andar principal do cassino, era como o rugido de uma inundação.

Houve choros e gritos em uma dúzia de idiomas. Mulheres se arrastaram sob mesas de blackjack. Homens se lançaram para proteger suas fichas. Trabalhadores apareceram com vassouras e esfregões como se para espantar os animais para as portas, mas pássaros — como qualquer ladrão sabe — sempre preferem encontrar seu próprio caminho para fora.

Os pombos continuaram chegando, enchendo o cassino, aterrissando entre as cartas e fichas — acima de tudo — circulando pelo ar, como fumaça em espiral procurando a saída mais próxima.

*Saídas.*

Caos se espalhou através da multidão, mas Kat ficou perfeitamente imóvel, a cena em foco como as plantas na sua mente.

Ela viu os guardas e as câmeras, as claraboias e os dutos de aquecimento, as entradas de serviço e as pequenas fendas nas defesas do cassino, quase invisível a olho nu — tudo isso enquanto quinhentos pássaros enchia o ar, procurando uma saída, e Kat deixou eles.

— Hum... pessoal... — Nick souu preocupado, mas Kat não estava realmente em condições de responder.

— Estamos meio que *ocupados* agora — Gabrielle disse para ele. No centro da sala, o banner anunciando o Baile de Marco Antônio estava sendo bombardeado por pombas, e balançou, literalmente, por um fio.

— Bem, você está prestes a ficar mais ocupada porque Maggie está indo em sua direção. — Nick gritou. — E ela não está sozinha. Parece que ela está adicionou um novo cara ao seu bando.

Kat ouviu tudo isso, é claro, mas a utilização de quinhentas pombas para identificar as brechas (literalmente e diferentemente) na defesa de um cassino não é algo que pode ser feito, então Kat manteve os olhos na sala, inabalável. Inflexível. Era o seu foco que a tornava letal — como um laser, tio Felix muitas vezes brincava. Era esse foco que a tornava estúpida, tio Eddie uma vez avisou.

E, como a maioria das coisas, Kat acabaria por vir perceber que o tio Eddie estava exatamente certo.

Ela ouviu Hale gritar: — Quem?

— Eu não sei — Nick disse para ele. — Eu nunca o vi antes. Bem vestido. Com bengala. Meio da realeza e... velho.

— Ha! — Apesar do caos, Kat ouviu Hamish rir. — Se eu não soubesse melhor, Nicky, meu garoto, eu poderia jurar que você estava descrevendo...

— O tio Eddie — Kat sussurrou. Ela ficou imóvel no topo das escadas, olhando para o pequeno grupo de pessoas que estavam na parte inferior, a única calma no caos, olhando para ela. — Ele está aqui.

\* \* \*

— Qual o significado disso? — Pierre LaFont gritou para um funcionário do cassino, então, virou para Maggie. — Madame, eu lhe dou minha palavra mais sincera que isso não irá se impor no Baile de Marco Antônio de forma alguma.

— Oh — Maggie disse devagar, ainda olhando para a menina no topo das escadas. — Espero que não.

Kat sabia mesmo sem olhar que Simon estava envolto nas sombras de um grande vaso de plantas. Hale estava em algum lugar lá no fundo da sala. Gabrielle se foi. Os Bagshaw estavam com ela. E Nick não tinha nenhuma razão para se esconder no cassino, mas nada disso realmente importava.

Maggie olhou para as aves e a destruição e depois de volta para Kat, e Kat sabia que eles foram pegos — não havia nenhum lugar para correr. Ela começou a descer as escadas, passando por cima de excrementos e penas. Ela não olhou para seu tio, mas em vez disso manteve os olhos grudados sobre a mulher ao seu lado.

— Olá, Maggie.

Não havia nada mais para fazer, mas Maggie virou para o homem ao seu lado e disse: — Monsieur LaFont, certamente você se lembra da minha sobrinha?

O negociante de arte assentiu. — É claro. — Ele alcançou a mão dela para dar um beijo. — Mademoiselle, eu sinto muito por esse terrível... *fiasco*.

— Incidente estranho, eu acho — Kat disse para ele.

Maggie sorriu. — De fato.

— E, querida... — Maggie virou para Kat como se não houvesse outra apresentação a ser feita, mas antes que ela pudesse dizer outra palavra, o tio de Kat colocou o braço em volta dos ombros de Kat.

— Olá de novo, Katarina. — Ele a apertou com força e virou ela do grupo. — Temos muito o que conversar. Permita-me levá-la para casa.



Kat não sabia o quão bom o ar fresco pareceria até que ela o respirou. Lá fora, um vento frio soprava do Mediterrâneo. Pombos se empoleiravam nas árvores e deixaram uma bagunça nos para-brisas de carros de quatro milhões de dólares, mas nada disso



realmente importava para Kat Bishop. Ela estava muito focada na mão que segurava sua cintura, na voz severa que falava baixo e em russo, xingando tempo, maldições e destino.

— Eddie!

Quando ela ouviu o grito, ela parou e se virou para ver Simon e os Bagshaw estourando através das portas.

— Não é culpa dela! — Angus gritou.

— Se você vai culpar ela, nos culpe — Hamish adicionou.

Mas Kat... Kat ficou olhando para o homem na frente dela, passando de seu casaco escuro e cavanhaque aparado para seus olhos, boca e mãos.

— Você tem...

— Garotos — Kat disse, cortando Simon. — Eu acho que é hora de conhecerem nosso tio Charlie.

# Capítulo 32

*Traduzido por Polly*

Naquela tarde, enquanto o *W. W. Hale* flutuava em algum lugar ao longo da costa de Mônaco, havia uma sensação no convés, algo que se misturava com o sol e a brisa do mar. Kat respirou fundo e olhou através da água. Ela quase não se atreveu a chamar isso de esperança.

— E esse é o plano — ela ouviu Hale dizer ao homem que estava sentado em frente a ela, em silêncio e imóvel. — Então o que você acha, Charlie? Será que isso soa como algo que você pode fazer?

Essa era a pergunta, realmente, e toda a equipe ficou esperando enquanto o homem mais velho se virava e olhava para longe. Parecia que ele queria saber o que havia ali e quanto de avanço ele poderia ter.

— Charlie? — Gabrielle perguntou, e sua cabeça estalou de volta. — Como isso soa?

— Bem. — Ele esfregou as mãos sobre os topos das suas coxas, aquecendo elas. — Bem. Bem. Já faz muito tempo, isso é tudo.

— Você será excelente — Hale disse confiante, do jeito fácil com que todos os grandes homens nasceram.

Charlie deve ter ouvido isso também, porque ele levantou as sobrancelhas e disse: — Não engane um enganador.

Hale riu. — Ponto aceito. — Sua voz era suave, gentil e paciente. — Você não vai ter muito tempo para fazer o seu trabalho. Mas isso não é um problema para você. Você pode fazer isso. E quando você fizer o seu trabalho...

— Nós podemos fazer o nosso trabalho e ainda sair de lá vivos  
— Gabrielle terminou.

— Você parece com...

— Hamish! — Kat avisou, parando ele antes dele cutucar o velho no lado como se para ver se ele era real. — Talvez devêssemos dar ao tio Charlie algum *espaço* — ela avisou, observando a forma como o seu tio se inclinou no corrimão, preferindo a companhia do mar e uma centena quilômetros de água vazia.

Os Bagshaw concordaram lentamente. — Desculpa. É só que... é uma honra conhecê-lo finalmente — Angus disse.

— É — Simon concordou.

Kat sabia por que eles estavam encarando. Era difícil, para dizer a verdade. Charlie era parte lenda, parte fantasma, e sentado lá no sol quente com o seu cabelo cortado e seu rosto barbeado, ele parecia a um longo, longo caminho de sua montanha fria.

Não, Kat pensou. Ele parecia com o tio Eddie.

— Você tem o verniz — Kat disse.

— O quê? — ele perguntou, sacudindo a cabeça, como se, por um segundo, ele escapou mentalmente de volta para a segurança de sua cabana.

— Suas mãos... você tem que limpar elas. — Kat estendeu a mão para segurar uma, mas Charlie se afastou, colocou a mão no bolso, e sussurrou: — Eu espero que vocês crianças saibam o que estão fazendo.

— Não se preocupe, Charlie, meu garoto. — Hamish deu um tapinha desconfortável nas costas do velho. — Talvez você não tenha ouvido falar, mas há alguns meses a velha Kitty aqui montou uma equipe que...

— Isso não é uma pintura! — o homem retrucou, e apontou para o litoral distante. — E isso não é um museu! — Seus olhos estavam tão escuros e as palavras tão afiadas, que por um segundo, Kat podia jurar que ela estava olhando para o tio Eddie. Então as mãos começaram a tremer. A voz falhou. — E ela não é um alvo.

— Eu sei — Kat disse, mas seu tio continuou.

— A Esmeralda de Cleópatra é...

— Amaldiçoada... nós sabemos — Gabrielle disse, tocando o machucado em sua canela.

— Não. — Seu tio balançou a cabeça. — Não é amaldiçoada. Só torna as pessoas *estúpidas*.

Era isso, Kat percebeu. Toda a culpa e a vergonha se resumia a isso. Ela foi estúpida. E isso era algo que alguém em sua linha de negócios nunca poderia se dar ao luxo de ser.

— Me perdoe, Katarina. — Charlie passou a mão sobre o rosto, como se sentindo falta da barba — do homem — que ele tinha deixado para trás na neve. — É apenas mais difícil do que eu pensava assistir a história se repetir.

— Não vai ser como da última vez, Charlie — Hale disse para ele. — Maggie, ou Margaret ou tanto faz qual é o nome dela... estamos à frente dela neste momento.

— Ninguém nunca esteve à frente dela — ele disse ao mar.

— Eu sei — Kat disse a ele. — Mas com a sua ajuda, nós estaremos. Agora que temos você, nós podemos...

Charlie se levantou, cortando ela. — Não deixem que dois homens se apaixonem por vocês, meninas. Não é o tipo de coisa que acaba bem.

Ele caminhou em direção a Marcus, o pequeno barco e o litoral. E tudo que Kat podia fazer era ficar sentada lá, sua fé e esperança montando nos ombros dele, e deixar ele ir.



Mesmo depois que Charlie foi embora, o fantasma do homem ainda caminhava entre eles. Uma sombra no chão. O vento através do convés. A noite chegou e trouxe com ela a promessa de um novo dia, mas ninguém dormiu. Kat caminhou pelos corredores, mas parou quando ela viu o jogo de luz através da soleira de uma porta parcialmente aberta. Ela se arrastou em direção a ela, olhou para dentro para Nick, que estava sentado ocupando uma cadeira de vime, segurando um baralho de cartas.

Ela conhecia o truque, ela mesma tinha feito isso um milhão de vezes, e ainda assim ela ficou quieta, observando quando ele puxou a rainha de espadas do baralho com a mão direita, segurou com ternura na palma da mão, e tocou uma vez com a sua esquerda. A carta estava lá, o gesto disse. Suas mãos um lampejo, um borrão. A carta se foi.

— Está pronto?

Para seu crédito, Nick não saltou ao som de sua voz. — Eu ficarei. — Ele olhou para ela, então, e como que do nada, ele mostrou a carta novamente. — Você?

— Como eu nunca vou estar.

Kat ainda não gostava da água, mas a solidão do mar era algo que ela poderia se acostumar. Ela deu um passo para o convés, sentiu quando Nick a seguiu, e saboreou o som do nada que os rodeava. O iate flutuava, com o motor silencioso. A equipe estava dormindo. Mesmo as ondas pareciam estar tirando a noite de folga, descansando. Guardando a sua força para o longo dia que estava por vir.

— Então, você vai me dizer como isso aconteceu? — Nick perguntou. — Exatamente como foi que Katarina Bishop foi enganada a roubar a Esmeralda de Cleópatra?

— Isso depende — Kat respondeu. — Você vai me dizer por que você realmente me seguiu até aqui?

Ele sorriu. — Você primeiro.

Kat respirou fundo e olhou para a lua. Ela parecia maior do que deveria ser, mais perto. Era o tipo de noite em que tudo era quase possível, então ela respirou fundo e disse: — Maggie, ou Constance ou Margaret... seja qual for o nome dela... ela disse que Romani a enviou. Ela disse que era dela por direito e...

— Você acreditou nela — Nick disse, preenchendo o restante. Ele deu um longo suspiro. — Você não tem que corrigir todos os erros do mundo, sabia. Eu posso colocar você em contato com pessoas que fazem isso para ganhar a vida...

— De alguma forma eu acho que a Interpol não seria enganada por minha identidade falsa. — Kat pensou em sua viagem ao

escritório de campo em Paris no ano passado, depois acrescentou:  
— *Novamente.*

— Você não tem que fazer isso, Kat.

— Eu tenho ouvido isso muito ultimamente.

— Ele tem razão.

— Eu não disse *quem* disse isso — ela rebateu.

— Você não tem exatamente que dizer. — Ele olhou para a água. — Vocês dois são bons juntos.

— Nós não estamos juntos — Kat disse automaticamente.

— Claro que vocês estão. Vocês só não sabem disso ainda. — Ele se inclinou contra o corrimão. — E eu sou apenas o cara que realmente poderia usar uma amiga. Então, você pode me dizer... *Por que você fez isso?*

Ela olhou para ele, seu rosto iluminado apenas pela lua, e Kat percebeu que ela não podia mentir, não podia enganar. Parecia bom de alguma forma, finalmente dizer: — Porque eu podia.

Quando Nick se afastou, suas mãos se moveram novamente com o mesmo propósito firme, folheando as cartas, seus dedos como o relâmpago que cintilou à distância, golpeando alguma praia.

— Sua vez — ela disse para ele. — Eu pensei que você queria ser um dos mocinhos.

Seus dedos pararam; as cartas ficaram quietas. — Sim, bem, ser um acessório para o roubo de arte do século tem uma tendência a mudar isso... mesmo que sua mãe possa evitar que você seja formalmente acusado de algo.

— Então, a mudança para a sede... — Kat começou.

— Não é exatamente uma promoção — ele disse a ela. — Agora ela está presa lá até que ela possa conseguir uma grande captura e impulsionar a sua carreira novamente. E eu estou preso sendo a Criança Decepcionante do Ano até... bem... quem sabe quanto tempo. — Ele chutou o convés, espalmou as cartas e vice-versa. — Então eu vim aqui. Eu percebi que se eu iria levar a culpa, eu poderia muito bem começar a ter um pouco de diversão.

— Isso não é diversão — Kat disse a ele.

Ele olhou em volta para o iate e as estrelas. — Sim. Obviamente, isso é uma tortura.

— Não, Nick. É perigoso, louco e as pessoas se machucam. Eu faço as pessoas se machucarem.

— Você mudou, Kat — Nick disse para ela, e Kat começou a protestar, mas soube, de alguma forma, segurar suas palavras. Nick sentou em uma das espreguiçadeiras, seus olhos ainda olhando para as cartas. — Eu sabia no segundo que eu vi você em Lião, correndo através do porão como...

— *Você o viu em Lião?*

Kat queria pensar que o relâmpago tinha vindo — que a tempestade estava perto — mas não foi o estrondo de um trovão. Ela sabia, mesmo antes dela virar e ver Hale enquadrado à luz da porta.

— Me responda, Kat. Você o viu em Lião?

— Sim. Por apenas um segundo. Foi...

— Por que você não me contou? — Hale se moveu em direção a ela, e ela estava feliz por estar escuro.

— Tudo estava acontecendo tão rápido e... foi apenas por um segundo!

Havia uma raiva nos olhos de Hale, mas algo mais do que isso. Uma dor que era mais profunda do que Kat já viu. — Você deveria ter me dito.

Nick riu. — Eu acho que ela não responde a você.

— Você realmente não entende, novato. — Hale balançou a cabeça e se afastou. — Ela não responde a *ninguém*.

Quando Hale virou e começou a ir para o lado oposto do convés, Kat foi a única que o seguiu.

— *Eu beijei você!*

Kat não tinha a intenção de gritar, mas ela não estava exatamente arrependida se ela o fez. As palavras tinham estado lá, latejando como um pulso por semanas. Ela se sentiu mais leve sem elas — era mais uma coisa que ela não tinha que carregar.

— Em Nova York... na limusine... eu beijei você.

Hale parou. — Eu lembro.

— Eu beijei você, e você fugiu. Então, ou eu não sou alguém que você quer estar beijando...

— Não. — Ele balançou a cabeça lentamente. — Não é isso.

— Ou eu sou uma *péssima* beijadora. — Kat não podia evitar passar pelas razões — através das opções — como se fosse apenas mais um golpe e ela poderia dominar se apenas a sua mente parasse de girar.

— Kat... — Ele estendeu a mão para ela, mas seus reflexos eram muito fortes.

Ela se afastou e olhou para ele. — Eu beijei você e você fugiu.

Quando Kat ouviu o barulho, ela pensou que era a batida de seu coração. Estava muito alto, ela pensou. Hale iria escutar; ele iria ver; e ele iria saber o quanto de poder que ele tinha para machucá-la.

— Hale — ela começou, mas o barulho estava mais alto agora, fazendo eco a partir de dentro. — Hale, eu...

— Eles estão vindo. — Simon se segurou na moldura da porta e praticamente se balançou para o convés. — Kelly! — Sua respiração veio em pequenos jorros irregulares. — Eu estava ouvindo as ligações de LaFont hoje à noite. Ele falou de Nova York... com Kelly. — Ele respirou fundo. — E agora a Cleópatra... está vindo para o Baile!



# UM DIA ANTES DO LEILÃO

MONTE CARLO,  
MÔNACO

**Capítulo 33**

*Traduzido por I&E BookStore*

Há muitas coisas que um ladrão decente deve ser capaz de fazer. O arrombamento de fechaduras é essencial. A capacidade de manter a calma em qualquer situação é uma obrigação. Mas, às vezes, a coisa mais importante que um ladrão pode fazer... é observar. E esperar.

Kat estava ao lado de Hale, olhando para a estrada de duas pistas que se curvava como uma cobra, enrolando através dos penhascos e túneis para entrar no coração da cidade, com seus prédios antigos e carros chamativos. Boutiques, hotéis, e é claro, um cassino.

E mais segurança do que até mesmo Katarina Bishop já tinha visto.

— Então, a Cleópatra está realmente próxima — ela disse.

— A Cleópatra está realmente próxima — ele concordou.

Que a *verdadeira* Cleópatra já estava lá, trancada em segurança em um cofre debaixo do banco mais seguro da Riviera, era um detalhe que nenhum deles tinha de mencionar.

Tudo o que realmente importava era que Marco Antônio estava morto e Cleópatra se foi, e a elite do mundo estava em seu caminho para Mônaco para passar uma noite dançando e bebendo na presença das pedras que, se as lendas estivessem certas, tinham condenado ambos.

Em um movimento sem precedentes, o Cassino de Monte-Carlo foi fechado ao público nesse dia. Kat assistia a tudo através de seus binóculos favoritos enquanto ela estava no topo do cume. Os floristas chegaram com suas flores. As entregas de frutas, doces e carnes chegaram pontualmente às dez. O porto, sempre ocupado no inverno, estava em plena capacidade — pontos brancos

balançando sobre as ondas, que se estendia ao longe no mar azul profundo. Os olhos do mundo, ao que parecia, estavam virados para Monte Carlo. O olhar de Kat, no entanto, estava grudado nas portas do cassino.

— Que mudanças eles fizeram na loja, Simon?

Marcus tinha espalhado um cobertor sobre a grama debaixo de uma árvore e servido um lanche frio de pão e queijo.

Hale olhou para a estrada curvilínea. — Talvez eu participe da corrida do Grand Prix no próximo ano... Vocês sabem que eu sou um excelente motorista.

— Por “você”, você quer dizer Marcus, certo? — Gabrielle perguntou.

Hale sorriu. — Claro.

— Simon! — Kat gritou desta vez, e o garoto sentou-se sobre o cobertor e puxou os fones de ouvido de suas orelhas.

— O quê? — ele disse, com a boca cheia de baguette e queijo brie.

— O que eles mudaram? — Hale perguntou por ela.

— Oh. — Simon mastigou e engoliu. — Kelly está trazendo seus próprios guardas para sua esmeralda, então... duplicou o que já tinham.

Kat assentiu. — Ok.

— E ele pediu que câmeras de imagens térmicas fossem direcionadas sobre as vitrines.

Hale desviou os olhos para Kat, que acenou a preocupação para longe.

— E quanto a plataforma? — ela perguntou.

— Você quer dizer a plataforma com os sensores sensíveis à pressão no piso que irão cercar as vitrines à prova de balas e fortemente vigiadas por um metro e meio em qualquer direção? — Hamish perguntou.

Kat olhou para ele. — Sim, esse piso. Ele ainda gira?

— Sim. — Simon deu de ombros. — Eu acho que é bom o suficiente para Kelly. Pelo que LaFont vem dizendo durante todo o dia, não há nenhuma mudança no piso ou na própria plataforma, só...

— Dobrou tudo — Hale terminou por ele.

— Uh-hum. — Simon engoliu em seco novamente, desta vez por uma razão completamente diferente. — Vitrines, câmeras, guardas... essa coisa apenas ficou... maior.

Kat levantou o binóculo aos olhos. Quando agentes de segurança começaram a rolar duas vitrines maciças em direção à entrada de serviço, Kat sabia exatamente o que estava vendo: dez centímetros de vidro inquebrável, à prova de balas e à prova de brocas com uma trava feita de titânio puro pelos melhores mestres artesãos da Suíça (e todos sabiam que quando se tratava de fechaduras, ninguém batia os suíços).

Kat sabia desses fatos por dias, é claro, mas ver e saber podiam ser duas coisas muito diferentes, então é por isso que ela olhou para a cena abaixo, como se a realidade pudesse ser de alguma forma diferente, como se a imagem em 3-D e movendo-se em cores pudesse mostrar algum buraco, algum contraste, alguma lacuna que podia passar despercebido em modelos de papel em preto e branco.

— Kelly está trazendo a esmeralda pessoalmente? — Kat perguntou, com um olhar preocupado para Hale.

— Ah, sim — Simon respondeu. — E LaFont não soa muito feliz com isso.

— Eu aposto que não — Gabrielle disse. — Eu odeio esse cara, Kelly. Eu adoraria vê-lo perder a dele.

— Um trabalho de cada vez, Gabs — Hale disse a ela. — Um trabalho de cada vez. — Quando eles se viraram para ir embora, Hale estendeu a mão para Kat e pegou o braço dela. — Você tem certeza disso? — ele perguntou.

— Se isso der certo, deu certo — Kat disse a ele.

— E se isso não acontecer? — ele perguntou.

Ela olhou para ele. — Se isso não acontecer, então eu ouvi que Mônaco tem as prisões mais agradáveis de toda a Europa.

— É verdade — Hamish e Angus disseram em uníssono.

E com isso, estava decidido.

# Capítulo 34

*Traduzido por Manu Lopes*

Por ter uma profissão bastante complexa, Pierre LaFont sempre foi um homem muito prático. Protocolos eram feitos para serem seguidos, ele sempre dizia. Regras eram feitas para serem cumpridas, e as orientações *não* eram sugestões. Então era por isso que os guardas nas portas tinham ordens tão severas para que ninguém entrasse sem convite. Era por isso que ele ficou tão incrivelmente irritado quando a jovem encarregada do entretenimento disse a ele que os holofotes estariam em ângulos

de sessenta graus em vez de setenta, e que o violinista tinha ficado doente e seu papel seria preenchido por um tocador de viola.

Quando ele examinou o andar do cassino, vinte minutos antes do baile começar, tudo parecia perfeito. Mas o diabo está nos detalhes, LaFont sempre dizia. E naquela noite — naquela noite, o diabo... era Maggie.

— As cordas devem ficar pelo menos sessenta centímetros mais longe da plataforma — ela disse, observando o cenário.

— Eu quero aquela bandeira fora dali — ela disse a um guarda, sem nenhuma razão aparente. — Sim, aquela bandeira! Aquela lá perto da câmara.

Mas sua ordem mais incomum foi reservada para o próprio Monsieur LaFont. — Me prometa, Pierre — ela disse a ele. — Me prometa, *sem crianças*.

— Posso assegurar-lhe, senhora, que este não é um evento para crianças.

— Estou falando sério, Pierre. Se você ou o seu pessoal virem uma criança, qualquer criança, elas também verão a porta. — Sua voz ficou alta e impetuosa, mas havia algo mais sobre ela também, e ocorreu-lhe que a sua grande presunção Texana poderia ser um pouco falsa. Mas falsificações são parte do território, LaFont disse a si mesmo. Tudo o que ele precisava lembrar era que o Marco Antônio — e sua comissão — eram muito, muito reais.

Então ele moveu a bandeira, redefiniu as cordas e tomou seu lugar no topo da escada, olhando para a festa do século, convencido de que Maggie estava certa sobre uma coisa: este não era um lugar para crianças.



De todas as festas que tiveram lugar em Monte Carlo no último século, aquele baile em especial estava destinado, desde o início, a se tornar uma lenda. Nunca antes o cassino havia sido fechado para um evento como aquele. Até mesmo para Mônaco, a lista de convidados era elitizada, grande e famosa.

Mas a coisa mais impressionante sobre aquele edifício já muito impressionante estava, na verdade, no centro do piso. Uma pequena plataforma estava posta, em rotação. Havia vitrines de vidro em pedestais e, enquanto a plataforma rodava, as vitrines refletiam a luz, enviando-as em um lento movimento giratório ao redor da sala.

Cordas de veludo vermelho rodeavam-na, mantendo as pessoas longe; e ainda assim eles se reuniram em direção ao pequeno palco e às vitrines vazias. Por dois mil anos as pessoas tinham esperado pela Esmeralda de Marco Antônio. E, naquela noite, a elite mundial estava disposta a pagar uma pequena fortuna só para ver o ar onde a joia poderia estar.

Bem, quase todos da elite.

— Sinto muito, senhorita, mas seu nome não está na lista.

— Ele me conhece! — Kat gritou e apontou através da multidão, em direção a LaFont, que tentou (e falhou) se virar a tempo. — Pierre! — ela gritou. — Oh, Monsieur LaFont!

— Qual é o problema aqui? — LaFont parecia e soava como um homem que tinha coisas muito mais importantes a fazer, e o jovem atendente sabia disso.

— Ela não tem credenciais — o atendente disse rapidamente, como se fosse tudo culpa de Kat.

— Pierre — Kat implorou. — Sou *eu!* — Seu sussurro ecoou por entre a multidão.

— Sim, sim — Pierre sibilou, acalmando-a.

— Pierre, eu preciso ver minha tia Maggie. — Kat agarrou o saco de compras em suas mãos. — Ela me mandou para fora para que eu pegasse as coisas dela, e ela precisa disso.

— Sim, eu ouvi você — o homem disse. — Mas sua tia tem regras muito restritas sobre quem tem permissão para entrar esta noite.

— Oh, Pierre! — Kat riu e deu um tapa em seu braço. — Você é engraçado. Alguém já te disse isso?

— Não, senhorita. Você é, muito sinceramente, a primeira.

Seu olhar varreu o hall de entrada.

— Pierre! — Kat chiou novamente. Ela tentou se desvencilhar, mas os guardas bloquearam seu caminho novamente. — Você já viu Maggie sem seu delineador? Não, você não viu. — Ela acenou uma pequena caixa de cosméticos em sua direção. — E eu estou aqui para garantir que você nunca verá.

— Senhor — o guarda disse, lutando para segurar o braço de Kat, que se contorcia. — Senhor, eu...

— Deixe-a entrar— Pierre disse, sacudindo a cabeça em direção ao muito baixo e irritante americano. — Vá — ele disse a Kat.

Quando LaFont voltou-se para a festa, esta realmente parecia ser a noite perfeita. Bem... ele forçou um sorriso, levantou a mão e gritou no meio da multidão: — Sr. Kelly, é tão bom ver o senhor.

*Quase perfeita.*



Quando Oliver Kelly Terceiro pegou a mão de seu rival foi quase como uma reflexão tardia. Ele olhou para o espaço, a comida, e, finalmente, as vitrines vazias. — Eu suponho que tudo está em ordem?

— Oh, certamente. A única coisa que precisamos é que o senhor adicione a sua pedra ao bloco do leilão amanhã. — LaFont deu uma risada nervosa.

— Não — Kelly disse friamente. — Isso não vai acontecer.

— É claro — LaFont disse com um sorriso. — Estamos tão felizes que o senhor e a Cleópatra puderam se juntar a nós essa noite. Eu sei que Madame Maggie estava bastante entusiasmada com a perspectiva de ver as pedras, por fim, unidas.

Kelly olhou-o como se ele fosse um homem de negócios inferior que, uma vez, havia tido sorte. — De fato.

— Desculpe-me, senhor LaFont — uma voz profunda disse, e só então ele percebeu que Oliver Kelly não tinha vindo à festa sozinho. — Nós nos encontramos de novo — o jovem que ele conheceu no lobby do hotel disse — o que havia elogiado seu carro. — Meu nome é Colin Knightsbury. — Ele fez um gesto para a linda mulher



ao lado dele. — Esta é a senhorita Melanie McDonald. Nós asseguramos a Cleópatra.

— *Bonjour* — LaFont disse, pegando a mão de Hale. — Estamos tão satisfeitos que o senhor e a senhorita puderam...

— Desculpe, LaFont — Oliver Kelly disse, cortando-o. — Vejo você mais tarde.

Ele já estava se virando, indo embora, quando a jovem mulher o chamou: — Espere! — Ela passou seu braço ao redor do de Oliver Kelly. — Se não se importa, eu vou andar com o senhor.

Kelly sorriu. — Eu não me importo.



Kat viu tudo do seu lugar no centro do piso do cassino; a maneira como Gabrielle ficou perto de Kelly, a facilidade com que Hale falava com LaFont. Até agora, tudo bem, ela tinha que pensar. Ela lembrou-se que era um simples plano; básico e fácil, mas não infalível. Nada era, afinal, sempre garantido.

E ainda assim, andando por entre a multidão, Kat esperava sentir a adrenalina que sua prima tinha lhe falado — a embriaguez — mas ela não sentiu; e isso por si só já era uma fonte de preocupação. Ela olhou para seus dedos, mas eles não tremeram. Ela colocou uma mão em seu estômago, mas não havia nenhuma vibração reveladora dos nervos. Ao todo, ela se sentia... normal. Do outro lado da sala ela viu Hale se afastar de LaFont e vir rapidamente em sua direção.

— O que há de errado com você? — Hale perguntou. Os braços de Kat pareciam especialmente pequenos em seu aperto forte quando ele a puxou para um canto escuro e silencioso da sala.

— Eu estou bem.

— Sim. — Ele se aproximou. — Esse é o meu ponto. Isso é sério, Kat.

— Eu sei.

— Se isso der errado, podemos não ter volta.

Ela olhou para ele. — O que você quer dizer, Hale?

— Então, você foi enganada... Então, você é humana. — Ele passou a mão pelo cabelo e deu um passo para trás. — Então você é mortal como o resto de nós. — Ele olhou para longe, em seguida, voltou novamente. — Isso é assim tão ruim?

— O que você está dizendo?

— Eu estou dizendo o que eu disse em Nova York. Nós poderíamos ir a qualquer lugar. Nós poderíamos fazer qualquer coisa. — Ele pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — Nós não temos que fazer *isso*.

Não era sempre que Kat desejava poder voltar no tempo. O mundo não funcionava assim, afinal de contas. Não existiam segundas chances. Mas mesmo quando Hale disse as palavras, ela sabia que elas eram verdadeiras — eles poderiam embarcar em um jato e sumirem, puxar âncora e estar em Casablanca antes que qualquer um sequer percebesse que eles estavam desaparecidos. Ela nunca poderia mudar o erro que tinha feito antes, mas nada dizia que ela teria que cometer o mesmo erro novamente. E, por um segundo, ela sentiu-se oscilando, lutando contra a vontade de fugir.

*Fugir.*

Para um internato, Moscou e o Rio.

*Fugir.*

Para uma cabana de neve no topo do mundo.

E bem ali, Kat soube que isso não tinha começado com uma mentira em uma lanchonete na chuva — que a perseguição não durara semanas — mas décadas. E o trabalho que tinha começado em Montreal tinha que acabar em Monte Carlo.

— Hale — Kat disse, mas antes que ela pudesse terminar, a voz de Simon estava em seu ouvido, dizendo: — Kat, Maggie está se movendo para a posição. Kat, você ouviu?

— Não se preocupe. — Ela olhou para Hale. — Eu te ouvi.

E então as luzes se apagaram.

# Capítulo 35

*Traduzido por I&E BookStore*

Dizer que Katarina Bishop estava à vontade no escuro não seria inteiramente correto. Ela não tinha um sonar como um morcego. Seus olhos não processavam a luz e a sombra de maneira diferente, como um gato. Mas se Hale estava à vontade em seu smoking de seis mil dólares em meio às bandejas de champanhe e caviar, então a própria Kat estava perfeitamente à vontade em pé nas sombras do salão, rodeada por joias, carteiras e dinheiro de outras pessoas.

Ainda assim, quando os holofotes se acenderam, brilhantes raios cortaram o salão de festas e em direção às vitrines que estavam vazias e esperando na pequena plataforma, e Kat estava como todo mundo à espera, necessitando saber o que estava prestes a acontecer.

— Kat? — Simon sussurrou, a palavra ecoando através da sua orelha. — Está na hora.

Ninguém a viu dizer isso. Todos de Mônaco estavam muito ocupados olhando para as duas vitrines e o homem que estava entre elas, com um microfone na mão, olhando para a multidão, contando mentalmente o seu dinheiro.

— *Messieurs et mesdames*, senhoras e senhores — Pierre LaFont se dirigiu à multidão, — muito obrigado por terem vindo

para celebrar conosco esta noite a maior descoberta cultural do século XXI. — Aplausos polidos encheram a sala. Apenas um único grito ecoou, e Kat fez uma nota mental de ter uma palavra com Hamish assim que tudo isso tivesse acabado.

— Eu sou muito grato ao senhor Oliver Kelly por permitir que generosamente nós a compartilhemos com vocês... — Ele fez uma pausa para causar um efeito dramático, e depois estendeu os braços para a vitrine à sua direita e gritou: — A Esmeralda de Cleópatra!

Não houve aplausos, apenas um som estalado fraco, mas constante, tão leve que teria sumido por completo em qualquer outro momento, em qualquer outro lugar. A plataforma tinha parado de girar, e ainda assim a vitrine em si parecia se mover, o sistema hidráulico funcionando, fluidamente levantando a pedra verde do cofre do cassino abaixo. Houve um suspiro na multidão quando chegou à superfície, mas o silêncio voltou quase imediatamente em seguida.

E a multidão ficou lá — esperando.

As pessoas são todas iguais, como todos os vigaristas decentes sabiam. Elas têm as mesmas necessidades. As mesmas vontades. Cada pessoa nessa sala queria tocar a história. Sentir a fama. Segurar o amor — segurá-lo nas palmas das duas mãos.

E foi por isso que eles ficaram em silêncio, observando, esperando Pierre LaFont dizer: — E agora, senhoras e senhores, eu apresento-lhes pela primeira vez em dois mil anos, a Esmeralda de Marco Antônio.

Mais uma vez houve o som de giros e a visão de algo subindo dentro de uma caixa de proteção. Mas ninguém parecia acreditar no que estava vendo até que as luzes captaram a segunda pedra e a plataforma começou a girar, enviando a Cleópatra e o Marco Antônio em uma volta ao redor do salão.

Apenas as plaquinhas que pendiam sobre as duas vitrines deram qualquer indício de que o que a multidão estava vendo não era uma imagem de espelho, uma miragem elaborada. As pedras eram idênticas. Perfeitas. Inestimáveis e intocadas.

*Elas estão aqui. Elas são reais. E elas estão juntas,* toda a sala parecia pensar.

Mas não Kat. Kat ficou em silêncio no centro da multidão, pensando: *Charlie é um gênio.*

Enquanto as esmeraldas giravam, elas pareciam captar a luz, cobrindo o cassino de um caleidoscópio de verde, e ainda assim não era nada comparado com o olhar nos olhos de Hale enquanto ele estava do outro lado do salão lotado, olhando diretamente para Kat.

Ela se sentia como apenas uma garota qualquer em um baile naquele momento, apenas uma outra pessoa que precisava que isso fosse real — um romance que tinha durado dois mil anos. Um amor que tinha superado geografia, classe e tempo.

Ela queria acreditar nisso. Ela olhou para Hale e sabia que ele queria isso também.

No palco, LaFont ainda estava falando; a multidão ainda estava olhando. Era um momento que tinha passado um milênio em elaboração, mas também era um momento construído sobre uma mentira, e tanto quanto Kat queria acreditar nisso, ela sabia que não devia confiar na trapaça.

— Simon? — Kat perguntou.

— Tudo certo — ele disse através da pequena unidade de comunicação em seu ouvido.

— Hamish, e quanto a você e Angus?

— Nós estamos em posição, amor — foi a resposta de Angus.

— Gabrielle — Kat disse, — e quanto a Kelly?

— Coberto — sua prima sussurrou.

E então havia os dois, Kat pensou. Ela sentiu Nick movendo em direção a ela, e o ouvi dizer: — Kat, você tem certeza que quer fazer isso? — Mas no meio da multidão, tudo o que ela podia ver era Hale.

— Agora — ela disse nesse momento, a três metros de distância, a esmeralda brilhando em sua vitrine. Era de alguma forma menor do que Kat se lembrava. — Vamos acabar com isso. Agora.

# Capítulo 36

*Traduzido por I&E BookStore*

A banda ainda tocava. A comida ainda circulava. Mas o salão tinha adquirido uma sensação diferente quando Nick se afastou de Kat e foi para o meio da multidão. Ninguém sequer percebeu o jovem

com o smoking grande demais que se empurrou contra a corrente de pessoas que estavam se movendo em direção às pedras verdes brilhando no centro das atenções.

— Deixe-a em paz. — A voz de Hale foi áspera, profunda e não coincidia nada com o disfarce que ele usava.

— Eu acho que ela sabe o que quer — Nick sibilou, tentando evitar uma cena.

— É hora de você deixá-la em paz — Hale disse novamente, fechando a distância entre eles, forçando Nick a ir para o corredor, longe da multidão, das joias e do mundo do outro lado da porta.

— Se você não gosta de mim, tudo que você tem a fazer é dizer — Nick disse.

— Não, eu não acho que eu tenho que dizer nada.

Houve passos no corredor atrás deles, mas nenhum garoto se virou para olhar.

— Ela é uma menina crescida — Nick disse.

— Ela tem um metro e cinquenta e sete.

— Eu não estava falando...

— Talvez você não entendeu. — Hale se aproximou ainda mais.  
— Fique longe de...

Mas Hale nunca terminou, porque seu punho de repente estava voando pelo ar. Ele atingiu Nick na mandíbula, e fez o garoto menor girar, o som ecoando no corredor vazio.

*Não. Espera*, os dois pareceram perceber.

*Corredor quase vazio.*

No instante seguinte, Pierre LaFont estava sobre eles, com dois guardas ao seu lado. — Parem com isso! — LaFont gritou. — Parem... Sr. Knightsbury? — Os olhos de LaFont alargaram quando ele puxou Hale para longe de Nick.

— Ha! — Nick riu, mas o som era de puro ódio. Ele lutou para ficar de pé, arranhando LaFont para se aproximar de Hale.

— Fique fora disso! — Hale gritou para LaFont.

— Quietos, vocês dois — LaFont disse, olhando dos dois para o evento social do ano que estava em andamento através das portas abertas. — Aqui! — LaFont acenou para os guardas, que agarraram

Nick e Hale e os puxaram para uma pequena sala normalmente reservada para jogos de cartas altamente arriscados e festas VIP.

Hale caminhou para o outro lado da sala, enquanto Nick passava pela porta.

— Você! — LaFont enxugou a testa. — Estou chocado com você, Sr. Knightsbury. Onde está o Sr. Kelly? — ele perguntou a um dos guardas. — Encontre-o. Traga-o aqui.

— Oh — Hale disse lentamente. — Eu acho que ele está provavelmente ocupado.

— Bem — LaFont bufou, — não se engane, eu vou denunciar isso para seus superiores.

Hale flexionou sua mão como se ainda doesse. Mas Nick apenas riu. — Sim. Vá em frente e faça isso.

Hale avançou de novo, mas os guardas se lançaram para frente, mantendo-o longe de Nick.

— LaFont! — A voz da mulher soou justo quando as portas se abriram e Hale derrapou até parar. Os olhos de Maggie estavam selvagens, e seu olhar estava travado no homem na frente da sala. — Onde você...

E então ela parou. Ela virou-se lentamente, olhando do inchaço dos lábios de Nick para os guardas, e, finalmente, o olhar dela veio pousar em Hale, que estava lutando contra seu agarre.

Um olhar sagaz encheu seus olhos quando ela disse: — Ora, ora. O que temos aqui?

LaFont correu para frente. — Oh, senhora, por favor, volte para a festa. Como você pode ver, a nossa segurança tem esta pequena briga sob controle.

— Eu vou ser a juíza disso, Pierre.

— Claro, mas como você pode ver, Monsieur Knightsbury teve uma alteração com este jovem a respeito... — LaFont pausou. — Por que vocês estavam brigando? — ele perguntou.

— Oh. — Nick limpou a boca. O sangue manchou sua manga branca. — Apenas por uma garota.

— Você. — Maggie apontou para um dos guardas. — Leve-os para fora. Agora.



O rosto de Maggie ficou congelado, sua postura perfeitamente uniforme quando o jovem passou na frente dela, quase derrubando-a enquanto ele avançava em Hale. Os guardas se lançaram para ele em retorno, mas quando eles finalmente separaram os dois, a sala inteira ficou quieta e silenciosa.

— Agora! — Maggie assobiou.

— Encontre o Sr. Kelly — LaFont disse a um dos guardas que tinha aparecido com Maggie. Ele gesticulou para outro guarda e, em seguida, para Nick. — E leve esse jovem para fora.

Quando o guarda chegou em Nick, ele se afastou.

— Você pode ficar com ela — Nick disse, limpando a boca com a manga novamente. Ele olhou para o sangue e fechou a porta atrás de si.

No silêncio que veio a seguir, ninguém parecia saber o que fazer.

LaFont caminhou até Maggie, colocou a mão no ombro dela como se ela fosse alguém que precisava de conforto e proteção em tempos de grande aflição. Mas havia um tipo totalmente diferente de olhar nos olhos de Maggie quando ela olhou para Hale. Parte medo, parte preocupação, parte indignação e descrença.

— Leve este também, Pierre. Eu estive em brigas de bar suficientes na minha vida para saber que essa é uma maneira rápida de arruinar uma festa.

Ela ergueu as saias e virou-se, mas não antes de Hale poder dizer: — É bom ver você também... *Margaret*.

Hale encostou-se em uma mesa de pôquer e estudou LaFont, que gritou: — Do que você está falando? — Ele parecia um homem à beira de uma queda muito dura. — Monsieur Knightsbury, o que você tem a dizer por si mesmo?

Maggie parou e se virou. A bravata se foi, substituída por aço gelado quando Maggie disse: — Pierre, mostre a ele a saída. *Agora*.

# Capítulo 37

*Traduzido por Polly*

Sorte é uma coisa estranha na vida de qualquer ladrão e vigarista decente. O que é que impede um alvo de verificar o cofre ou os guardas de olharem precisamente no momento errado? Kat tinha aprendido em uma idade muito jovem que a sorte é para amadores e preguiçosos — aqueles que não estão preparados e nem qualificados. E ainda assim ela também sabia que a sorte, como a maioria das coisas, não podia ser dispensada verdadeiramente até que ela também tivesse verdadeiramente ido.

Ou assim certamente parecia quando Kat observou Nick caminhar em sua direção, um guarda a dois passos atrás. Sua roupa estava uma bagunça e seu rosto estava sangrando. Que ele estava mal nem sequer começava a descrever sua aparência quando ele se inclinou perto do ouvido de Kat, segurou a mão dela na sua por um breve segundo, e sussurrou: — Nós terminamos.

E então Kat estava sozinha no centro do salão, observando Nick desaparecer. Quando ela se virou, viu Hale ao lado de LaFont, sangrento e envergonhado. Os Bagshaw haviam desaparecido no meio da multidão como fumaça. A voz de Simon era tudo o que restava.

— O que está acontecendo? — ela o ouviu dizer. — Há um falatório nos canais de segurança dizendo que eles estão procurando por alguém. Eles estão procurando por...

— Monsieur Kelly! — um dos guardas chamou. Kat viu eles apontando para o dono da Cleópatra e a elegante jovem de pé ao seu lado. — Monsieur Kelly! — o homem chamou novamente.

Kat observou Gabrielle virar, girar sobre as escadas, e — em um flash — aconteceu. Seu salto alto pareceu pegar na bainha de seu vestido longo, e ela tropeçou, caindo em direção ao corrimão, enquanto Oliver Kelly Terceiro ficou lá impotente, observando a garota mais bonita da sala cair sobre a borda.

Gabrielle gritou, e a multidão ofegou, observando ela agarrar um dos holofotes que estava focado nas vitrines abaixo. A luz girava ao redor da sala enquanto ela tentava se equilibrar, mas já era tarde demais, e a gravidade era muito forte, e o holofote se soltou debaixo de seu alcance.

O clamor que se seguiu foi mais profundo e mais penetrante do que aquele que tinha enchido a sala apenas alguns segundos antes. A menina caiu pelo menos uns trinta centímetros e depois pegou um cabo que corria entre as luzes. Estava muito solto, alguém observou mais tarde. Um trabalhador deve ter negligenciado o trabalho, mais parecia o erro mais sortudo no mundo quando a menina se agarrou ao cabo. Mas então, o cabo estalou em uma extremidade, e de repente a menina estava se balançando através do chão, como Jane do Tarzan agarrada a uma videira.

Seu vestido era longo e rosa, e balançava como uma fita enquanto ela gritava e agarrava o cabo para salvar a sua vida.

— Ajudem ela! — Oliver Kelly gritou.

As pessoas mais próximas do corrimão estavam em melhor posição para ver os Bagshaw correndo em direção a ela. Um tentou alcançá-la, batendo no cabo verde no corrimão, enviando direto sobre as câmeras de vigilância abaixo, mas já era tarde demais.

— Ah! — ela gritou novamente. O cabo sacudiu, instável sob o seu peso. As luzes piscaram. Uma vez. Duas vezes. Faíscas voaram, e, em seguida, todo o salão estava envolto em escuridão.

— Vocês aí! — alguém chamou os dois guardas situados perto das pedras. — Nos ajudem! — o homem gritou lá em cima, as mãos da jovem escorregando e ela chutando como se estivesse tentando ganhar o equilíbrio no ar. Um dos seus saltos altos escorregou de

seu pé delicado. Ele caiu sobre a extremidade e então pousou na plataforma giratória sensível a pressão por trás das cordas de veludos, fazendo com que as sirenes apitassem, perfurando o ar.

O aperto da garota diminuiu mais uma vez, e pareceu como se a sala inteira estivesse segurando a respiração. Ou talvez, Kat pensou, fosse apenas ela quando ela ouviu a voz de Simon dizer: — Kat, as câmeras estão bloqueadas. Você está livre. Você está livre *agora*.



Em algum ponto ao longo do caminho, Kat deve ter perdido a sensação em seus dedos. Ela afrouxou as mãos e olhou para a chave que Nick passou para ela em fração de segundos antes do caos começar. A impressão ainda estava em sua palma, e ela sabia que era agora ou nunca.

Ela não se atreveu a olhar. Ela não correu, e ela não andou. Ela apenas se moveu como somente um ladrão podia se mover. Era como se o vento tivesse soprado ela para o outro lado das cordas, e ela ficou envolta na escuridão, ouvindo as sirenes e os gritos de duzentas pessoas que estavam assistindo, esperando por uma garota cair.

Kat desejou que sua mão não tremesse. Ela chamou cada gota de calma em suas veias quando ela se ajoelhou ao lado da vitrine e agarrou a chave.

— Ela está escorregando! Peguem ela! — alguém gritou.

Mas Kat não ousava olhar para longe das vitrines. Ela olhou do Marco Antônio para a Cleópatra e de volta, estudando os sinais, a olho nu, a única indicação de que as pedras não eram simplesmente imagens uma da outra em um espelho. Então, com a chave na mão e a plataforma ainda girando, Kat respirou fundo e alcançou elas.

— Eu acho que não! — uma voz gritou um momento depois, e Kat sentiu alguém pegar seu pulso, empurrar ela da plataforma para o chão duro de madeira.

Seus joelhos doíam e sua cabeça girava com o som pulsante das sirenes; mas nada se comparava com a raiva que ela sentiu quando Maggie se inclinou e sussurrou: — Eu inventei a Cinderela, garotinha.

Maggie soou como uma jovem. Ela parecia incrivelmente forte quando ela levantou Kat e arrancou a chave da mão dela. Ela aparecia quase insultada quando ela retrucou: — Você honestamente achava que isso iria funcionar? Você honestamente achava que poderia pegar a minha esmeralda e levá-la para fora pela porta da frente?

Era uma excelente pergunta, Kat não podia deixar de pensar, conforme ela permanecia lá, quase tremendo, olhando fixamente para a figura nas sombras atrás de Maggie. Ela estudou a postura, sentiu a presença; e antes mesmo da voz profunda dizer: — Olá, Katarina — ela sabia que Charlie, o falsificador — seu tio Charlie, a estratégia de saída — estavam em um longo, longo caminho longe de Monte Carlo.

— Olá, tio Eddie. — Não havia pânico em sua voz. A tristeza, infelizmente, era uma coisa muito mais difícil de esconder. — O que o traz para a cidade?

Seu tio se aproximou, e ela o viu sorrir, os olhos cheios de vergonha e decepção, e Kat sabia que ela simplesmente não tinha sido pega. Ela foi enganada. Mais uma vez.

— Meu irmão, Charles, teve a gentileza de me dizer que você veio vê-lo. Ele se desculpa por não poder vir ele mesmo a Mônaco, mas ele não sai tanto como ele costumava sair. Parecia justo que eu deveria... *substituí-lo*.

Kat não tinha certeza do que ela devia sentir naquele momento. Choque ou raiva, exaustão ou traição? Então, ao invés, ela apenas olhou para o tio Eddie.

— Era você. Houve um momento no barco quando eu pensei...  
— Ela parou, percebendo que a maldição tinha finalmente alcançado ela, mas era melhor assim. Ela estava cansada de fugir. Sua voz estava suave, derrotada, quando ela sussurrou: — Sempre foi você.

Em retrospecto, Kat percebeu, ela deveria ter sentido um grau de pânico, talvez uma onda de raiva ou vergonha. E talvez ela sentisse se os holofotes de emergência não tivessem voltado à vida.

— As esmeraldas! — alguém gritou, e Kat sentiu a atenção da sala mudar. Ela sabia como deveria parecer — a visão de uma garota mais baixa que a média e a infame Maggie estando tão perto das vitrines, as sirenes soando ao redor delas.

Uma catástrofe era uma coisa, a sala silenciosa parecia dizer. Um escândalo era uma coisa completamente diferente.

— Madame Maggie! — LaFont gritou, correndo através da sala, passando por onde Hamish e Angus estavam ajudando uma Gabrielle muito pálida a descer uma escada.

— Madame, você está bem? — LaFont olhou de Maggie, em seguida, para o Marco Antônio. — Qual o significado disso? — ele retrucou para Kat. — Ninguém deveria estar tão perto das esmeraldas! — Ele gritou algo em francês para os guardas, que recuperaram suas posições.

— Mademoiselle, o que você tem a dizer por si mesma? — LaFont sibilou para Kat, as palavras passando através da multidão de pessoas, todos eles pareciam estar se perguntando a mesma coisa.

— Sim, tia Maggie... — Kat olhou para a mulher mais velha. Seu sorriso era uma provocação, um desafio. — O que eu tenho a dizer?

Kat podia sentir a multidão olhando, seus corações batendo em coletivo. Alguém desligou as sirenes, e um único holofote veio à vida. Kat estava em seu brilho, sentindo algo que nenhum ladrão jamais deveria sentir.

Mas, felizmente, ela não estava lá sozinha.

— Minha sobrinha estava... — Maggie começou devagar. — Ela estava...

Kat pegou o sapato de cetim que estava na plataforma, segurou perto de seu peito, e disse para LaFont: — Aquela menina vai precisar de seu sapato.

# **Capítulo 38**

*Traduzido por Polly*

Não havia muitas vezes em que Katarina Bishop se sentia pequena. Delicada ela não podia negar. Baixinha era um fato científico. Mas não havia espelhos na cozinha do tio Eddie, nenhuma medida, nenhuma escala, nenhuma maneira de ver todas as formas que ela era, o membro da família menor, mais leve, mais jovem, que nunca realmente se encaixou no molde físico.

Mas de pé ao lado de Maggie no elevador privativo vinte minutos mais tarde, indo para a suíte presidencial, Kat se sentiu pequena, minúscula. Tão insignificante como poeira.

Quando as portas se abriram e ela ouviu o tio Eddie dizer: — Bem-vinda de volta, Katarina — parecia como o vento, soprando o que restava dela para longe.

Kat não queria entrar, mas ela tinha que fazer isso. Ela trocava qualquer coisa — roubaria qualquer coisa — para encontrar uma saída, mas eles estavam a quarenta andares e o elevador estava fechando, e até mesmo sem maldições, Kat sabia que era um longo, longo caminho para escalar.

— O quê? — Kat olhou em volta. — Não há nenhuma torre para me trancar dentro?

Maggie riu. — Eu acho que isso vai bastar.

Dois grandes homens de terno escuro ladeavam as portas do elevador. Outro ficou no lado oposto da sala. Mas só havia um homem na suíte que realmente importava.

Aqui, na sala bem iluminada, Kat olhou ele de perto. — Eu não estava esperando vê-lo por um tempo — ela disse para ele.

Ele sorriu de uma forma que era completamente diferente de seu irmão. Não havia nada de Charlie em seus olhos quando ele disse: — Eu sei.

— Você sabe o que ela fez, não é? — Kat perguntou.

Eddie não respondeu, mas o rápido olhar que ele lançou a Maggie falou muito.

Kat deu uma risada sem alegria. — Quer dizer, eu pensava que o Chelovek Pseudonimas deveria ser usado apenas em



circunstâncias especiais... eu pensei que eles eram *sagrados*. Ela usou um Pseudonima por diversão e lucro, tio Eddie — Kat gritou. — Mas talvez você não se importe com isso... Talvez haja exceções para suas antigas namoradas.

— Katarina. — A palavra era um silvo — um aviso.

Maggie virou para os guardas e ordenou: — Para fora. — Juntos, os capangas fizeram o seu caminho em direção às portas. — Mas não vão para longe — Maggie adicionou, como se Kat fosse perigosa. E nesse momento, Kat teve que rir. Porque naquele momento, ela era.

— Ela usou o nome Romani. Você sabia disso? — Kat teria dado qualquer coisa para sua voz não falhar, seus olhos não encherem de água. Mas já era tarde demais. Não havia como voltar atrás do golpe.

Ela olhou nos olhos de seu tio, e o viu observando Maggie. E Kat viu tudo naquele olhar. Dor. Orgulho. Amor. Há um tempo atrás, o tio Eddie tinha estado apaixonado. Há um tempo atrás, o tio Eddie tinha sido humano. De todos os trabalhos que ele tinha feito e as coisas que ele tinha roubado, Maggie foi a única que conseguiu fugir.

— Claro que você sabia — Kat sussurrou. Ela não conseguia olhar para o tio dela quando ela terminou: — Você sabe de tudo.

Ela estendeu a mão para o botão, começou a chamar o elevador e simplesmente andou para longe, mas Maggie se moveu para bloquear o seu caminho. — Eu acho que não.

— Oh meu Deus, obrigada pela hospitalidade, Mags, mas eu tenho lugares para ir. — Kat olhou para o tio Eddie. — Pessoas para verificar.

— Sua equipe está bem — Maggie disse. — Pierre nunca sentiu falta das suas chaves. Homem tolo. Portanto, não tenha medo, minha querida, você estará perfeitamente segura aqui esta noite.

Kat riu. — Eu não vou ficar. — Ela olhou para as janelas, as portas trancadas, e encontrou suas pequenas mãos cerrando os punhos. — Mova-se.

Mas Maggie simplesmente riu. Era um som terrível e sarcástico de *Ela não é adorável*.

— Você está certo sobre ela — Maggie disse com um olhar para o tio Eddie. — Ela é forte. — E, em seguida, seu olhar estava de volta em Kat. — Mas eu não posso permitir que você saia. — Ela caminhou até a janela, abriu as cortinas, e olhou para as luzes do palácio que brilhavam na colina distante.

— Amanhã de manhã a minha esmeralda será autenticada publicamente e, em seguida, vendida pelo maior lance. — Maggie se virou lentamente. — Até então, Kat, minha querida, por favor, considere-se minha *convidada*.

\* \* \*

Talvez eles pensaram que era mais apropriado — ou amável — que o tio Eddie fosse quem acompanhasse ela para o pequeno quarto e trancasse a porta. Kat não mencionou Charlie. Ela não falou sobre traição. Nenhum deles disseram que estavam arrependidos. Era exatamente o tipo de coisa que não faria qualquer bem em dizer, então ao invés, Eddie parou na porta e olhou para ela.

— Então, você terminou? — Havia um olhar sábio nos olhos do tio Eddie, uma finalidade nas palavras, mas também uma pergunta. Uma provocação. Um desafio.

Kat sentiu o sangue correr em seu rosto pálido conforme ela disse: — Está acabado.

# O DIA DO LEILÃO

MONTE CARLO,  
MÔNACO

# Capítulo 39

*Traduzido por Polly*

À medida que o sol se levantava sobre a pequena cidade-estado de Mônaco naquela sexta-feira de manhã, ele parecia trazer os olhos de todo o mundo com ele. As ruas e praias estavam polvilhadas com caminhões de notícias e correspondentes estrangeiros, repórteres procurando uma história. As manchetes falavam do salão de baile e das esmeraldas, de maldições sendo quebradas e uma bela jovem segurando um cabo para salvar a sua vida.

Mas de todas as histórias que estão sendo transmitidas em todo o mundo naquela manhã clara, ninguém mencionou um helicóptero pairando perto das janelas da suíte presidencial no hotel Ritz de Mônaco. Não se falou dos adolescentes fazendo rapel ao lado do edifício. Nenhum buraco que tinha sido explodido através de sua lateral ou uma missão de resgate envolvendo roubo de uniformes da camareira, um carrinho de serviço de quarto e tochas de acetileno.

Não, ninguém tinha tentado roubar Kat Bishop. E quando o sol surgiu, não havia nada mais do que uma bandeja de serviço de quarto e uma troca de roupa limpa para mostrar que ninguém se lembrava que ela estava lá, afinal.

Era melhor assim, Kat percebeu; ela nunca se considerou o tipo de garota que queria ser resgatada.

Ou assim ela pensava até que a porta de seu pequeno quarto abriu e Maggie disse: — Vamos.



De todas as horas que Kat tinha passado tentando encontrar um caminho para dentro do Palácio do Príncipe, havia uma que ela nunca tinha considerado: ser uma refém. Ela fez uma nota mental para não descartar essa possibilidade no futuro, quando ela se sentou ao lado de Maggie no banco de trás de um Bentley, esperando os guardas levarem elas através dos portões que, três dias atrás, os Bagshaw estavam debatendo sobre a melhor maneira de explodir.

Nunca tinha ocorrido a ela o que mais ela poderia ter que destruir para encontrar um caminho para dentro.

— Onde está o tio Eddie?

— O trabalho dele aqui está terminado, Katarina. Ele tem outras obrigações.

Kat assentiu e voltou para a janela. — Paraguai — ela disse com um suspiro.

— Eu pensei que fosse Uruguai — Maggie disse, então acenou como se isso não importasse, porque, na verdade, não importava. — Antes de sair, seu tio me deu a sua palavra de que este assunto acabou.

— É. — Não havia mentira na voz de Kat quando ela disse isso. Nem indiretas. Nem trapaça. — Então, como é a sensação de estar tão perto de conseguir? Você esteve perseguindo isso por quase cinquenta anos, Maggie. Você quebrou um monte de códigos para chegar até aqui. — Kat olhou para ela diretamente. — E corações.

— Oh, ser tão jovem. Tão ingênua. Se você não percebeu, querida, seu próprio tio escolheu me ajudar. Foi dele a ideia de

trazer a Cleópatra, de fato... dobrar a segurança, a notoriedade. O risco.

— Sim. Isso foi inteligente — Kat concordou. — Eu acho que isso é exatamente o que eu teria feito.

Maggie sorriu. — Claro que você teria, Katarina. Você é muito boa.

— Eu sou boa — Kat se deixou concordar. — Mas eu não sou sem coração.

— Claro que você é. Ou você vai ser. Não se preocupe com Charles e Edward, minha querida. Seus tios e eu sabemos a verdade... — ela vestiu as luvas e olhou através da janela, — que o amor é o maior golpe de todos.

Kat estudou ela através do banco de trás, o sol fluindo através das janelas. Sua pele estava efervescente, brilhante.

— *Eu não sou você.*

Kat tinha pensado as palavras ou ela disse elas? Ela não estava realmente certa, e realmente não importava. Ela teria ficado tão feliz em gritar aos quatro ventos. — Eu nunca vou ser como você.

— Sério? — Maggie disse.

— Sim — Kat disse lentamente, então virou para olhar para as pessoas que cercavam as paredes. Alguns turistas. Alguns manifestantes carregando cartazes sobre artefatos, ladrões e o retorno ao Egito das esmeraldas, onde elas tinham nascido.

— Eu nunca vou ser sem coração ou gananciosa, ou... Eu não sou você — Kat disse novamente, a realização brilhando sobre ela como o sol.

— Oh. — Maggie quase riu. — E como somos tão diferentes?

Mil razões inundaram a mente de Kat, mas havia apenas uma que realmente importava.

— Porque eu não estou nessa sozinha.

Quando o carro andou para frente, a multidão pareceu se dividir, e os olhos de Kat encontraram seu foco em um único menino em um terno perfeitamente sob medida, um casaco escuro comprido e um chapéu de feltro que ela uma vez tinha visto no armário do tio Eddie.

Os portões foram abertos sem problemas, os guardas reais acenaram através deles, assim Kat subiu de joelhos e observou Hale desaparecer através do vidro de trás. Ela o viu sorrir, e observou-o tocar o chapéu.

Mas a piscadela... a piscadela dizia, *Nós continuaremos.*

## Capítulo 40

*Traduzido por Polly*

Katarina Bishop não foi a primeira ladra a ver por trás dos muros do Palácio do Príncipe. Ela olhou para Maggie e se lembrou de que ela não era a única ladra detrás deles nesse momento.

Os sons de seus passos ecoavam no chão de mármore no corredor vazio. Os saltos altos de Maggie pareciam tiros, e Kat sabia o que Maggie estava escondendo, estava finalizado à espreita nas sombras. Este era o grande trabalho, o último trabalho. Seu rosto seria muito conhecido por um longo tempo depois disso. A história infame demais. Se tudo corresse conforme o planejado, Maggie estaria deixando a Riviera em poucas horas com um cheque bancário e o título de Maior Golpista Viva.

Mas ela nunca seria Visily Romani.

Então Kat se concentrou em seus passos. Ela podia se sentir contando a partir da porta.

Vinte e sete passos. Duto de ar.

Treze passos, portas duplas.

Passagem em outro corredor.

Dez passos.

Outra porta.

Janelas para os penhascos.

Cinco passos.

Os planos estavam tomando forma em sua mente. Ela lembrou de tudo até que ela ouviu o som rodopiante do elevador e Maggie retrucando: — Katarina! — A mulher agarrou seu braço e puxou ela para uma porta aberta. — Vamos — era a ordem.

Kat tinha passado dias se perguntando onde o centro da segurança do palácio deveria estar, e quando ela finalmente entrou na sala, ela o encontrou. Monitores cobriam três paredes. Havia cenas ao vivo de todo o edifício e os terrenos. Uma tela brilhava com cenas da multidão, e Kat se viu olhando para Hale de casaco escuro e chapéu, mas ele se foi sem deixar vestígios de que ele tinha estado lá afinal.

— Madame Maggie, bem-vinda — LaFont disse, se apressando para frente. — É um belo dia de fato, e...

— Isso é tudo? — Maggie retrucou, olhando ao redor da sala como se esperasse mais.

Kat riu; Maggie a olhou com raiva.

— Esse é um centro de segurança Remington 760 com chip de inteligência artificial e criptografia de backup. É o que eles usam no



Palácio de Buckingham — Kat explicou, então se lembrou de onde estava e o que ela deveria ser, por isso, ela riu. — Ou assim eu ouvi.

— Isso tem software de reconhecimento facial? — Maggie perguntou.

— Claro! — Kat e o chefe de segurança disseram ao mesmo tempo, ambos parecendo mais do que um pouco indignados.

Maggie passou o braço em volta dos ombros de Kat e a agarrou com firmeza. Kat balbuciou as palavras *Eu me machuco*, mas a pressão não diminuiu até que Maggie entregou ao chefe de segurança um pequeno pen drive e ele inseriu na máquina. Seis rostos familiares começaram a piscar na tela.

— Eles são... crianças — o chefe da segurança disse, mas Maggie parecia imune a essa acusação particular.

— Distribua cópias para seus homens — ela ordenou. — Se você ver qualquer uma dessas pessoas, traga imediatamente para mim.

O chefe de segurança olhou para Pierre LaFont como se devesse estar perdendo alguma coisa, e ele estava. Kat sabia assim que os monitores piscaram. Ela pensou no som rodopiante do elevador, o tamanho e o alcance dos dutos de ventilação. E, finalmente, o olhar no rosto de Hale e a piscadela.

— Madame — LaFont disse. — Madame, Monsieur Kelly está aqui.

— Obrigada, senhores — Maggie disse aos oficiais que encheram a sala. Ela voltou para a porta, o leilão e seu futuro. Ela agarrou o braço de Kat um pouco mais apertado. — De fato muito obrigada.



Há uma sensação que vem no meio de qualquer trabalho. Andando pelos corredores entre Maggie e LaFont, Kat sentiu — um pulso, uma carga. Arrepios cobriram seus braços como se uma tempestade estivesse chegando, como quando ela estava

arrastando seus pés, tocou a maçaneta da porta, e sentiu uma faísca.

— O que foi? — Maggie perguntou, girando sobre ela. — Por que você está sorrindo?

— Você não sente isso? — Kat perguntou. Ela manteve seu ritmo ao lado de Maggie. — Você vai sentir.

— O que você quer dizer?

— Você vai ver.

Mas Maggie não parecia preocupada — não com Kat ao lado dela e os guardas em suas costas.

Logo ela estava gritando: — Sr. Kelly! — sua grande voz retumbante rompendo o silêncio reverente do salão.

Kat tinha visto o saguão lotado nos monitores, mas o palácio era grande e como um labirinto, e ela sabia que eles estavam longe do leilão e da esmeralda — ninguém da equipe de Kat ouviria o grito.

— Temos dez minutos, madame — LaFont disse.

— Obrigada, Pierre. — O olhar de Maggie era de aço enquanto ela estava olhando para o homem intocado de Nova York. — Então me diga, Sr. Kelly, o que posso fazer pelo senhor?

— Me desculpe, senhora, fiquei com a impressão de que foi a senhora quem pediu para me ver.

— Eu não, querido — Maggie disse, acariciando seu braço. Apesar de tudo, Kat teve que admirar a mulher diante dela. O sotaque estava correto, a escolha de palavras simplesmente perfeita.

Kelly, por outro lado, pareceu significativamente menos impressionado. — Disseram-me para encontrá-la aqui dez minutos antes do início do leilão.

— Eu não sei o que dizer, querido — Maggie disse para ele. — Você deve ter me confundido com alguma outra mulher prestes a ficar muito rica. — Ela deu uma risada gutural, mas Kelly não se juntou a ela.

— Muito bem — ele disse. — Acho que vou lhe desejar boa sorte.

Ele estava se virando para sair quando LaFont chamou: — Madame, Sua Alteza Real pediu um momento do seu tempo.

Maggie começou a ir atrás de LaFont, mas depois parou de repente e se voltou para Kelly.

— Você disse que alguém lhe disse para me encontrar aqui? — ela perguntou ao homem que estava alcançando o botão para chamar o elevador.

— Sim — Kelly disse.

Maggie pareceu considerar isso justo quando as portas estavam se abrindo. — Quem? — ela perguntou.

— Um homem de negócios. Acredito que o nome dele seja Knightsbury.

Levou apenas um segundo para Maggie reconhecer — para as peças caírem no lugar. Mas Kat tinha razão, ao que parecia. O Longo Golpe nunca era verdadeiramente longo — apenas alguns milhões de momentos amarrados juntos, e nesse momento era tempo suficiente para Kat entrar no elevador ao lado de Oliver Kelly.

Tempo suficiente para ela falar: — Eu encontro a senhora no leilão, tia Maggie!

Tempo suficiente para Maggie xingar e assistir Kat desaparecer por trás das portas.



Oliver Kelly não estava no negócio de antiguidades. Ele não paga suas contas com pinturas antigas da família e pérolas da vovó. A verdade, era o que parecia para o mundo, mas o próprio Kelly sabia melhor. Ele estava no negócio dos detalhes. Um nome lembrado. Um cartão enviado. Uma falsificação notada e eliminada antes que pudesse manchar qualquer coisa que pudesse tocar.

Ainda assim, em pé no pequeno elevador, flutuando através das paredes do Palácio do Príncipe, era fácil ignorar a jovem que estava ao lado dele. Ela era, sem dúvida, muito pobre para comprar e ela

parecia muito inútil para vender, então ele manteve os olhos no seu próprio reflexo nas portas espelhadas.

Quando o elevador hesitou e agitou, Kelly bateu freneticamente nos botões. Quando o elevador parou, ele bateu nos botões mais forte. Apenas a voz suave dizendo: — Não vai adiantar nada — o lembrou — o rei dos detalhes — que ele não estava naquele pequeno espaço sozinho.

Houve uma leve agitação acima, e o olhar de Kelly voou para cima. — Parece que alguém está lá em cima — ele disse.

A garota riu. — Talvez um fantasma. — Mas Oliver Kelly não viu nada de engraçado sobre a situação.

— O que há de errado? — a garota perguntou. — Não acredita em fantasmas, Sr. Kelly?

— Isso é um absurdo. — Ele bateu nas portas: — Olá! Olá, aí fora!

Mas a menina não parecia nem um pouco em pânico quando ela se aproximou do pequeno espaço. — E quanto a maldições... o senhor acredita nelas?

Ele apertou os botões novamente — todos eles. A menina deve ter pensado que era hilariante, porque ela riu e se inclinou contra a parede. Houve uma leve inclinação em sua cabeça quando ela lhe disse: — Eu achei que o senhor ia ser mais parecido com seu avô. Ele não se assusta facilmente, não é?

Só então Kelly girou sobre a menina ao lado dele. — Meu avô era um homem corajoso... um visionário.

— Um ladrão?

Ela disse isso tão facilmente, com tão pouca vergonha ou desdém que ele podia jurar que ele tinha escutado mal. Ela parecia bastante inocente, afinal, se inclinando lá com as mãos descansando no corrimão na parte baixa das suas costas.

— Como é? — Kelly perguntou.

— Eu acho que eu não poderia fazer isso... roubar uma tumba no meio do deserto... Quer dizer, eu sei que ele não foi sozinho, mas ele teria mantido a equipe pequena. E teria sido difícil... para um amador... limpar toda a câmara em apenas dois dias.

— Mocinha, você não tem ideia do que está falando.

Mas a menina apenas riu. Ela parecia e soava muito mais velha do que ela deveria ser quando ela sorriu e disse: — Na verdade, eu tenho. — O homem virou de volta para os controles. — Deve haver um... — Ele deixou sua voz morrer, ainda procurando entre os botões e luzes.

— Eles não começaram a colocar telefones em elevadores até 1972 — ela lhe disse sem rodeios. — Esse é um Otis 420. — Ele olhou para ela. — Fabricados principalmente na Europa nos anos quarenta. — Ela balançou a cabeça. — Sem telefone.

Foi então que Oliver Kelly se sentiu começar a entrar em pânico. — Respire, Sr. Kelly. Está tudo bem. Tenho certeza de que estamos bem. Afinal, não é como se um de nós estivesse amaldiçoado.

— *A Esmeralda de Cleópatra não é amaldiçoada!*

Mas a menina apenas sorriu, como se soubesse melhor das coisas. O olhar em seus olhos azuis dizia que ela sabia de tudo.

— Ele a pegou, não foi? — a menina perguntou enquanto Kelly tirava a gravata. — O que eu não posso decidir é se ele se juntou a expedição dos Miller com o propósito de trair eles ou se foi apenas sorte de idiota.

— Meu avô não era idiota — Kelly resmungou.

— É claro que ele não era. — A menina parecia tão certa, tão sincera, era quase fácil esquecer o que ela estava dizendo. — Se você me perguntar — ela adicionou, — ele era um gênio. — O elevador rugiu, mas não se moveu. — Aquele grande tesouro? Poderia ter sido o roubo do século.

— Oliver Kelly não era um criminoso comum!

A menina sorriu. — Quem falou em comum? — Ela se aproximou, tomando mais do que metade do espaço e do ar. — Apenas me diga, de jovem ladra para jovem ladrão: ele fez isso, não foi?

— Não seja ridícula — Kelly rosnou, mas a menina delicada apenas se aproximou.

— Oliver Kelly pegou a pedra e construiu um império a partir disso.

— Meu avô era...

— Um visionário. Um pioneiro. O homem que entrou na câmara, enquanto a família Miller dormia, e reivindicou a Esmeralda de Cleópatra... — A menina chegou ainda mais perto, olhando em seus olhos. — Ele era um ladrão, não era?

Kelly parecia preso dentro do pequeno espaço, mil pensamentos girando dentro de sua mente enquanto ele olhava para a menina que não era nada, e sussurrou: — *Claro que ele era.*

O elevador rugiu para a vida. As portas se abriram.

— Katarina? — A expressão no rosto de Maggie era parte pânico, parte alívio. Ela olhou para Kat como se perguntando o que, eventualmente, ela iria fazer. — Você está...

— Aqui? — Kat terminou por ela. — Não se preocupe, Maggie. — Ela se virou e começou a ir para as portas. — Não há nenhum outro lugar que eu preferiria estar.



Como uma das melhores ladras do mundo, estava no sangue de Kat Bishop — não apenas em sua natureza — ficar longe dos holofotes. Mas havia algo adequado, ela pensou, sobre estar à direita de Maggie, enquanto ela se movia pelo corredor central para tomar seu lugar na pequena seção de assentos vazios na frente da sala lotada.

Não, Kat percebeu um segundo depois. Não vazio. Não realmente.

Um único menino estava sentado sozinho, um guarda parado por perto.

— Madame, suas ordens... — o guarda começou, mas Maggie o silenciou com um aceno e tomou seu lugar na fila da frente, deixando Kat deslizar ao lado de Hale.

— Você está aqui para me salvar? — ela perguntou.

— Talvez. — Ele sorriu.

Ela olhou para as amarras de plástico que prendiam seus pulsos. — Como é que isso aconteceu?

Ele assentiu lentamente. — Eu estou trabalhando em algumas coisas.

— Ótimo. — Kat balançou a cabeça e voltou seu olhar para a frente da sala. — Contanto que haja um plano.

— Oh — ele deu um sorriso lento e fácil, — há um.

Kat viu tudo a partir de seu lugar na frente da sala — a maneira que LaFont se moveu para o microfone, o ritmo nervoso do leiloeiro, que estava de pé. A sala estava cheia de trezentas pessoas mal respirando quando as portas na parte de trás guincharam se abrindo. Cada cabeça se virou para ver mais dois guardas aparecerem, cada um segurando um Bagshaw na parte de trás do pescoço (o que poderia ter sido significativamente menos visível se os Bagshaw não estivessem vestidos como limpadores de chaminés).

Kat virou de volta para Hale. — Mary Poppins?

— Parecia uma boa ideia na hora.

— Oh. Sim. Obviamente. Só para que fique claro, esse plano mestre de vocês...

— Podem dar torcicolo para fazer funcionar. — Hale admitiu, em seguida, pegou a mão dela. Assim que ele a tocou, Kat sabia que não havia tal coisa como maldições. As pessoas fazem e perdem as suas próprias fortunas — eles são os donos do seu próprio destino. E nesse momento Kat não teria mudado nada.

Ela o beijou, suave e rápido.

— Por que fez isso? — ele perguntou.

Kat colocou os dedos em seu rosto e trouxe sua testa para perto da dela, tocando quando ela sussurrou: — Para dar sorte.

LaFont já estava no palco na hora que Kat se virou. — Senhoras e senhores, *mesdames et messieurs*. — Ele olhou a sala lentamente. Era o maior momento de sua vida, Kat sabia. A coroa da glória. A descoberta de uma vida.

Não deu nenhum pouco de tristeza nela ter que arruinar isso.

Justo então, as portas laterais se abriram. Mais dois guardas apareceram, um segurando um laptop, o outro com um aperto firme em um Simon muito corado.

Maggie virou para Kat, sorrindo, mas na frente da sala, LaFont continuou.

— Antes de começarmos, devido à magnitude dessa oferta, nós concedemos manter uma autenticação definitiva, aqui, diante dessas testemunhas, para verificar que essa é a famosa e uma vez desaparecida Esmeralda de Marco Antônio.

Isso não era novidade para qualquer pessoa na sala. Na verdade, os colecionadores e investidores reunidos já estavam bastante familiarizados com o homem do Museu do Cairo e a mulher da Índia, que era a mais respeitada gemologista do mundo. Um por um, meia dúzia de especialistas foram chamados e nomeados, suas credenciais lidas, até que a caixa com a pedra foi finalmente aberta.

Mesmo a pedra tendo sido oficialmente autenticada antes, a sala ainda observava em silêncio extasiado enquanto os especialistas reunidos em torno dela davam um show puramente cerimonial.

Mas não Maggie; Maggie estava olhando diretamente para Kat.

— Acabou, querida — ela disse, com um tapinha nas mãos de Kat. — Eu aprecio o seu entusiasmo. — Ela deslizou o olhar para Hale. — A dedicação que vocês têm mostrado. Eu vejo uma grande promessa em você.

— É mesmo? — Kat perguntou.

— Sim. — Maggie riu suavemente. Seus olhos estavam quase amáveis. — É quase como me ver.

— Eu não sou como você — Kat disse novamente, a conversa no carro voltando para ela, mas Maggie ainda não estava convencida.

— Claro que você é. Não tenha vergonha que você perdeu essa — ela disse. — Como eu estava dizendo a seu tio antes dele ir na noite passada, ele te ensinou bem. Você é uma excelente ladra. Mas é claro que existe alguns furos em sua educação.

— Existe? — Hale perguntou.

Maggie o ignorou.

— Quando isso acabar, você pode vir comigo, Katarina. Há tanta coisa que eu posso te ensinar.



— Você parece confiante, Maggie — Kat disse.

Não houve regozijo no sorriso de Maggie quando ela disse: — Eu estou.

Outra porta se abriu, e outro guarda apareceu, dessa vez com Gabrielle, que usava um macacão preto e cinto de rappel.

Esse deveria ter sido o fim, é claro. Kat olhou ao redor da sala para sua equipe vencida e batida, e parecia que a maldição havia vencido. Em poucos minutos, os lances teriam início, o cheque seria assinado, e a esmeralda desapareceria em outro país, atrás de um outro conjunto de paredes — talvez para não ser vista novamente por mais mil anos.

Estava quase no fim.

Kat sentiu a mão de Hale nas suas.

Estava apenas começando.

— Senhoras e senhores... — A gemologista da Índia finalmente se moveu para o microfone. Ela deu um olhar involuntário aos colegas que se reuniram atrás dela, depois respirou fundo e terminou: — É da opinião dos especialistas reunidos aqui que a joia conhecida como a Esmeralda de Marco Antônio é uma espécime magnífica.

Maggie suspirou, o som mais suave — como se ela estivesse prendendo a respiração durante cinquenta anos e só então se sentiu livre para soltá-la.

A especialista terminou: — Na verdade, é a falsificação mais espetacular que qualquer um de nós já viu.

# Capítulo 41

*Traduzido por Polly*

*Caos* não seria a palavra que Kat teria usado. *Caos* implica movimento, ação e medo. O que se seguiu foi o tipo mais silencioso de pânico que Kat já viu.

— Deve haver algum... Mas ela já foi autenticada por... Deve haver algum engano! — LaFont gritou, mas as palavras se perderam no barulho da vibração que estava crescendo dentro da sala, que, segundos antes, estava tão tranquila e reverente como uma igreja.

A multidão estava falando. Cabeças estavam virando. Mas, se alguém pensou que Margaret Covington Godfrey Brooks tinha sido parte da trama, tudo o que eles precisavam fazer era olhar para ela para ver que ela era a mais surpresa de todos.

Em um momento, o choque pareceu desaparecer, e Maggie estava de pé e correndo para a esmeralda.

— Madame! — LaFont chamou. — Por favor, volte ao seu lugar. Sente...

Mas Maggie não ia desmaiar. Ela não estava em risco de sofrer um derrame, e seu coração, Kat sabia, era muito falso para falhar. A verdadeira ameaça, Kat sabia, não estava no que poderia acontecer com Maggie, mas no que Maggie poderia *fazer*.

— Madame, você está bem? — LaFont tinha que saber, mas a mulher apenas empurrou ele para o lado como se ele também fosse

uma fraude elaborada e não tinha mais nenhum valor para ela.

— Mas todos estão aqui... — Maggie parou, e girou, seu olhar passando de Gabrielle para Simon, para os Bagshaw e depois voltando para Kat e Hale. — Todos estão aqui!

— Não, Maggie. — Kat balançou a cabeça. — Você perdeu um de nós.

Através do caos, deve ter sido fácil não notar o último adolescente que tinha aparecido no fundo da sala, cercado por homens de uniforme e uma mulher que estava muito elegante, incrivelmente bela, e completamente imune à loucura.

Nick deu um pequeno aceno na direção de Kat, então virou para a mulher ao seu lado. Sua mãe sussurrou algo em seu ouvido, em seguida, virou e gritou: — Sr. Kelly!

No início, parecia como se ninguém além de Kat tivesse escutado ela falar. Os jornalistas estavam em seus telefones celulares. Especialistas se reuniram perto, tentando explicar como o Marco Antônio foi tão real apenas alguns dias antes. Egos estavam machucados. Fortunas estavam frustradas. A Cleópatra e sua maldição eram as últimas coisas na mente de qualquer um até que a mulher com o sotaque britânico gritou: — Sr. Oliver Kelly!

— Sem comentários — Kelly disse, com uma volta rápida e um aceno de despedida.

— Isso é uma pena. — Amelia cruzou um braço sobre o outro. — Eu estava esperando que você pudesse ser capaz de explicar isso.

Ela apertou um botão em um dispositivo pequeno, e um momento depois, uma voz estrondosa veio pelos alto-falantes da sala. Um vídeo granulado começou a tocar nas telas atrás do palco.

— *A Esmeralda de Cleópatra não é amaldiçoada!*

— *Ele a pegou, não foi? O que eu não posso decidir é se ele se juntou a expedição dos Miller com o propósito de trair eles ou se foi apenas sorte de idiota.*

— *Meu avô não era idiota.*

— *É claro que ele não era. Se você me perguntar, ele era um gênio. Aquele grande tesouro? Pode ter sido o roubo do século.*

- *Oliver Kelly não era um criminoso comum!*
- *Quem falou em comum? Apenas me diga, de jovem ladra para jovem ladrão: ele fez isso, não foi?*
- *Não seja ridícula.*
- *Oliver Kelly pegou a pedra e construiu um império a partir disso.*
- *Meu avô era...*
- *Um visionário. Um pioneiro. O homem que entrou na câmara, enquanto a família Miller dormia, e reivindicou a Esmeralda de Cleópatra. Ele era um ladrão, não era?*

O ângulo da câmera estava estranho, como se alguém tivesse passado a manhã andando na parte de cima do elevador, filmando através das aberturas. Não mostrou mais do que um cabelo preto de uma menina pequena, mas não havia dúvida de que Kelly era o homem que estava tremendo, afrouxando a gravata quando ele admitiu: — *Claro que ele era.*

Um completo silêncio tomou conta da sala, e nesse breve segundo até mesmo o Marco Antônio foi esquecido.

— Como eu estava dizendo, Sr. Kelly, meu nome é Amelia Bennett, e eu trabalho para a Interpol. Se você não se importa, senhor, nós gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas.



Kat não ficou para ouvir as histórias e desculpas, as negações e mentiras. Hale tinha se libertado de suas amarras, e quando um braço caiu delicadamente em torno de seus ombros, Kat sentiu a tensão que ela estava carregando se dissolver. No fundo da sala, Hamish e Angus tinham escapado de seus guardas também. Simon também. Apenas Gabrielle permaneceu.

Kat observou Nick caminhar até os guardas que estavam ao lado de sua prima e dizer a eles: — Ela está com a gente — e rapidamente eles estavam livres — todos eles. Ninguém os parou nas portas. Fora dos portões, nenhum único turista parecia se

importar com os sete ladrões que estavam andando para longe após roubar a mais famosa esmeralda do mundo. Mais uma vez.

Pela primeira vez desde que ela chegou na Riviera, Kat realmente viu a água. Ela realmente sentiu o sol. O Mediterrâneo era bonito, ela pensou, enquanto caminhavam em direção aos penhascos.

— Katarina! — A voz chamou ela de novo, levada pelo vento, e apesar do sol e do ar marítimo, a mente de Kat piscou de volta para Nova York. Ela quase podia sentir o vento gelado e a chuva, e ela se perguntou o que poderia ter acontecido se ela não tivesse virado. Mas então Kat parou e balançou a cabeça. Ela olhou para Hale, e foi quando Kat Bishop finalmente conseguiu parar de pensar.

— Katarina. — Maggie não estava fugindo. Os oficiais da Interpol não tinham interesse na mulher que foi humilhada de forma tão pública. Seus quinze minutos no centro das atenções acabaram, assim que o Marco Antônio se foi, enterrado, enquanto a Cleópatra foi deixada sozinha no centro do palco.

E Maggie, Maggie foi deixada para andar sozinha, no sol.

— Como? — A palavra parecia machucar ela, mas não havia nenhuma raiva, nenhuma ameaça. Apenas curiosidade profissional quando ela deu um passo adiante, a derrota em seus olhos. — Você é uma criança, Katarina. Uma menina talentosa, inteligente, mas... uma criança.

— Eu sou uma ladra, Maggie.

— Sim, é claro. Mas... como?

Kat sentiu sua equipe ao seu redor: O braço de Hamish pendurado em volta dos ombros de Simon; as delicadas mãos de Gabrielle envoltas através dos braços de Angus e Nick. A própria mão de Kat encontrando a de Hale, seus dedos se entrelaçando, suas palmas pressionadas com tanta força que Kat sabia que nada poderia ficar entre eles. Nada. Ela olhou para ele. Ninguém.

— É fácil — Kat disse, — quando você não tem que fazer isso sozinha.

— Mas seu tio...

— Desempenhou o seu papel com perfeição, você não acha? — Gabrielle disse. — Eu acho que talvez ele não perdoou você depois de tudo. — Kat observou o choque invadir os olhos de Maggie enquanto sua prima falava. — Quer dizer, sem ele, você provavelmente nunca teria trazido a Cleópatra para a cidade, e sem isso... bem...

Kat empurrou o cabelo fora de seus olhos e estudou a mulher que poderia ter sido seu futuro. Talvez. Mas então Kat sentiu Hale apertar a sua mão, enraizando ela, chamando ela para o aqui e o agora, e Kat sabia que, contanto que ela nunca se deixasse levar, ela e Maggie nunca compartilhariam os mesmos passos.

— Mas... — Maggie começou, tropeçando nas palavras.

— Você ainda não entendeu, não é, Margaret? — Kat sorriu quase com tristeza. — Nós nunca tivemos que roubar o Marco Antônio. Tudo o que tínhamos que fazer era tê-lo ao lado da Cleópatra e mudar as placas.

## DUAS SEMANAS

# DEPOIS DO LEILÃO

URUGUAI  
OU TALVEZ SEJA  
PARAGUAI...

## **Capítulo 42**

*Traduzido por Polly*

Embora a história da esmeralda chamada Marco Antônio tenha corrido em todos os jornais, não era o tipo de notícia que importava em um lugar muito longe como Valle Dorado. O verão tinha sido muito quente, a estação chuvosa muito longa, e havia muito trabalho a fazer para se preocupar com uma pedra verde que estava a há dois mil anos e meio mundo de distância.

Ou então foi o que as pessoas disseram. Mas os sussurros, Kat percebeu, os sussurros eram sempre os últimos a morrer.

Sentada entre Hale e Gabrielle em um café na parte ensolarada da praça, Kat tentou não pensar sobre os jornais que estavam intocados no chão, aos pés de Hale. Ela sabia muito bem o que eles diziam...

Que o Marco Antônio era uma farsa. Uma bela falsificação. Um golpe delicado. Os muitos especialistas que inicialmente tinham jurado que a esmeralda era autêntica, agora estavam atribuindo o seu erro aos instrumentos defeituosos e a fadiga.

Se alguém foi procurar a mulher conhecida como Margaret Covington Godfrey Brooks, eles não a encontraram. Ela se foi quase tão rapidamente como o Marco Antônio, dissolvida entre os turistas e a multidão, levada para longe como as ondas e a areia, mas Kat sabia que ela ainda estava lá fora. Kat sabia que ela algum dia, como o Marco Antônio, poderia ser vista novamente.

Do outro lado da praça, havia uma fonte com uma estátua de São Cristóvão, uma igreja abrindo suas portas após sua missa matinal. Ela viu crianças em idade escolar e comerciantes, ouviu os sinos tocando, dizendo ao mundo que era hora de seguir com a vida.

— Quanto tempo? — Hale perguntou.

— Três minutos — ambas as meninas disseram ao mesmo tempo.

As pessoas na praça naquele dia notaram os três jovens que estavam sentados em uma mesa, pedindo limonada. As meninas usavam vestidos brancos, e o menino um chapéu de palha, e eles pareciam quase como uma pintura, sentados ali, absorvendo o sol.



Quando as bebidas chegaram, Gabrielle cruzou uma longa perna sobre a outra, e Kat teve que perguntar: — Como está o tornozelo?

Gabrielle sorriu. — Bom como novo.

Talvez a maldição foi quebrada e acabou, ou talvez nunca foi real. Tudo o que Kat sabia com certeza era que há algumas coisas que mesmo os melhores artistas não podem falsificar. Há alguns eventos que mesmo os melhores ladrões não podem planejar. E o amor verdadeiro... o amor verdadeiro nunca pode ser dividido em dois.

Ela se perguntou por um segundo sobre o Marco Antônio, e algo lhe dizia que as histórias eram verdadeiras — que estava lá fora em algum lugar, perdido e esperando — mas Kat também sabia que ela não iria procurar por ele.

O que Kat realmente precisava, ela já tinha encontrado.

— Ao tio Eddie — Hale disse, erguendo seu copo. — O supremo homem infiltrado.

Gabrielle repetiu o brinde, mas Kat não teve coragem de dizer as palavras.

— O que foi? — Gabrielle perguntou.

— Você acha que ele ainda a ama? — Ela manteve os olhos grudados no outro lado da rua quando um homem bem vestido entrou em um banco, aparentemente alheio ao caminhão de lixo que estava em marcha lenta apenas a seis metros de distância.

Kat olhou para sua limonada. — Você acha que ele traiu o amor da sua vida... por causa de nós?

— Ela usou o nome Romani, Kat — era a resposta de Gabrielle. — E, além disso... — Ela deixou as palavras prolongarem. Seu olhar foi para longe, e havia uma sensação de paz na forma que ela disse: — *Nós somos* o amor da vida dele. — Ela levantou o copo novamente. — À família.

Desta vez Kat não poderia deixar de participar.

— Então, não é a hora da... — Hale começou, mas parou quando, a meia quadra de distância, uma forte explosão soou e uma espiral de fumaça preta subiu, bloqueando temporariamente o céu.

— Sim — Kat disse.

— E o seu pai tem certeza que a organização criminosa do anel que estão mantendo nesse esconderijo não sabe o valor real? — Hale perguntou, preocupado.

— Bem, estamos prestes a descobrir — Kat disse quando um homem correu para a fonte, então chamou em um rápido espanhol que precisava de todas as mãos disponíveis na parte de trás da igreja. — Uau. A perna do tio Felix está muito melhor.

— Sim. — Gabrielle deu um aceno entusiasmado. — Ele está se locomovendo muito bem.

Houve caos na praça enquanto as pessoas gritavam e fumaça subia, mas os três adolescentes ficaram sentados em silêncio, esperando, quando o tio Eddie subiu no caminhão e foi embora.

— Então — Hale disse, assistindo a fumaça subir e os Bagshaw correrem. — Para onde agora?

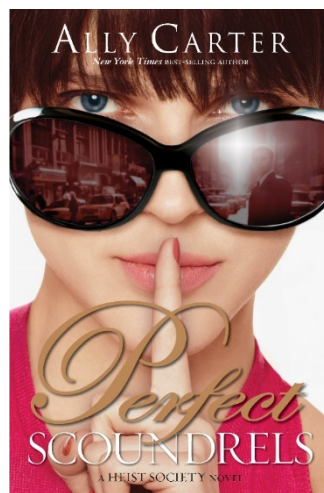
Kat se levantou e tomou sua bebida em um só gole, colocou o copo de volta na mesa, e se virou para o sol.

— Bem, veja, há uma caverna na Suíça que eu realmente preciso encontrar. — Ela colocou seus óculos de sol; ela já estava no meio da rua quando se virou e olhou para Hale e Gabrielle. — Vocês vêm?

**FIM!**



# Próximo Livro



***Katarina Bishop e W. W. Hale Quinto nasceram para levar vidas completamente diferentes: Kat vem de uma longa e orgulhosa linhagem de amáveis cérebros criminosos, enquanto Hale é o herdeiro de uma das dinastias mais aparentemente perfeitas do mundo. Se suas famílias têm alguma coisa em comum, é o fato que ambas sabem como permanecer sob o radar enquanto ganham ou roubam o que quiserem. Não importa o risco, sempre se pode contar com os Bishop, mas, na família Hale, não há espaço para riscos quando o dinheiro está em jogo. Quando Hale inesperadamente herda a corporação de sua avó de bilhões de dólares, ele aprende rapidamente que não há lugar para Kat e seus antigos golpes em seu novo papel. Mas Kat não vai deixar ele ir facilmente, especialmente depois que ela percebe que a vontade da avó dele pode ter sido alterada por um golpe que pretende roubar a fortuna da empresa. Então, ao invés de ser o herdeiro desta vez, Hale pode ser a vítima. Forçados a manter a cabeça no lugar enquanto ela e sua equipe lutam por um dos seus, Kat surge com um plano ambicioso e de longo alcance que só a família Bishop ousaria tentar. Para***

***ajudá-lo, Kat está preparada para fazer o impossível, mas, primeiro, ela tem que decidir se está disposta a salvar a empresa de Hale mesmo que isso signifique perdê-lo.***